

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Projetos e cotidiano de um movimento cristão na Universidade de Brasília: o NVC

RODRIGO CARLOS DA ROCHA

Brasília, 2011

“Projetos e cotidiano de um movimento cristão na Universidade de
Brasília: o NVC”

Rodrigo Carlos da Rocha

Orientadora: Prof^ª Cristina Patriota de Moura

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social da Universidade
de Brasília como um dos requisitos
para a obtenção do título de mestre.

Banca examinadora:

Prof^ª Cristina Patriota de Moura (DAN/UnB — presidente)

Prof^ª Ana Keila Mosca Pinezi (PCHS/UFABC)

Prof^ª Janine Helfst Leicht Collaço (FCS/UFG)

Suplente:

Rosa Virgínia Araújo de Albuquerque Melo (DAN/UnB)

A Vigolva, Oscar, Fátima, Raquel, Rayanne e Wanessa, minha família.

Tratei de ler os autores com cuidado, de observar como dispunham a matéria, como desenvolviam, a procurar teorias de estilo, e isto, como todo principiante, fui procurar no enfado dos clássicos; mas, bem depressa, abandonei esse sestro e o meu escopo foi unicamente vazar o melhor possível o pensamento que queria vazar no papel.

Lima Barreto, *Cemitério dos vivos*

AGRACEDIMENTOS

A meus interlocutores do NVC, por terem me deixado “invadir” parte significativa de suas vidas. Em especial, deixo minha gratidão a Rachel, Kelly e Marina, que tanto me ajudaram em meu empreendimento.

À minha orientadora, Cristina, que me ajudou de inúmeras e valiosas formas. Atenta, cuidadosa, disponível, e crítica na medida certa, ela tem sido de grande importância em minha formação.

Aos professores do Departamento de Antropologia, especialmente aqueles com quem tive aula, por terem posto à minha disposição suas habilidades e atenção.

Aos demais funcionários do departamento, igualmente importantes em meu dia a dia de estudante.

Às professoras Ana Keila Pinezi, Janine Collaço e Rosa Melo, por tão gentilmente terem se disposto a compor a banca examinadora desta dissertação.

Aos amigos da pós-graduação, com quem venho convivendo nessa aventura antropológica em terras e ares brasilienses. Aos da minha turma e aos da catacumba, numerosos demais para serem citados.

Ao CNPq pela bolsa de mestrado a mim concedida nesses 24 meses.

À Finatec pelo aporte fornecido para que eu compartilhasse algumas reflexões desta dissertação no X Congreso Argentino de Antropología Social, em Buenos Aires.

Aos meus amigos — em Brasília, em Mossoró e em outras latitudes — pela cumplicidade e pelo riso, elementos tão essenciais para quem vive o “corre-corre” da academia.

À minha família e à minha companheira Wanessa pela afeição, pelo apoio e por um sem-número de outras coisas tão essenciais à minha vida.

RESUMO

Muitas organizações cristãs estão em atuação diária nas universidades, não só no Brasil, mas também em muitos países do mundo. Não obstante, ainda é pouca a literatura especializada de cunho etnográfico sobre elas, notadamente no Brasil. Esta dissertação trata de uma dessas coletividades: o Núcleo de Vida Cristã (NVC), coletivo paraeclesialístico organizado e mantido por estudantes da Universidade de Brasília há mais de uma década e meia. Trata-se de um mapeamento da temática em tela, a partir de um caso particular. A pesquisa foi realizada com base em observação participante, fontes textuais, entrevistas e um questionário.

ABSTRACT

Many Christian organizations operate every day at college campuses in Brazil and almost everywhere around the world. Despite of this, there are no many ethnographic works on this theme, mainly in Brazil. This thesis deals with a parachurch group organized and maintained by University of Brasília students since the mid 1990s (The “Núcleo de Vida Cristã”), and tries to provide a mapping of its most important attributes. The research was carried out by using participant observation, textual sources, interviews, and questionnaire.

SUMÁRIO

Introdução	09
Uma história para começar	09
Evangélicos em várias frentes de atuação evangelística... e na universidade	12
Campo fértil e (ainda) pouco explorado	15
Objetivo e organização da dissertação	17
Formatação da pesquisa	18
1. Uma visão geral do Núcleo de Vida Cristã	29
1.1. Algumas histórias fragmentadas sobre os primeiros tempos	29
1.2. O Núcleo de Vida Cristã na estrutura das organizações paraeclesiais	32
1.3. Objetivos e razão de existência do NVC: fortalecer os cristãos da UnB e difundir a palavra de Deus em mais um campo missionário	35
1.4. Motivações “individuais” para a participação no NVC	39
1.5. Organização do Núcleo de Vida Cristã: as pastas	41
1.6. Os líderes de pasta e a liderança	44
1.7. A tomada de decisão	50
1.8. Canais virtuais para a comunicação do Núcleo de Vida Cristã	54
1.9. Quem são os envecistas de que tanto falo?	58
2. As atividades do Núcleo de Vida Cristã	64
2.1. Um sobrevoo sobre as atividades do NVC	64
2.2. A reunião de terça-feira	75
2.3. Grupos de debate	84
2.4. Ensaaios do coral	89
2.5. Impacto evangelístico	97
3. Vivência cristã na Universidade de Brasília: considerações a propósito do Núcleo de Vida Cristã	106
3.1. Resistências e “preconceito”: “universidade não é lugar para religião”	107
3.2. A fé na berlinda: ataques ao cristianismo dentro e fora de sala de aula	110
3.3. Universitário, mas cristão	116
3.4. “Jamais seremos pós-modernos”: a peleja envecista em favor da “verdade” em uma universidade relativista	117
3.5. Vivência no NVC em contraposição a uma vivência “atomizada”	120
4. Amizade e circulação interdenominacional	122
4.1. Núcleo de amigos cristãos	122
4.2. Encontros	127
4.3. Circulação ampliada	129
Considerações finais	133
Bibliografia	136

INTRODUÇÃO

Uma história para começar

Hoje é um dia qualquer de maio de 2010. Otávio salta do ônibus 116 na parada da quadra 407 da Asa Norte de Brasília, e se encaminha ao outro lado da via L2, em direção à quadra 607, os últimos 200 ou 300 metros que o separam do Darcy Ribeiro, maior e mais antigo campus da Universidade de Brasília¹ (UnB). Cozinhadas por dois meses de uma greve que paralisou a UnB, suas expectativas e ansiedade são grandes. Ele não vê a hora de finalmente poder dizer aos amigos e familiares: “sou estudante da UnB”. Ao longo dos últimos meses, tinha ouvido boas coisas sobre ela: observações pontuais, lembranças intensas, causos os mais variados e indicadores que o autorizam, crê, a esperar desta instituição bons momentos acadêmicos e, por que não, vivenciais. Para além de ser uma “boa” universidade em termos de ciência/ensino, disseram-no, esta universidade é um bom lugar para “viver”. “Na UnB quase todo dia tem festa; tem as festas dos centros acadêmicos, tem gente nos gramados tocando violão e tomando cerveja, e tem muita gente com mente aberta, muita diversidade, muito movimento, muito protesto”.

Ele continua seu caminho, e, após driblar alguns prédios, pequenas áreas gramadas, duas ou três ruas e um enorme estacionamento apinhado de carros, chega à entrada de uma imensa construção cuja extremidade direita lhe foge ao alcance do olhar. Uma placa fincada no chão logo lhe diz que está na entrada norte do Instituto Central de Ciências, ICC (ou melhor: do Minhocão, para usar o termo pelo qual é mais bem conhecido). (Há quem diga que, visto a certa altura, o ICC se assemelha a uma grande minhoca. Daí o nome Minhocão.) Esta entrada é popularmente conhecida como Ceubinho. Este apelido vem do nome de uma tradicional faculdade particular de Brasília – o CEUB, Centro Universitário de Brasília. As explicações mais difundidas dizem que como a entrada norte é um local em que as pessoas não estudam – pois serve, principalmente, de espaço para a locomoção, o conversar e o alimentar-se, decidiu-se nomeá-la Ceubinho, em uma clara “zoeira” com os alunos da referida instituição particular, fato, aliás, que denota algo de um etos bem difundido entre os estudantes da UnB: o “sentir-se superior” aos

¹ A Universidade de Brasília, fundada em 21 de abril de 1962, se divide em quatro campi, todos no Distrito Federal: Asa Norte/Plano Piloto (Darcy Ribeiro), Campus Ceilândia, Campus Gama e Campus Planaltina. O Darcy Ribeiro, espaço onde se passará a maior parte das tramas desta dissertação, tem área total de 3.950.569, 07 m², sendo 513.767, 16 m² construídos. Fonte: http://www.unb.br/sobre/o_que_e e http://www.unb.br/sobre/o_campus.

alunos das demais instituições de ensino superior (IES) do Distrito Federal (DF). A mesma lógica de nomeação explica o epíteto há gerações consagrado à entrada da parte sul do ICC: Udefinho. Como o leitor mais ou menos já deduziu, existe em Brasília um centro universitário de nome UDF.

Mas voltemos ao Minhocão. Projetado por Oscar Niemeyer, este é maior prédio da Universidade de Brasília. São 104.000 m² construídos e 720m de extensão, que servem de arena para o convívio e o transitar de aproximadamente 10.000 pessoas todos os dias. Nele se concentram aproximadamente 50% de todas as atividades da universidade². De certo ângulo, o Minhocão pode ser visto como uma imensa *rua*, dados, entre outras coisas, seu “senso espacial de cercamento” e seu fervilhar de transeuntes³. Sua entrada norte – digo, o Ceubinho – é um dos pontos mais movimentados. É também comumente usado como arena ou ponto de encontro para a realização de uma série de atividades: reuniões do Diretório Central dos Estudantes (DCE), protestos, carreatas, debates entre chapas candidatas em algum pleito de centro acadêmico (CA), apresentações artísticas, oferta de serviços bancários, compra e venda de senhas para festas e de produtos orgânicos, e assim por diante.

Otávio se encontra em vias de entrar no Ceubinho. Ao lado da placa que lhe informa sua localização, ele vê dois bancos, em que estão sentadas seis ou sete pessoas que conversam entusiasmadas. Encostadas em uma parece, duas moças, talvez estudantes, se beijam. Alguns metros mais distante, uma garota, celular em mãos, parece demonstrar impaciência, e lança seus olhos algumas centenas de metros à frente, naquele mar de carros, como se estivesse a esperar alguém. Mais à direita, ele vê duas lanchonetes, e cadeiras, mesas, pessoas e hambúrgueres em suas cercanias. Em alguns bancos, também à direita, casais, amigos e o que parece ser um jovem solitário. Além disso, há pessoas em movimento, e outras paradas, em pé ou sentadas. Em cadeiras ou no chão. Elas não parecem se importar com este detalhe. Logo um *hippie*, sentado no chão com uma manta coberta de anéis, pulseiras, colares e outros adereços, o chama: “ei, vem olhar os meus trabalhos”. Ele ignora os apelos do *hippie* e segue, para finalmente, adentrar o Ceubinho.

Tanto à esquerda quanto à direita, nosso personagem vê grupos de estudantes sentados em volta de algumas mesas. Adornando as mesas do lado esquerdo, muitos cartazes de

² Fonte: <http://www.unb.br/tour/faculdades/>.

³ O trecho entre aspas foi retirado do livro de James Holston (1993).

um churrasco, atividade realizada pelo CA do curso de direito. As mesas, “coladas” umas às outras, funcionam como guichê onde é possível comprar ingressos para esta festa. Homem paga 40; mulher, 30. É *open bar*. À direita, o outro conglomerado de mesas parece formar mais um guichê. Ingressos para outra festa são vendidos. Nos dois pontos de venda há *soundsystems* que tocam, de um lado, *rock* à The Strokes, e, de outro, um sertanejo, que parece, aos ouvidos deste calouro, de extremo mau gosto.

Mal entra no Ceubinho e já é abordado. Uma moça, roupa folgada e cabelo solto, lhe entrega um pequeno jornal de um grupo de esquerda. Ele agradece a gentileza, lê algumas das manchetes na capa e sente-se um tanto leigo a respeito de acontecimentos aparentemente importantes, como a crise da Grécia, o ataque dos meios de comunicação direitistas à organização política de setores da população brasileira, a legalização do desmatamento pelo código florestal. Afirma para si mesmo que, estando na universidade, se esforçará para acompanhar mais de perto os principais acontecimentos políticos do Brasil e do mundo.

Fica um instante ali parado, dividindo seus olhos e sua atenção entre o papel em suas mãos e o ambiente a sua volta. Neste, vê um caixa eletrônico, um balcão de informações e estudantes sentados na borda de alguns canteiros. Já com o jornal devidamente guardado na mochila, aproxima-se de um dos três murais que existem ali no Ceubinho, e pode ver, por essa via, algumas mostras do que a universidade pode, direta ou indiretamente, lhe oferecer. Cartazes do DCE, de CAs, de grupos políticos, de prestadores de serviços acadêmicos (digitação, tradução, transcrição de entrevistas, etc.), de peças e shows, de calouradas, de churrascos, de encontro de espíritas, e um montante de oferta de móveis usados, quartos em repúblicas, e, o que ele acha inusitado, uma poesia escrita a punho em uma folha pautada. “Muita coisa”, pensa. Olha pra cima e vê, já na sobreloja, o continuar da exposição de cartazes, organogramas, faixas e avisos de todos os gêneros. Um, com mais de dois metros de largura, toma por um instante sua atenção: “Missa na UnB, todos os dias, sala BT-123, ICC-Sul, às 12h00min horas”.

Vai adiante. Chega, então, ao local, ainda no Ceubinho, onde há lanchonetes, reprografias, terminais de acesso gratuito à internet, uma papelaria e uma livraria. Na primeira lanchonete, pede um refrigerante e um quibe, e fica em uma dessas mesas em que se come em pé, digerindo este novo ambiente, que lhe parece tão vivo e funcional. Ouve neste momento, na mesa ao lado, algumas palavras de uma discussão, ele supôs,

sobre filosofia. Eram três alunos. Dois diziam que o apriorismo, ou algo do tipo, não resistia aos avanços propostos pela sociologia; o terceiro, que Kant continuava a ser mal compreendido. Nosso protagonista se sente contente por estar ali. Orgulhoso, talvez seja mais exato dizer. Estar na UnB, com esse fervilhar de gente, com as festas, com os grupos políticos, o deixava com uma ótima sensação de liberdade. Sim, liberdade. Após acabar o ensino médio, trabalhou durante dois anos em um emprego que lhe parecia ao mesmo tempo careta e mecânico. Sentia-se preso. Na UnB, de acordo com o trato feito com seus pais, não precisaria trabalhar; bastariam os estudos. Passar o dia naquele ambiente lhe afigura muito inspirador!

Agora são 13 e 40. Sua aula começa em vinte minutos, mas antes ele tem de ir ao banheiro. Ainda sentindo-se um tanto perdido, pergunta à primeira pessoa que passa onde pode encontrar um. “Suba essa escada e siga à direita”, ouviu como resposta. Segue as instruções. Vencido o último lance de escada (são apenas dois), ele se vê na sobreloja, bem acima do Ceubinho, no mezanino norte. É um local bastante espaçoso e normalmente vazio, à exceção da presença de um posto do Centro de Seleção e de Promoção de Eventos (Cespe), órgão ligado à Universidade de Brasília. Antes que comece a voltar seu corpo para a direita, para chegar ao banheiro, tem sua atenção captada por uma série de pessoas, umas 40 talvez. Estas estão sentadas em cadeiras, formando praticamente um círculo em volta de um rapaz em pé. Este porta um papel em suas mãos, gesticula moderadamente e fala aos presentes. Nosso neófito se encosta a uma espécie de corrimão e, curioso, observa. Então ouve o rapaz no centro do círculo falar do amor de Deus, de uma universidade com muitas vãs filosofias, da necessidade de manter-se reto na fé em um ambiente com muitas coisas que desagradam a Deus, e da necessidade de levar a palavra de Deus à comunidade universitária. “Ah, são os crentes”, pensou. Sai em direção ao banheiro, mas continua a pensar no que acabara de ver e ouvir, com um sentimento que se fosse mais intenso poderia ser chamado de raiva. “Até aqui na universidade? Os crentes estão em todo lugar: na tevê, no rádio, no Facebook, na rua onde eu moro, nos templos em quase toda esquina, nas discussões sobre as eleições deste ano, e mesmo na universidade. Saco! A universidade é laica!” Logo se livra desses pensamentos – e do excesso de líquido em sua bexiga – e vai procurar a sala onde terá sua primeira aula de Introdução à Sociologia.

Evangélicos em várias frentes de atuação evangelística... e na universidade

Com esta história de abertura, fictícia (em seu sentido mais restritivo) mas bastante verossímil e embasada em dados que “captei” em meu trabalho de campo e em minhas perambulações literárias sobre o tema, dou uma pequena mostra do que nos espera ao longo deste trabalho. Sim, meu tema, *lato sensu*, são “os evangélicos⁴”. Este segmento do cristianismo vem sendo bastante estudado pelos cientistas sociais no Brasil. E há razões para que assim seja.

Aponto duas. Primeira: a significância demográfica dessa população. De fato, os evangélicos são numerosos demais para serem ignorados pelas ciências sociais. Sobre esse tema, a literatura é farta (cf., por exemplo, Jacob et. al. 2003; Campos, 2008; Rocha, 2010, Neri, 2011). Os evangélicos, que na década de 1940 eram pouco mais que um milhão de pessoas, chegaram, em 2000, à cifra de 26 milhões⁵. Ou seja, se em 1940 eles eram 2,6% da população brasileira, em 2000 já eram 15,6%⁶. Algumas pesquisas mais recentes têm demonstrado a continuidade da mesma tendência de crescimento. Segundo a pesquisa Datafolha, os evangélicos eram 22% da população em 2007 (Datafolha, 2007); já na Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), referente a 2009, esse ramo do cristianismo aparece com 20,2% (Neri, 2011), percentual que, em termos absolutos, equivale a quase 40 milhões de pessoas. O outro lado da moeda é que o Catolicismo tem decrescido (se não em termos absolutos, em termos proporcionais sim): em 1940, 95,5% dos brasileiros se diziam católicos; em 2000, 73,9%⁷. Tanto os dados da pesquisa Datafolha quanto os da POF confirmam esta tendência: os católicos aparecem com 64% e 68,43% da população brasileira, respectivamente. Isso tem a ver, entre outras coisas, com o fato de o Catolicismo ser o principal “doador” de crentes para as igrejas evangélicas (Almeida, Montero, 2001).

Segunda: eles estão embrenhados em várias frentes de atuação, movidos por um sobressalente ímpeto missionário/evangelístico (Mafra, 2001), o que redundava em grandes

⁴ Também chamados de protestantes, os evangélicos comumente são agrupados pela crítica em dois grandes ramos: os evangélicos históricos (ou tradicionais) e os pentecostais. Como bem sintetiza Regina Novaes (1998, p. 7), “Os protestantes históricos surgiram na Europa entre a Reforma do século XVI e o final do século XX. Os pentecostais, de berço protestante, surgiram nos Estados Unidos no início do século XX”. Ambos os ramos endossam a crença no Deus Trino (Pai, Filho e Espírito Santo) e, entre outras coisas, o princípio *sola scriptura*, isto é, a “convicção de que toda a doutrina e a prática eclesial devem ser determinadas apenas pela [Bíblia]” (Pacomio et. al., 2003, p. 714). Mas as igrejas pentecostais em geral apresentam notáveis diferenças em relação às históricas: aquelas “partilham a crença de uma segunda e imediata vinda de Cristo” e “acreditam ter acesso, no dia-a-dia, aos dons e carismas do Espírito Santo” (Novaes, 1998, p. 7), como curar, profetizar, falar em línguas, entre outros; as históricas, não.

⁵ De acordo com os dados dos censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

⁶ De acordo com os dados dos censos do IBGE.

⁷ De acordo com os dados dos censos do IBGE.

impactos socioantropológicos. É dentro deste contexto que podem ser entendidas, embora não integralmente, a inserção de denominações evangélicas na paisagem urbana, com a construção de imponentes templos em locais de grande circulação e visibilidade, dando vazão a um mandamento bíblico de difusão da fé cristã (Fernandes, et. al., 1998); sua ação na política partidária, uma “arena sujeita às influências demoníacas”, em que os evangélicos agem a fim de “restaurar a Nação brasileira⁸” (Tadvald, 2010, p. 84, Duarte T., 2011, p. 92, respectivamente); o domínio que exercem sobre significativos espaços nos meios de comunicação e a posse de seus próprios veículos⁹ (Lima, 2009); e, *inter alia*, sua forte penetração nas “periferias” (Fernandes et. al., 1998; Jacob et. al., 2003, Mafra, 2009; Rocha, 2010), etc. Mas os evangélicos também estão presentes, de forma organizada e com claros propósitos evangelísticos nas universidades e demais instituições de ensino superior, como bem percebeu o protagonista da história de abertura deste prólogo.

É sabido que os protestantes sempre foram conhecidos como um povo missionário cristão (Mafra, 2001). O moderno movimento missionário, sempre concebido como uma missão *transcultural* que implicava na transposição de longas distâncias, se caracterizou pelo envio de evangélicos a países em que a palavra de Deus ainda não era difundida ou era muito pouco (Padilha, 2009, Quadros, 2011). Entretanto, ao perceberem o impacto da “secularização” em seus países de origem, os evangélicos começaram a formar missões cujo campo se localizava *at home*, missões essas que tinham por principal objeto a juventude, “uma das mais atingidas pelas tendências antieclesiásticas” (Quadros, 2011, p. 21). O principal campo de atuação desse tipo de movimento missionário “interno” é a universidade, que, para uma visão hegemônica entre os evangélicos, é o principal local de difusão do ceticismo religioso (Quadros, 2011).

A universidade se torna, então, um campo missionário estratégico para esse segmento cristão. Primeiro, porque, sendo “área favorita do trabalho de Satanás¹⁰”, ela destrói a fé de muitos crentes que nela ingressam, ou, segundo outra versão, ela fornece o ingrediente que falta para que o crente que carece de identidade cristã “desvie-se”, isto é,

⁸ Tão forte é sua atuação que “hoje não há mais como pensar a política brasileira sem levar em consideração o segmento evangélico” (Tadvald, 2010, p. 86).

⁹ Conforme coloca Venício de Lima: “levantamento realizado por Figueredo Filho, apoiado em informações da Anatel e da Abert, até março de 2006 revela que 25,18% das emissoras de rádio FM e 20,55% das AM nas capitais brasileiras são evangélicas” (Lima, 2009).

¹⁰ Segundo as palavras de Robinson Cavalcanti, ex-secretário regional para o Norte e Nordeste da Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB) e ex-membro da Fraternidade Teológica Latino Americana, FTL (Quadros, 2011, p. 17).

tenha sua fé esfriada¹¹. Segundo, porque dela saem pessoas que ocuparão posições importantes na estrutura econômica e política do país, o que favorece o projeto maior de evangelização do Brasil, que passa, inevitavelmente, pela conversão das “elites” e pela inserção de evangélicos em posições de forte impacto social¹².

Muitas coletividades evangélicas estão em atuação diária nas universidades, não só no Brasil, mas em quase todos os países do mundo. Normalmente elas são organizações paraeclesiais¹³, aquelas organizações (de variados formatos e tamanhos) que atuam “à margem de” e/ou “ao lado” da congregação ou da denominação (Scheitle, 2008). Mas também podem ser suborganizações (“ministérios”) submetidas espiritual e administrativamente a alguma igreja ou denominação.

Exemplos do primeiro tipo de organizações são a Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB), filiada à transnacional *International Fellowship of Evangelical Students* (IFES), e a Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo (CEPC), filiada à norte-americana *Campus Crusade for Christ* (CCC). Ambas estão presentes em muitos *campi* do Brasil: a ABUB, em *campi* de 95 cidades; e a CEPC (através de seu ministério Alfa & Ômega) em 55 *campi*. Mas também há organizações paraeclesiais com atuação “local”. No Distrito Federal, destaca-se a Núcleo de Vida Cristã (NVC), formada há mais de uma década e meia por estudantes da UnB. Exemplo do segundo tipo de organização é o braço evangelístico da denominação Comunidade Cristã Ministério da Fé (CCMF) Fire Universitário, presente em 11 faculdades/universidades no Distrito Federal (DF).

Campo fértil e (ainda) pouco explorado

¹¹ Esta última interpretação foi enfatizada no texto-base em um importante congresso sobre a ação missionária nas universidades, a 7ª Consulta Nacional de Evangelização Universitária, realizada de 21 a 24 de abril de 2011 na Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte.

¹² Ver, por exemplo, a declaração de objetivos de uma das principais organizações que encaram os *campi* universitários como campos missionários. Após citar três ex-presidentes brasileiros e um ex-ministro, assim como as universidades onde fizeram seu curso superior, o texto diz: “Imagine se cada um desses homens tivesse ouvido falar de Cristo nos tempos de universidade. Imagine se eles tivessem recebido as boas novas de salvação. Será que com isso outra história espiritual teria sido escrita para o Brasil? Pois o nosso objetivo é exatamente escrever uma outra história para o futuro do Brasil por meio de uma revolução nos bancos acadêmicos”. Fonte: <http://alfaomega.org.br/>.

¹³ O tema das paraeclesiais é retomado no Capítulo I.

Não há como negar a relevância socioantropológica deste movimento — em grande medida desarticulado, é verdade, mas afinado em seu objetivo maior de evangelizar um espaço estratégico que é a universidade. Na contramão da importância do tema, a literatura sobre o assunto ainda deixa muito a desejar, ao menos em termos quantitativos. Um dos motivos que me parecem relevantes para explicar esta lacuna é uma “tradicional” abordagem das ciências sociais da religião às congregações/denominações, sempre que almejam abordar a dimensão coletiva da vida religiosa evangélica¹⁴. Age-se, em geral, como se os evangélicos só louvassem a Deus, só estivessem em comunhão entre irmãos, só empreendessem preleções bíblicas sob a guarda de uma congregação e de um pastor. Disso resulta — se tivermos em mente que as missões universitárias são executadas principalmente por organizações paraeclesiais — a pouca atenção dada a este campo de estudos. Esse foco nas congregações e denominações é facilmente notado em publicações sobre o campo religioso brasileiro e/ou sobre os evangélicos. O livro da antropóloga Clara Mafra *Os evangélicos* (Mafra, 2001), voltado a fornecer um panorama do setor evangélico no Brasil, traça a complexidade desse domínio remetendo o leitor ao emaranhado de denominações, o qual vem se complexificando como resultado de uma lógica segmentar, a qual, mediante divisões (“cismas”), dá origem a novas denominações. Ela nada fala sobre as paraeclesiais. Regina Novaes, em apresentação a uma das principais obras lançadas sobre o protestantismo na década de 1990 (Fernandes et. al., 1998), descreve o protestantismo como um campo “organizado em denominações” (Novaes, 1998, p. 8). Já em *O campo religioso contemporâneo no Brasil* (Sanchis, 1997), Pierre Sanchis aponta a pluralidade religiosa no Brasil, caracterizada, entre outras coisas, por uma porosidade de identidades (uma pluralidade subjetiva), e por uma pluralidade institucional em nível congregacional ou denominacional. Enquadramentos desse tipo não contêm nada de problemático *em si*, é bom que fique claro. Mas podem redundar, principalmente se não puderem contar com apropriações cuidadosas por parte dos leitores, no obscurecimento do fato de que há muita vida religiosa evangélica coletiva fora dos muros das igrejas, ou seja, no fato de que os agrupamentos morais atuantes como substrato da vida religiosa evangélica – usando alguns dos termos de Durkheim (1996, p. 28) – podem ter muitos formatos.

¹⁴ Para o campo da religião nos Estados Unidos, Christopher Scheitle (2008, p. 3) defende que a pouca ênfase nas paraeclesiais deve-se, entre outras coisas a uma “difficulty in finding data on these organizations and a traditional focus on individuals and churches”.

Como acabei de sugerir, a literatura sobre as paraeclesiásticas não é tão abrangente. Nos Estados Unidos, país que concentra o maior número dessas organizações e de estudos sobre o assunto, é possível encontrar algumas boas referências mais generalistas, embora carentes de uma pegada antropológica (White, 1983, Wuthnow, 1989, Willmer et. al., 1998, Turner, 2008, Scheitle, 2008, 2010). No Brasil, até onde vai meu conhecimento, não existe nenhuma obra voltada a fornecer um panorama dessas organizações. É possível, todavia, encontrar boas informações mais particularizadas em algumas obras, embora sob pontos de vista mais teológicos, organizacionais e políticos (Mendonça, Velasques Filho, 1990, Freston, 1993, Longuini Neto, 1995, Saragoça, 2003, Quadros, 2011). Quando passamos ao campo mais específico das “paraeclesiásticas universitárias”, a situação piora. Desconheço obras que tratem, a título de uma exposição geral do campo, dessas organizações que atuam nas universidades. Nas obras citadas, porém, o leitor poderá extrair algumas informações localizadas sobre as paraeclesiásticas universitárias. Em duas delas, poderá achar uma considerável quantidade de informação, porém centrada, em cada livro, em uma única organização: um livro do historiador John G. Turner (2008) dedicado à Campus Crusade for Christ, e outro do também historiador Eduardo Quadros (2011) sobre trinta anos de história da Aliança Bíblica Universitária do Brasil (1957-1987). Na seara da etnografia, não conheço trabalhos sobre essas organizações no Brasil¹⁵. Já para o campo dos Estados Unidos, é possível encontrar alguns trabalhos de cunho acentuadamente etnográfico, tematizando as paraeclesiásticas no dia a dia do campus (McMurtrie, 2001, Magolda, Ebben, 2006, 2008, Moran, Lang, 2007, Moran, 2007). Sobre as organizações “locais” que atuam nas instituições de ensino superior do DF, não obstante a disponibilidade de uma boa quantidade de fontes textuais de elaboração “nativa”, praticamente não há literatura acadêmica¹⁶.

Objetivo e organização da dissertação

A esta altura da exposição, já devem estar bastante límpidos os propósitos gerais desta dissertação. Redijo-a dada à significância socioantropológica e à escassez de literatura especializada sobre o tema das organizações evangélicas que se voltam à atuação evangelística/missionária nos espaços de educação superior em geral. Para atacar este

¹⁵ Há, entretanto, literatura algo etnográfica sobre os Grupos de Orações Universitários (GOUs), ligados à Renovação Carismática Católica (RCC), que podem servir de contraponto para estudos sobre as organizações evangélicas cujo campo é a universidade (cf., por exemplo, Mendes, 2009, Procópio, 2008, 2009).

¹⁶ A única coisa que consegui garimpar: uma microscópica referência ao Núcleo de Vida Cristã como um dos grupos que compõem o movimento estudantil da UnB (Fonseca, 2008).

tema, empreendo uma etnografia sobre a atuação da paraeclesiástica Núcleo de Vida Cristã (NVC) – um coletivo estudantil que age na Universidade de Brasília, com o objetivo de levar a palavra de Deus à comunidade acadêmica e de ser um espaço de convivência para os cristãos desta universidade, envolvendo mais de 150 alunos em três de seus *campi*: Asa Norte, Ceilândia e Gama. Assim, buscarei apresentar ao leitor algo da “vivência religiosa no espaço da universidade” a partir dos sujeitos atrelados a esse movimento, experiência essa, que, na novela que abre este prólogo, tanto desconcertara seu ator principal.

Tendo em mente esse direcionamento mais geral, cheguei, mediante um processo dialético que envolveu predisposições e idiosincrasias minhas, o acaso e o que eu encontrava durante meu trabalho de campo, a alguns tópicos, em que me detive. Estes foram a base para a escrita dos capítulos que compõem este texto.

A dissertação será organizada da seguinte forma:

O capítulo I visa a fornecer uma visão geral do que é o NVC, apresentando ao leitor sua organização, seu perfil organizacional e o de seus membros, entre coisas afins. O capítulo seguinte se debruça sobre as atividades e o calendário desse coletivo. É o capítulo mais longo da dissertação, onde forneço alguns relatos do dia a dia de atividades. Este e o primeiro capítulo são, pode-se dizer, o corpo principal da dissertação. Os capítulos III e IV, de menor extensão, são mais especializados: aquele aborda algumas características associadas à vida enevicista na Universidade; este, as amizades que são formadas no coletivo e algumas de suas decorrências.

Antes de passar à apresentação dos frutos propriamente ditos de minha pesquisa, procedo à apresentação de algumas questões relacionadas ao modo como conduzi a pesquisa textualizada nesta dissertação.

Formatação da pesquisa

Em meados de maio de 2011, eu tinha um objetivo em mente (bastante vago, é verdade): estudar os estudantes evangélicos da UnB. Havia estudado pentecostais na graduação, e, como estava começando a me interessar pelos estudantes da UnB, pensei que este fosse um bom tema. Queria, entre outras coisas afins, ver *como*, ou melhor, ver *se* a vivência

congregacional por que havia passado os estudantes impactara de alguma forma a parte de sua trajetória escolar que consistia na passagem do ensino médio para o superior. Estava particularmente interessado, e esperançoso, em descobrir se no Distrito Federal havia igrejas evangélicas que, mediante cursos pré-vestibulares “evangélicos”, conseguia “colocar” jovens fiéis para estudar na UnB.

Com essas ideias “verdes”, o próximo passo seria ir a campo, para ver se elas poderiam ser trabalhadas com algum proveito. Mas como eu poderia chegar até os estudantes evangélicos?

Em uma de minhas habituais caminhadas pelo Minhocão, vi um cartaz do Núcleo de Vida Cristã, anunciando um encontro em que seria discutido o tema “Jesus”. Era um encontro do grupo de debates (GD), atividade do coletivo que ocorre nas quartas-feiras. Eu já tinha ciência da existência do NVC. Já tinha visto seus enormes cartazes com frases de cientistas ou filósofos em favor da causa cristã nos quatro cantos do ICC. Mas não tinha dado muita bola. Quando vi o cartaz da reunião sobre Jesus, me veio o estalo: “posso chegar até meus interlocutores evangélicos através do NVC”.

E assim, na quarta-feira 25 de maio de 2011, cheguei ao mezanino norte (ali em cima do Ceubinho), um dos locais onde ocorreria a atividade a que me referi. Eram 12 e 45 e não havia ninguém. Havia, ali nas imediações, seis ou setes pessoas em interação direta, as quais julguei não serem membros do NVC. (E eu já adianto: eles eram do NVC.) Fiquei ali parado, encostado no corrimão.

De repente, surge à minha frente uma moça. Devia ter uns 25 anos. Bonita e bem vestida, ela me perguntou do NVC. Respondi-lhe que também estava ali à procura do grupo e que seria minha primeira vez. Também seria sua primeira vez. Os dois neófitos ficamos a conversar. Falei-lhe de minhas razões acadêmicas para estar ali, e ela de algo de que já não lembro.

Após 10 ou 15 minutos, os seis ou sete estudantes, que vi quando cheguei, levaram algumas cadeiras para o centro do mezanino. A moça e eu nos aproximamos. Pedi licença e perguntei se era o NVC. Ouvindo uma resposta afirmativa, perguntei se poderia assistir à reunião. Outro “sim”, como resposta.

Acabada a reunião, da qual comentarei mais adiante neste trabalho, puxo assunto com a moça que presidiu as discussões, Camila. Apresentei-me como estudante de antropologia interessado em conhecer o NVC, pois queria estudar as manifestações religiosas na UnB. Ela se mostrou acolhedora. Começou logo a me dar várias informações sobre o grupo. Findos alguns minutos de papo sobre o NVC, perguntei-lhe se eu poderia entrevistá-la algum dia desses. Disse-me que sim, e que eu poderia vir a outras reuniões e falar com as lideranças, se eu quisesse.

Na próxima quarta-feira, 01 de junho, fui novamente ao grupo de debates. Chegando alguns minutos antes do horário previsto para seu início, fiquei ali em pé, esperando começar. Neste momento, uma moça, Sara, veio falar comigo:

Sara: — É você quem queria falar comigo?

Rodrigo: — Você é do NVC?

Sara: — Sim.

Rodrigo: — Ah, pode ser com você. É que sou estudante de antropologia, e gostaria de estudar as manifestações religiosas no espaço da UnB. Gostaria de conhecer o NVC.

Sara: — Camila me falou de você. Vai começar agora um grupo de debate. Eu vou para o outro grupo do mezanino sul; se quiser, pode ir lá assistir. Depois podemos conversar um pouco.

Acabamos marcando um papo para depois do grupo de debate. Terminada a atividade (eu havia optado por ficar no debate do mezanino norte), parti pro mezanino sul, a sobreloja do Udefinho (a entrada sul do Minhocão).

Logo avistei Sara, rodeada por cinco pessoas com as quais conversava. Aproximei-me um pouco, mas optei por não atrapalhar a conversa. Rapidamente ele me viu, e, dando tchau para os amigos, se dirigiu para o lugar onde eu estava. Começamos uma conversa, e ela me falou que o NVC era “ministério interdenominacional”, com várias lideranças e com mais de 10 anos de existência. Falei que sempre via cartazes do NVC no Minhocão. Nesse momento se juntou à conversa Mara, estudante de história, falando de forma entusiástica dos cartazes do NVC. Eu lhes disse que eram muito bem feitos e até curiosos – de meu ponto de vista – pois, em geral, traziam referências à ciência. Daí Sara me disse

que eles — os membros do NVC, por meio dos cartazes — queriam mostrar que não existe incompatibilidade entre fé e ciência.

Confesso que achei essa declaração um tanto contraintuitiva. Como assim? Não são incompatíveis? De qualquer forma, achei essas elaborações bem fascinantes, elaborações essas que, apesar de bastante difundidas em movimentos católicos e evangélicos de evangelização nas universidades (como logo tomei conhecimento), eram para mim pura novidade.

Nos momentos finais de nossa interação, Sara me disse que eu poderia fazer entrevistas com o pessoal do grupo, que poderia ter acesso a materiais impressos de autoria do NVC, e que poderia acompanhar as atividades. Convidou-me também para acompanhar uma grande atividade evangelística que eles fariam na semana seguinte: o impacto. Não sabia de que se tratava, à exceção do fato de que seria algo “grande”, conforme ela e Mara me disseram. Sara também me disse que iria falar com os demais membros da liderança do coletivo sobre meu desejo de pesquisá-los.

Saí dessa conversa com muitas ideias! Nenhuma delas dizia respeito ao propósito inicial que me fez chegar até ali. Nesse momento começava a se fazer forte em mim a ideia de fazer um estudo sobre o NVC, e não apenas usá-lo (no “bom sentido”, claro) para chegar aos estudantes evangélicos cujas trajetórias escolares eu iria escrutinar.

Na quarta-feira 08 de junho, após o Impacto (do qual terei oportunidade de falar detalhadamente no Capítulo II), Sara me apresentou a algumas pessoas do NVC: todos membros mais experientes ou líderes, incluindo a líder geral, Ranna. Após os cumprimentos, Marcos, o membro do NVC que havia ficado encarregado de tocar violão durante o Impacto, perguntou-me sobre a natureza do meu trabalho (se era artigo, trabalho final, etc.). Disse-lhe que era uma dissertação de mestrado em antropologia. Perguntou-me se eu também iria estudar outros grupos da UnB, ao que lhe respondi que minha ideia era focar no NVC. Recebi ainda o aval da líder geral para estudar o grupo e a permissão para entrevistá-la algumas semanas depois.

Ainda neste mesmo momento, Sara me entregou um livro — *Seu nome é Jesus*, de Max Lucado — dizendo que era presente do grupo para mim, e que era um livro que continha muita coisa daquilo em que os cristãos acreditam.

E, assim, sem que eu planejasse isso desde o começo, acabei por eleger o Núcleo de Vida Cristã como “objeto” para a pesquisa que redundaria em minha dissertação.

Comecei meu contato mais direto com o NVC (meu “campo”), como já relatei, em 25 de maio de 2011, quando participei de um grupo de debates sobre Jesus. Diferentemente do cânone clássico da pesquisa de campo em antropologia, não pude empreender um contato tão contínuo com as pessoas que eu pesquisava, o que, salvo raras exceções, parece ser a regra quando se trata de trabalho de campo junto a grupos nas chamadas sociedades “complexas” ou urbanas (Magnani, 1996). Primeiro, porque eu não fazia (nem faço) parte do NVC. Se eu fosse um dos envecistas (nome pelo qual se autointitulam os membros desta organização), minha relação com os demais membros teria sido bem mais intensa, não apenas por interesses de pesquisa, claro. Segundo, devido a algumas limitações relacionadas à minha vivência acadêmica (aulas no primeiro semestre de 2011, seleção de doutorado, participação em eventos, etc.). De todo modo, até 21 de novembro (data em que fechei definitivamente o “campo”), fiz 11 visitas de observação/participação de atividades do NVC.

Nessas ocasiões, tentei acompanhar com a maior atenção possível o que ocorria. E participava, em alguma medida, das atividades, seguindo o protocolado apropriado para cada ocasião, salvo nos momentos em que segui-lo seria uma grave falta ética de minha parte. (Por exemplo, nos momentos de oração, eu não orava, pois se o fizesse eu estaria dissimulando. Nesses momentos, eu apenas baixava ligeiramente a cabeça em sinal de reverência e respeito pela fé dos meus colegas de NVC.)

Durante as atividades, diferentemente da opção adotada por alguns pesquisadores (cf., por exemplo, Zaluar, 1994), eu não usava instrumento algum de captura (como câmeras de vídeo e gravador de áudio, por exemplo). Buscava com isso evitar o efeito colateral que tal uso comumente provoca, dado que, como bem colocou Vagner Gonçalves da Silva, “muitas vezes ao ligar o equipamento desliga-se a possibilidade de captar uma situação mais ‘espontânea” (Silva V. G., 2006, p. 62). Mas houve uma exceção: no dia em que participei da atividade evangelística Impacto, em 08 de junho, portei minha câmera fotográfica, o que, comparativamente a uma câmera de vídeo ou gravador de som, é

praticamente irrelevante, até mesmo porque muitos envecistas portavam suas câmeras fotográficas e filmadoras para registrar o evento. Em duas ou três ocasiões, usei um *e-reader*¹⁷ como bloco de anotações. Ao tomar algumas notas durante as atividades, minha tarefa de reconstituir minha experiência de campo, no pós-campo, era facilitada.

Não obstante o uso dessas ferramentas, meu procedimento geral de primeiro registro era pôr para funcionar minha memória. Tão logo eu saía da atividade do NVC e voltava à minha sala no Centro de Pós-Graduação em Antropologia (a Catacumba, como costumamos chamá-la), eu procedia à rememoração e à escrita de meu, digamos, “diário de campo” (no caso, um documento de processador de texto, em meu *laptop*).

Essas minhas incursões ao campo foram, como bem o disse, feitas na plataforma interacional do “face a face”. Mas, em se tratando de “jovens” (como veremos no Capítulo I), seria de se supor que a internet tivesse algum papel significativo em sua comunicação, sociabilidade e organização. A antropóloga Regina Novaes já havia enfatizado, há vários anos, a importância da comunicação virtual para a experiência geracional da juventude¹⁸ (Novaes, 2001). E isso foi se revelando verdade ao longo da pesquisa. Sem que eu fizesse qualquer estímulo, os entrevistados sempre me falavam da lista de e-mails¹⁹ do Núcleo de Vida Cristã, bastante movimentada. Mais ou menos dois meses após meu contato inicial com o NVC, julgando ser o momento apropriado, pedi à líder geral para ser adicionado à lista, se isso não fosse causar qualquer transtorno ao grupo. Como resposta, ouvi que ela teria de levar meu pedido aos demais membros da liderança, que, no final das contas, acabaram decidindo pela minha não inclusão no grupo. Assim, não tive como ter acesso direto — nos moldes de um “campo virtual” — a uma importante plataforma de interação, que, como teremos ocasião de ver, é estratégica para a organização do grupo e, durante bastante tempo, para o agendamento de vários tipos de encontros, envolvendo envecistas em atividades não diretamente ligadas ao NVC. A certa altura de meu trabalho de campo, eu tive ciência da existência de um grupo geral do NVC e de um

¹⁷ Leitor de livros digitais.

¹⁸ Segundo Regina Novaes, “não há como negar que as conquistas tecnológicas, na verdade, modificam a comunicação, a socialização, a ‘visão do tamanho do mundo’ entre gerações. Guardadas todas as diferenças de acesso e uso, a existência da internet não pode ser desconsiderada na análise do presente e do futuro dos nascidos há 15 ou 25 anos” (Novaes, 2001, p. 186).

¹⁹ Grupo de discussão do Google Groups (cf.: groups.google.com).

grupo específico para os membros do coral do NVC no Facebook²⁰. Como já havia recebido um “não” da liderança quanto à minha entrada na lista de e-mails, julguei inapropriado pedir ingresso nesses grupos (provavelmente tão fechados quanto a lista de e-mails). Dadas essas circunstâncias, não tive outra escolha a não ser fazer um relato da dinâmica da lista de e-mails e dos grupos do Facebook a partir das informações a que tive acesso nas entrevistas que realizei. Mas nem tudo foi impossibilidade na seara do “campo virtual”; felizmente pude acessar a comunidade (fórum de debates) que o NVC mantém no Orkut²¹. Diferentemente da lista de e-mails e dos grupos no Facebook, seu fórum no Orkut não é moderado, o que equivale a dizer que a filiação de qualquer usuário é liberada. Dessa forma, ingressei na comunidade do NVC desde os primeiros momentos da minha pesquisa, e pude acompanhar algumas interações e obter muitas informações, principalmente do que aconteceu alguns anos antes, época em que a comunidade era mais movimentada. (Hoje em dia, a comunidade pouco é usada.)

Minha pesquisa não se valeu apenas de “observação participante” deliberada e dessas incursões na rede mundial de computadores. Minha própria vivência enquanto estudante da UnB foi-me de alguma valia; por quase dois anos estive (e ainda estou) praticamente todos os dias em meio ao vai e vem do Minhocão e de outros espaços adjacentes. Dessa experiência sempre é possível derivar algumas boas informações.

Paralelamente à minha aproximação de campo, empreendi uma aproximação ao léxico das pessoas que eu começava a estudar. Sabendo que o partilhar de um mesmo idioma não significa que os diversos segmentos sociais atribuam significados idênticos às mesmas palavras e categorias (Velho, 1978, p. 38), comecei a ler materiais relativos ao NVC, quase sempre pela internet, reconhecendo, assim, como já alertou Rita Amaral (2003), a importância da *web* para as pesquisas em antropologia e ciências sociais. O próprio site da organização — <http://www.nucleodevidacrista.net/> — me foi bastante útil, pois continha muitos textos, imagens e vídeos de produção “nativa”.

²⁰ Rede social em que mais de 36 milhões de brasileiros estão registrados. Endereço: www.facebook.com. Fonte: <http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/noticias/audiencia-triplica-e-facebook-passa-o-orkut-no-brasil-20120117.html>. Acesso: 17 jan. 2012.

²¹ Rede social em que mais de 34 milhões de brasileiros estão registrados. Endereço: www.orkut.com. Fonte: <http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/noticias/audiencia-triplica-e-facebook-passa-o-orkut-no-brasil-20120117.html>. Acesso: 17 jan. 2012.

Esses materiais que encontrava no site não eram apenas literatura que eu consumia a fim de me familiarizar com as particularidades cognitivas do segmento estudado; eram, além disso, fontes das quais também me vali para compor o presente estudo. Na esteira de formulações de Emerson Giumbelli (2002a), sou da opinião de que é perfeitamente possível fazer antropologia a partir de fontes textuais. Em meu caso, tais fontes, que não são a única matéria-prima de que me valho, são parte de um leque maior de ferramentas diversificadas, que emprego para mais bem atingir meus objetivos de pesquisa.

Além das fontes textuais, das observações/participações e da aproximação cognitiva, este estudo também se valeu de entrevistas. No total, realizei nove entrevistas, oito delas no face a face (em que eu utilizei um gravador de áudio, com a anuência dos entrevistados), e uma via *e-mail*. Nesta última, dada a impossibilidade de um encontro presencial com a pessoa que eu queria entrevistar, enviei-lhe algumas questões por e-mail, as quais foram satisfatória e prontamente respondidas. Nas entrevistas face a face, todas realizadas no mezanino norte do Minhocão (principal local de encontro do NVC), eu lançava em geral questões abertas e amplas, ou simplesmente falava algo como “fale-me sobre tal assunto”, e buscava submeter-me ao ritmo dos entrevistados e a seus pontos de vista, em uma clara tentativa de evitar uma comunicação “simbolicamente violenta” (Bourdieu, 1997). Em alguns casos, pedia maiores especificações. As entrevistas eram praticamente conversas, daí minha preferência em chamá-las de entrevistas conversacionais.

Para a escolha dos entrevistados não utilizei procedimentos aleatórios — como, por exemplo, a escolha aleatória de nomes em meio a uma lista de minhas “unidades estatísticas”. Os entrevistados foram definidos, em grande medida, pelas contingências do campo: pessoas com as quais eu tinha maior contato; pessoas que se mostravam mais solícitas aos meus esforços de pesquisa, etc. Mas houve um direcionamento de minha parte: eu queria entrevistar tanto mulheres quanto homens, e tanto líderes quanto enevicistas sem cargo de liderança, dando assim alguma diversidade às vozes de meus interlocutores²². Assim, entrevistei três mulheres, cada uma delas duas vezes, totalizando seis entrevistas. As demais foram feitas com homens. Das seis pessoas entrevistadas, três eram da liderança do NVC; duas, não. A outra pessoa entrevistada fez parte do NVC entre 1994 e 1999, mas não sei se chegou a assumir um papel de liderança.

²² Buscava, com isso, fugir de um erro crasso que cometi em meu trabalho de conclusão de curso de graduação, quando só entrevistei homens e pessoas da liderança da congregação estudada (Rocha, 2010).

Para conseguir algumas informações mais “objetivas” e gerais sobre a coletividade que eu queria estudar, elaborei e “apliquei” um questionário através do serviço *Survey Monkey* (www.surveymonkey.com). Como a elaboração, a aplicação e a análise de questionários costumam ser bem onerosas (principalmente em termos de tempo), e como eu já tinha dedicado bastante tempo a outros procedimentos de pesquisa, decidi que aplicar um questionário pela internet seria a opção mais adequada às minhas condições. Assim, mandei o *link* da página virtual do questionário para a líder geral, que prontamente o encaminhou para os demais envecistas pela lista de e-mails. O questionário, composto de 45 questões, foi respondido por 44 envecistas. A grande maioria das questões era fechada e objetiva, mas, sempre que logicamente pertinente, trazia espaço para comentários opcionais e a opção “Outro (especificar)”, em que o respondente poderia fornecer a resposta que bem quisesse. Outras questões eram discursivas; entre estas, algumas eram “obrigatórias” (questões como: “Por quais razões você participa do NVC?”); outras, “opcionais” (questões como: “Para você, como é ser cristão na Universidade de Brasília?”). Para cada uma dessas questões discursivas/opcionais, consegui em torno de 25 respostas. Além de obter um “perfil” dos participantes do Núcleo de Vida Cristã, pude, principalmente através das questões abertas, captar muitas opiniões e pareceres sobre vários assuntos importantes para a pesquisa, por parte de várias modalidades de envecistas (novatos, experientes, líderes, não-líderes, pentecostais, tradicionais, etc.), o que me ajudou, acredito, a produzir um resultado final mais satisfatório.

De posse de todos esses “dados”, busquei, como uma maneira de aumentar seu grau de fidedignidade, fazer alguns cruzamentos de informações. Quis, para usar os termos de Janice Caiafa (2002, p. 13), perceber “as ressonâncias, a coerência entre as afirmações dos diversos” pesquisados, embora eu não fosse necessariamente descartar as dissonâncias. Até porque meu objetivo não é reduzir toda a diversidade de declarações a denominadores comuns, embora, inevitavelmente, vá fazer isso em alguns momentos.

Durante todas essas etapas da pesquisa — quase sempre, etapas que coexistiram — e no momento de refletir sobre o material obtido, tentei, ao máximo, evitar cair na “tentação da aldeia”, que seria, em meu caso, conceber o NVC como uma unidade “fechada e autocentrada” (Magnani, 1996, p. 47). Essa postura cuidadosa se reflete em trechos da dissertação quando eu remeto o leitor a experiências e quadros interpretativos que

extrapolam (em alguns casos, imensamente) o que, em um primeiro momento, poderíamos encarar como “o” NVC.

Para definitivamente dar fim a esta introdução, já demasiadamente longa, deixo algumas palavras sobre a textualização deste trabalho e sobre suas pretensões quanto à “verdade”.

Primeiro, ao longo deste prólogo tenho citado alguns nomes de enevicistas. São todos pseudônimos. E assim será durante todo o trabalho. Optei por assim proceder para não expor – além do minimamente necessário/inevitável – as pessoas que, direta ou indiretamente, figuram neste texto.

Segundo, não é minha pretensão aqui fornecer um relato objetivo (em seu sentido mais clássico e absoluto, ou ingênuo, como alguns podem preferir dizer) das informações a que tive acesso. Como bem coloca Roy Wagner (2010, p. 28), para atingir essa objetividade absoluta, teríamos de estar completamente libertos de qualquer viés cultural. E isso é impossível, já que o próprio ato de conhecer pressupõe do sujeito cognoscente alguma cultura. Assim, só me resta tentar atingir uma “objetividade relativa”, o que poderá ser feito mediante a descoberta (e sua incorporação na reflexividade geradora do presente texto) das tendências e maneiras “pelas quais nossa cultura” — e meu *habitus*²³, em particular — me “permite compreender uma outra” cultura, “e as limitações que isso impõe a tal compreensão” (Wagner R., 2010, p. 28).

Terceiro e último, sendo fruto de uma relação entre minhas categorias e aquilo que encontrei a propósito de minhas abordagens de pesquisa, este texto pode soar, em alguma medida, distante de algumas autopercepções dos estudados. É inevitável. Como bem colocam Luiz Fernando Duarte e Edlane Gomes (Duarte L. F., Gomes, 2008, p. 13), o trabalho do pesquisador é quase sempre uma “objetivação estranha à auto-imagem espontânea” dos pesquisados. Essa objetivação, portanto, implicaria uma “redução da experiência vital dos observados e do processo de observação” (op. cit., 19). Não obstante, essa objetivação também tem seu valor. Sem ela “nos perderíamos na mera constatação

²³ Uso aqui o termo *habitus* em um sentido mais vago e metafórico, para se referir às particularidades de meu pensamento em relação a uma dimensão cultural mais ampla. Em sua forma conceitual, *habitus* pode ser entendido como “an external world of cultural assumptions and social institutions that ordinary people inhabit without thinking very much about them, and an internalized version of that world that becomes part of people’s identities, generating dispositions to feel/think/judge/act in certain ways” (Ortner, 2003, p. 12, com base em Bourdieu, 1978, 1990).

fenomenológica de uma justaposição de experiências parciais – a que corresponde apenas uma dimensão da vida de nossos observados” (op. cit., p. 24). Portanto, o NVC e os envecistas são bem mais complexos do que o limitado relato que deles forneço, o qual deve ser concebido como uma aproximação ao tema. Afinal, como acertadamente argumentou Marilyn Strathern (2006, p. 25):

As etnografias são as construções analíticas de acadêmicos; os povos que eles estudam não o são. É parte do exercício antropológico reconhecer quanto a criatividade desses povos é maior do que aquilo que pode ser compreendido por qualquer análise singular.

1. UMA VISÃO GERAL DO NÚCLEO DE VIDA CRISTÃ

1.1. *Algumas estórias fragmentadas sobre os primeiros tempos*

A origem do Núcleo de Vida Cristã é um dos assuntos mais nebulosos que rondam este coletivo. Há muitas versões sobre sua gênese; são versões não congruentes entre si, e carentes de detalhes e profundidade. Não tardou muito para ouvir em campo as primeiras conversas a este respeito. Já em meu primeiro dia de campo, Camila (lembremos: a mediadora do GD) me disse que o NVC tinha uns 20 anos de idade. Na semana seguinte, também em um grupo de debates, recebi outra história. Sara, à época a líder de evangelização, disse-me que não se sabe ao certo a idade do NVC, mas que com certeza ele existe há mais de uma década. Disse-me ainda que nos primeiros tempos o NVC (que ainda nem tinha esse nome) consistia em dois irmãos ligados à associação Aliança Universitária Bíblica do Brasil (ABUB). Vinte dias depois, quando a entrevistei, ela me deu mais alguns detalhes: a dupla fundadora seria estudante da Faculdade de Tecnologia, e então “eles começaram a trazer um pouco a visão da ABU²⁴”, disse-me Sara, “e começaram a fazer reuniões” (Entrevista, Sara, 21/06/2011, Brasília).

Quando entrevistei a líder geral pela primeira vez, pedi-lhe informações sobre os primeiros sopros de vida do Núcleo. Segundo sua versão, o Núcleo de Vida Cristã seria criada da Mocidade para Cristo (MPC), e teria 15 anos de vida no mínimo, pois, quando ingressou na UnB no segundo semestre de 2008, já circulava uma informação de que o NVC teria 15 anos de idade. Em minha busca pelas origens, fui ao site da organização e catei algumas curtas evidências que indicavam que o NVC teria surgido da MPC, ou melhor, que os enevécistas seriam “filhos do trabalho da Mocidade para Cristo (MPC)”²⁵.

Havia chegado ao que se afigurava uma contradição (ao menos, em certo nível). ABUB ou MPC, qual teria sido a “mãe” do grupo que, anos depois, viria a ser chamado de Núcleo de Vida Cristã? Em um texto que redigi para uma disciplina que cursei durante o mestrado, com meus primeiros dados, havia exposto a conclusão de que, independentemente deste desacordo, o fato que realmente importava era que o NVC

²⁴ ABU e ABUB: ambos os acrônimos se referem à Aliança Bíblica Universitária do Brasil. O primeiro é mais usado em situações informais.

²⁵ Fonte: <http://www.nucleodevidacrista.net/index.php/quemsomos.html>.

havia sido o fruto, direto ou indireto, do trabalho de uma organização paraeclesialística de forte abrangência global (a MPC é a versão tupiniquim da Youth for Christ International, YFCI, presente em 100 países; a ABUB, como já disse na introdução, é filiada à International Fellowship of Evangelical Students, IFES, presente em aproximadamente 160 países).

Não satisfeito com essas versões, decidi procurar algum integrante da “velha guarda” do coletivo. Com as facilidades da internet, pensei não ser tarefa tão difícil. E não foi. Logo achei alguém na comunidade do NVC no Orkut, um homem que teria participado dos primeiros momentos do grupo. Realizado o primeiro contato via e-mail, meu interlocutor, hoje pastor de uma igreja no interior de São Paulo, gentilmente se dispôs a dar-me algumas informações. Com elas e com as informações que já tinha, pude esboçar alguma coisa (não muita) sobre esse estágio larvar.

O NVC não foi diretamente fruto de nenhuma das organizações que citei acima. Seu surgimento foi independente. Mas isso não implica em dizer que fosse um grupo apartado de outros movimentos. No início havia uma parceria com a MPC — da qual não obtive maiores detalhes —, o que implicava a visita esporádica de alguns representantes dessa organização às reuniões do pequeno grupo. O Núcleo de Vida Cristã também tinha contatos com a ABUB; as pessoas que o iniciaram, provavelmente os dois irmãos de que Sara me falou (ambos alunos da Faculdade de Tecnologia, sendo um do curso de Engenharia Civil e Ambiental), chegaram a participar dessa paraeclesialística. Mas, como o desejo dos irmãos não se coadunava com a proposta da ABUB de criar núcleos de estudo bíblico nas universidades, eles criaram algo autônomo, que tinha não só estudo da bíblia, como também louvor (o cantar e tocar de “músicas” em louvor a Deus) e oração mútua.

Não sei ao certo quando surgiu este pequeno grupo cristão na UnB. A julgar pelas informações que obtive por e-mail junto a este antigo envecista, talvez tenha sido em 1994. Ele me disse que quando ingressou na UnB no segundo semestre desse ano, o hoje NVC era muito pequeno (“quando cheguei havia um pequeno grupo de quatro pessoas, mas frequentes mesmo só um casal”), o que me convida a pensar que não tivesse muitos meses de vida. Em se levando a sério esta hipótese, pode-se dizer que o Núcleo de Vida Cristã completa 18 anos em 2012.

As reuniões aconteciam no mezanino sul (acima do Udefinho no Minhocão), de início uma vez por semana, sempre no “horário do almoço” (algum período de tempo entre 12 e 14 horas). Eis seu esquema básico: um momento de louvor, um de preleção bíblica (a “palavra”), e outro de oração, não necessariamente nessa ordem.

Superado o estágio mais elementar, as reuniões passaram a ter média 20 pessoas. Depois, provavelmente entre 1998 e 1999, período de “auge”, chegou-se a um patamar de 45 a 50 pessoas.

Entre 1997 e 1998, o NVC começou a fazer uma atividade — uma espécie de “louvorzão”, segundo meu entrevistado sênior —, sempre no fim dos semestres letivos, na ala norte do ICC. Consistia numa intercalação de músicas e de testemunhos de conversão de estudantes que participavam do coletivo.

Nesses primeiros momentos, o NVC não tinha qualquer tipo de financiamento para realizar suas atividades. E nele também não havia “departamentos” ou “pastas”, o que viria a acontecer anos depois. Essa divisão em pastas mantém-se até hoje, como será visto mais à frente.

O que venho chamando de Núcleo de Vida Cristã não tinha esse nome desde o início. Infelizmente não consegui estimar a data em que esta nomeação aconteceu. Mas em 1999, época que meu entrevistado saiu do coletivo após graduar-se, o grupo já tinha o nome de Núcleo de Vida Cristã.

Estes pequenos relatos talvez pareçam demasiado despropositados e fragmentados. Talvez eles façam mais sentido para os já familiarizados com o Núcleo de Vida Cristã. Meu objetivo foi apenas fornecer algumas imagens desses momentos iniciais, às quais certamente ganharão mais viço à medida que o leitor for avançando na leitura deste trabalho. Talvez o que importe reter é que o Núcleo de Vida Cristã, mesmo sendo “independente” no começo, sofreu influência da MPC e da ABU. É difícil negar isso. Há outro fato a ser notado no que tange à história do NVC: independentemente de qualquer coisa mais factual, o NVC é encarado por seus membros como um grupo que “tem história” na UnB; um grupo que não “chegou ontem” e que já “não é mais menino na universidade”; um grupo, enfim, segundo me disse a líder de evangelismo em meu segundo dia de campo, que “faz parte da UnB”. Esse sentimento de que o NVC tem certa

profundidade histórica na UnB eu encontrei algumas vezes durante meu campo. Esta monta de “tempo de UnB”, ao menos do ponto de vista de alguns envecistas, parece facilitar e conferir maior legitimidade à sua presença na UnB, e também deixar os envecistas mais “seguros” em relação a eventuais investidas contra seu uso de espaços da UnB.

O que um dia foi um pequeno grupo que se encontrava no mezanino sul para orar, louvar e estudar a bíblia, hoje é um grande grupo que mobiliza muitos estudantes não só no Campus Darcy Ribeiro, onde surgiu, mas também em dois outros *campi*: o do Gama (desde março de 2009) e o do Ceilândia (desde setembro desse mesmo ano). Nas próximas seções buscarei esboçar os contornos mais gerais e formais do atual NVC — digo, do Núcleo meses atrás. Assim, espero preparar o terreno para no próximo capítulo apresentar o calendário de atividades do Núcleo e alguns relatos etnográficos associados ao dia a dia de atividades na Universidade de Brasília e mesmo em outros espaços.

1.2. O Núcleo de Vida Cristã na estrutura das organizações paraeclesialísticas

“O NVC não é uma igreja”, muitas vezes ouvi esta afirmação em campo. E comumente ouvia como complemento: “a gente não cobra dízimo, e não tem pastor”, “a gente é independente”, e coisas afins. Como caracterizar o NVC em termos, digamos, organizacionais? Se não é igreja, o que é então?

O site do grupo na internet e várias pessoas nas atividades de que participei já se referiram ao grupo como “interdenominacional”. No primeiro dia em que estive em uma atividade, a coordenadora do grupo de debate me apresentou o Núcleo de Vida Cristã como um grupo “interdenominacional”. Muitos meses depois, durante uma reunião de terça-feira, uma envecista apresentou o NVC aos calouros que ali estavam como um “grupo interdenominacional, sem placa de igreja”.

De fato, o NVC não se vincula a nenhuma denominação em especial. Não se diz presbiteriano, nem assembleiano (isto é, da Assembleia de Deus), nem luterano, e por aí vai. Refere-se a si mesma geralmente como uma organização interdenominacional cristã,

e, em alguns momentos, com o qualificativo, direto ou indireto, de evangélica/protestante²⁶.

Em alguns momentos o NVC aparece nos discursos como um “clubinho cristão” ou simplesmente “clubinho”, noções que remetem à ideia de “clube bíblico”, bastante difundida entre paraeclesiásticas atuantes com o público jovem e/ou estudantil. Este tipo de agrupamento, conforme diz um material informativo da ala estudantil da MPC, é um núcleo, célula ou grupo que “acontece em geral na própria escola, normalmente no horário do intervalo (recreio ou almoço), uma ou várias vezes por semana. O objetivo principal é evangelizar”²⁷. Nessas reuniões, segundo outro material²⁸ da MPC, “normalmente há momentos de louvor, mensagens/testemunhos e oração” (p. 4). Este documento ainda apresenta o clube bíblico como “um lugar onde o Evangelho do Senhor Jesus deve ser pregado de uma forma simples e objetiva, não entrando em detalhes e dogmas teológicos e denominacionais” (p. 5), orientação que releva uma preocupação ecumênica, ao menos em nível pan-protestante. Como o leitor terá ocasião de ver ao longo deste trabalho, esta definição se coaduna em grande medida com o que, ao menos aos meus olhos, parece ser o NVC. Ranna, a líder geral do NVC, indagada sobre que tipo de organização seria o Núcleo, me disse que, aos olhos de organizações como ABU, MPC e Alfa e Ômega, eles seriam um “clube cristão” (ou clubinho, ou clube bíblico, etc.), isto é, um grupo de pessoas que se reúne em seus locais de estudo ou trabalho, e que achava que o NVC seria isso²⁹ (Ranna, entrevista, 14/07/2011).

O que vale ser retido é que o NVC em geral se autorrefere a si mesmo como um grupo interdenominacional cristão (e algumas vezes, evangélico), isto é, um clubinho (ou clube cristão, ou clube bíblico), que não se submete institucional ou doutrinariamente a

²⁶ Como se depreende de afirmação de um ex-líder geral do NVC. Cf. comentário #4 em: http://www.fac.unb.br/campus2009/index.php?option=com_content&view=article&id=983:musica-de-impacto&catid=12:cultura&Itemid=8.

²⁷ Fonte: <http://www.mpc.org.br/estudantes.html>.

²⁸ Trata-se da cartilha *Primeiros passos para fazer diferença na escola*. À exceção da autoria da MPC e do nome, ela não traz nenhum outro elemento que me permita fazer a completa referência.

²⁹ Essa afirmação de Ranna também remete à ideia de “igreja corporativa”, que consistiria (em termos nativos) em “um grupo de santos que, em nome de Jesus Cristo, agem como se fossem um só corpo, uma só pessoa, buscando a salvação de almas e a expansão do reino de Deus no seu ambiente de trabalho” (Fonte: <http://igrejacorporativa.blogspot.com/2009/11/o-que-e-uma-igreja-corporativa.html>). Para mais informações, cf. o blog <http://igrejacorporativa.blogspot.com/> ou o livro *Os cristãos no ambiente de trabalho* (Wagner P., 2007).

nenhuma igreja ou denominação evangélica em especial. Quer seja “clubinho”, quer seja simplesmente uma organização de estudantes “sem placa de igreja”, o fato analiticamente pertinente é o de que o Núcleo de Vida Cristã se encaixa no amplo e multifacetado setor das organizações paraeclesiásticas cristãs.

Como já afirmei no prólogo desta dissertação, paraeclesiásticas são todas as organizações que atuam “à margem de” e/ou “ao lado” da igreja ou da denominação (Scheitle, 2008). Embora em termos lógicos seja possível argumentar que qualquer organização seria (em potência) paraeclesiástica — uma vez que poderia (com ou sem uma identidade religiosa) trabalhar “à margem de” e “ao lado” da igreja — o termo paraeclesiástica (*parachurch*, na literatura em língua inglesa) vem sendo historicamente usado em sentido mais restrito para referir-se unicamente a organizações religiosas, sem fins lucrativos e independentes de qualquer denominação, ainda que possam atuar em parceria com alguma desta (op. cit.).

No campo evangélico, essas organizações cumprem “o mesmo papel das entidades católicas que transcendem a estrutura paroquial e diocesana”, como, por exemplo, os movimentos leigos da Ação Católica, as Pastorais, a Renovação Carismática, etc. (Freston, 1993, p. 122). Mas têm o diferencial de não poderem ser fechadas pela hierarquia da igreja ou da denominação (op. cit.). As paraeclesiásticas assumem, em geral, funções mais específicas — como exemplo, converter empresários, converter universitários, converter esportistas, etc. —, enquanto a congregação/denominação tem um leque de atividades mais abrangente (Willmer et. al., 1998).

O “termo guarda-chuva” paraeclesiástico refere-se, na verdade, a uma grande gama de organizações diferentes umas das outras (Scheitle, 2008, p. 7), as quais podem ser classificadas de várias formas (a depender dos critérios adotados): em “formais” ou “informais” (de um ponto de vista jurídico); em “locais”, “nacionais” ou “internacionais” (quanto a seu escopo de atuação); em especializadas em “jovens”, “atletas”, “executivos”, “universitários”, etc. (à luz do público que busca atingir). Independentemente de seu formato, seu principal objetivo é evangelizar, podendo, em alguns casos, ter outras missões solidárias (Turner, 2008).

Feita essa pequena digressão sobre as paraeclesiásticas, já tenho os elementos necessários para situar o NVC organizacionalmente, a partir de uma das inúmeras

“grades” possíveis, e, note-se, a partir de um exercício analítico externo/*etic*³⁰: o Núcleo de Vida Cristã é uma organização paraeclesialística, juridicamente “informal”, de atuação “local”, cujo público/foco é a comunidade universitária da Universidade de Brasília. Esse enquadramento, claro, não pode ser encarado como completamente exato, pois em seu dia a dia o NVC se comporta com uma dinamicidade que não consegue ser capturada pela tipologia estática de que me valho. Assim, por exemplo, o NVC, mesmo encaixado como “local”, realizou meses atrás uma viagem evangelística a uma cidade no interior de Minas Gerais, e, anos atrás, a outra no estado de Goiás. Mesmo que teoricamente atue junto aos universitários, o NVC já realizou atividades evangelísticas voltadas a outros públicos. Dois exemplos: no último dezembro em uma pequena aglomeração de moradias “subnormais” nas proximidades da UnB (uma “favelinha”, como me disse uma entrevistada); e, em fins de 2010, na Rodoviária do Plano Piloto. De fato: a vida “real” sempre escapa a nossas tentativas de categorização.

1.3. Objetivos e razão de existência do NVC: fortalecer os cristãos da UnB e difundir a palavra de Deus em mais um campo missionário

O Núcleo de Vida Cristã é uma das inúmeras organizações que atuam nas universidades e demais tipos de instituições de ensino superior (IES) motivadas pela percepção de que esses espaços são estratégicos para dar vazão ao ímpeto missionário tão típico dos evangélicos. Na Universidade de Brasília, seu *locus* de atuação³¹, ela não está sozinha; agem também com semelhante propósito outras organizações evangélicas (ou ao menos de forte perfil evangélico) de muitos formatos, entre as quais se podem citar a Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB), a Alfa e Ômega (como já indiquei, braço universitário da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo), o Fire Universitário e o

³⁰ Trata-se de um manejo analítico externo/*etic*. Embora muitas organizações incorporem o predicado “paraeclesialístico” em seu cabedal nativo de categorias, o NVC parece não fazê-lo. Não encontrei qualquer referência a esse termo durante toda a pesquisa.

³¹ Segundo as evidências a que tive acesso, não é intenção do NVC se expandir para outras universidades. Como me disse Sara em entrevista, “o NVC é *da* UnB. Se não existir a UnB, não tem NVC” (Sara, entrevista, 21/06/2011, Brasília). Sintomática dessa postura é a logomarca do coletivo traz uma referência patente à UnB. Não obstante, é de interesse do NVC inspirar outros estudantes em outras instituições de ensino a montarem seus próprios clubinhos cristãos. A título de contraexemplo, poder-se-ia citar o Fire Universitário, vinculado à denominação Comunidade Cristã Ministério da Fé (CCMF). Este movimento não evoca como componente de sua identidade a pertença a nenhuma instituição em particular, e parece querer se expandir para o maior número de IES possível. Ambas as instituições, fique-se claro, têm interesse em expandir a influência dos ensinamentos bíblicos; os métodos é que não são iguais: o NVC, através do inspirar outros movimentos; o Fire Universitário, pelo crescimento de sua própria rede de “clubinhos” (o que não exclui, por óbvio, a hipótese de que também objetive inspirar outros movimentos).

Focados no Amor Maior (pequeno grupo criado em 2010 na Faculdade de Estudos Sociais Aplicados). O NVC, de longe, é a organização de maior atuação nessa que é a maior universidade federal do Centro-Oeste do Brasil.

A UnB, como já aludi, não é apenas uma “universidade” aos olhos do enevecista³². É um campo missionário³³. Mas não um campo missionário qualquer; a universidade idealizada, entre outros, por Darcy Ribeiro tem suas peculiaridades, as quais fazem com que a tarefa de evangelizar em seu perímetro seja “algo muito especial e às vezes complexo”.

Uma das diferenças notáveis seria a de que, diferentemente de outras universidades, a UnB não tem “turmas fixas”, as quais dificultariam o contato entre estudantes de cursos diferentes. Na UnB, com a liberdade de que goza o estudante para compor sua grade de matérias, seria normal, por exemplo, que um estudante de medicina dividisse sala de aula com outro de economia. Além desse convívio plural, seria característico da sociabilidade da UnB um “contato extraclasse muito forte”.

Outra peculiaridade da Universidade de Brasília, ainda segundo a leitura do “NVC-instituição”, seria sua composição religiosa. Embasando essa visão, são apresentados dados³⁴ referentes a 2004, segundo os quais: 44,6% são católicos; 27,4%, sem-religião; 12,3%, espíritas; 11,4%, evangélicos; e 4,3%, de religiões afro-brasileiras. O estudioso das ciências sociais da religião pode logo ver aí alguns “desvios” significativos em relação a

³² Com o termo genérico e impessoal “o enevecista” não pretendo denotar nem a totalidade dos enevecistas como uma única voz tampouco o que poderia ser considerado um “denominador comum” extraído a partir do mosaico de posicionamentos dos enevecistas. Uso o termo querendo significar o NVC-instituição, e encaro como sua “voz” os textos não assinados veiculados tanto em seu site, como em outros materiais impressos, como panfletos, cartilhas, etc., geralmente voltados a um público externo. Não afirmo com isso que exista um “NVC-instituição” que tenha seu próprio ponto de vista, e estou ciente de que os textos que tentam representar seu posicionamento não necessariamente são esposados por todos aqueles que se autoidentificam como “do NVC”. Acerca da relação entre o “grupo” e seus “associados”, convém sempre recorrer às colocações de Gabriel Tarde, segundo as quais: “por mais íntimo, profundo e harmonioso que seja um grupo social qualquer, nunca vemos brotar *ex-abrupto*, entre os associados surpresos um *eu coletivo*, real e não simplesmente metafórico, resultado maravilhoso do qual eles seriam as condições. Certamente há sempre um associado que representa e personifica o grupo inteiro, ou então é um pequeno número de associados [...], cada qual sob um aspecto particular, que o individualiza não menos inteiramente” (Tarde, 2007, p. 92-3).

³³ Minhas formulações sobre a UnB como um campo missionário serão integralmente baseadas, quando não houver indicação em contrário, na seguinte fonte: <http://www.nucleodevidacrista.net/index.php/o-campo-no-campus.html>.

³⁴ Fonte: UnB Notícias, julho/agosto, 2004. Os dados são imprecisos. Não trazem a população a que se referem (se apenas os estudantes ou a comunidade inteira da UnB) nem a natureza da pesquisa (amostragem, censo, etc.).

dados de circunscrições mais amplas. Comparados à situação³⁵ do Distrito Federal, é possível notar que na UnB há proporcionalmente três vezes mais pessoas “sem-religião” do que no DF (no DF: 8,6%, na UnB: 27,4%), e que os evangélicos e os católicos dessa instituição são nitidamente menores, em termos proporcionais, do que no DF como um todo (no DF, os evangélicos são 18,5%, e os católicos, 66,6%; na UnB, 11,4% e 44,6%, respectivamente). O contraponto dos dados da UnB com os dados³⁶ do Brasil produz praticamente o mesmo contraste apontado acima.

O NVC-instituição interpreta essa segunda peculiaridade da UnB (a religiosa) como uma mostra de que nesta IES há uma multidão de jovens que não conhecem o Evangelho, os quais estão em meio a um ambiente com inúmeros atributos infensos à causa cristã (“humanismo”, “sincretismo religioso” e “inúmeras vãs filosofias”); um ambiente, enfim, “propício à iniciação em drogas e prostituição”.

Esse é a arena com que se depararia o estudante cristão que chega à UnB. Como muitos jovens não estão preparados para lidar com tamanho perigo — e tendo-se em conta a “falta de sabedoria de alguns pastores no acompanhamento de universitários” —, o resultado é que eles tendem a se “desviar”, isto é, a afastar-se da fé, ou, uma alternativa não menos problemática, passam a adotar uma postura passiva, a qual parece ser bastante funcional para a tarefa do Diabo de “impedir que vidas sejam alcançadas” pela fé cristã.

A UnB seria então “um potencial campo missionário necessitando de urgentes intervenções” dos conhecedores de Cristo, que devem atuar tão corajosa e ativamente como o Davi do episódio bíblico em sua peleja contra o temível Golias³⁷, pois na UnB a obra evangelística tem de ser grande. “Mais do que um vasto e diverso campo missionário”, a Universidade de Brasília “é um campo estratégico”, porque de lá saem pessoas que, devido às altas posições que um dia ocuparão na estrutura econômica e política do Brasil, terão grande poder para espalhar a influência dos ensinamentos de

³⁵ Não dispondo de dados da mesma pesquisa referentes ao Distrito Federal em 2004, optei por usar os dados do Censo Demográfico do IBGE, realizado em 2000. Os dados apresentados foram consultados em Jacob et. al. (2006), obra que poderá ser acessada pelo leitor interessado em aprofundar o tema.

³⁶ Conforme os dados do Censo Demográfico 2000 do IBGE. Neste, os católicos são 73,9% da população; os evangélicos, 15,6%; e os “sem-religião”, 7,4%.

³⁷ A vitória de Davi sobre Golias pode ser lida em I Samuel 17:1-58.

Cristo em seu país. A UnB formará os políticos do amanhã, e, no presente, é a universidade onde estuda a maioria dos filhos dos atuais políticos. Portanto, “atingir esses jovens com Jesus é poder proporcionar uma extraordinária mudança no quadro político hoje e amanhã no nosso país”. Mas o campo missionário da UnB também poderá redundar em mudanças que extrapolam o espaço geográfico e político brasileiro, pois é nesta universidade em que estudam os filhos de “grandes diplomatas” lotados nas muitas embaixadas localizadas em Brasília e muitos outros estrangeiros³⁸. “Ganhando” esses jovens para a causa cristã, o enevicista poderá “mudar toda uma realidade de outros países”³⁹.

A fundamentação que o NVC faz da UnB enquanto um campo estratégico parece se valer de uma “teoria” que reconhece às pessoas localizadas nas posições mais altas da estrutura econômica e social maior poder para promover mudanças socioculturais de amplo alcance. Como na UnB estudam não só filhos das elites como também futuras elites, converter seus estudantes é uma tarefa evangelística que pode redundar, direta e indiretamente, em um fortíssimo impacto⁴⁰.

Nesse campo missionário, O Núcleo de Vida Cristã tem dois objetivos principais: anunciar a palavra de Deus a toda a comunidade acadêmica, e fortalecer os cristãos desse lugar, ou, conforme suas próprias palavras, “fortalecer os cristãos que ali estudam” (ser o “oásis no deserto”) e “levar outras pessoas a receberem Cristo como seu único e suficiente salvador”⁴¹.

³⁸ Em 2011, havia 456 estudantes e 158 professores estrangeiros na UnB. Fonte: <http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=5170>.

³⁹ Formulação afim aparece no discurso institucional da Aliança Bíblica Universitária do Brasil para justificar a natureza preciosa e estratégica do campo missionário universitário. Como o NVC, a ABU crê que na universidade está a população que deverá alcançar “cargos importantes na sociedade brasileira”. Esse faro evangelístico seria inspirado pelo modelo prototípico das missões realizadas por Paulo em Chipre, Atenas e Éfeso (cf., Atos 17:18-34 e Atos 19:10). Nesses locais, esse apóstolo sempre procurou tratar com pessoas das classes mais influentes, o que teria redundado na anunciação da palavra de Deus por toda a Ásia. Fonte: <http://www.abub.org.br/recursos/2010/04/entrando-em-campo>.

⁴⁰ A busca de campos estratégicos para mudar o país ou a “nação” não é exclusiva dos movimentos atuantes nas universidades. Há outros campos “estratégicos” para esse fim, campos esses visados por outras missões. A organização evangelística de origem norte-americana Kids in Ministry International, por exemplo, advoga que os cristãos deveriam concentrar seu esforço evangelístico nas crianças, pois elas seriam 1/3 da população mundial. Isso traria grandes resultados para a causa cristã. Para os Estados Unidos, esse foco conversionista poderia “reerguer” a nação, hoje decadente por ter se afastado de suas raízes cristãs (Jesus Camp, 2006).

⁴¹ Fonte: <http://www.nucleodevidacrista.net/index.php/quemsomos.html>.

Em minhas perambulações em campo e em vários tipos de registros encontrei muitas “ressonâncias” desses objetivos. Em um vídeo feito para um culto de formatura de alguns envecistas, por exemplo, encontram-se anunciados com letras grandes os objetivos do NVC nos seguintes termos: “O alvo do NVC é, ao mesmo tempo, salvar vidas e fortalecer os irmãos na fé”⁴². Um dos respondentes anônimos do *survey* afirmou que o NVC era um grupo voltado tanto para o evangelismo quanto para o apoio aos cristãos da UnB. Na reunião a que assisti em 06/09/2011, um dos envecistas, após convite da líder de evangelismo, apresentou o NVC aos novatos, afirmando que seus objetivos eram fortalecer os cristãos da UnB e levar a palavra de Deus às pessoas desse ambiente. Por fim, a então líder de evangelismo disse-me em entrevista que o NVC também seria um ambiente de “fortificação para quem acredita em Deus, para quem acredita em Cristo, para quem tem uma fé” (Sara, entrevista, 21/06/2011, Brasília).

Além desses dois objetivos frequentemente evocados, o Núcleo de Vida Cristã teria ainda por objetivo: “Adorar ao Deus vivo”; “Compartilhar nossas vidas uns com os outros”; “Desenvolver o caráter de Cristo em nossas vidas”; “Servir a Deus na Universidade”; “Mostrar a todos quem é Deus e como é bom viver com Ele”⁴³. Em algumas visitas de campo registrei manifestações espontâneas dos objetivos nos seguintes termos: falar de Deus na universidade, viver o evangelho na UnB, louvar e adorar a Deus, etc.

1.4. Motivações “individuais” para a participação no NVC

O leitor pode legitimamente se indagar: “quer dizer que esses são os objetivos que os envecistas perseguem? Perseguir tais objetivos – principalmente o do fortalecimento da fé e da evangelização — seria a *raison d’être* da participação do envecista no NVC?” Por um lado, sim. É bastante presente entre eles a ideia de solidificar-se na fé para que não caiam nas tentações do ambiente universitário; também visível é a ideia de anunciar o evangelho. Mas também há outras motivações. O Núcleo de Vida Cristã é muito diverso, como teremos ocasião de ver mais à frente. São alunos de muitos cursos, de muitas condições socioeconômicas, de muitas igrejas, e assim por diante. Seria empobrecedor, para o ponto de vista antropológico a que almejo, limitar-me à visão “institucional”, deixando escapar a diversidade que emerge da posição dos associados. Tentando

⁴² Fonte: http://youtu.be/LIFjjKgk_ME.

⁴³ Fonte: <http://www.nucleodevidacrista.net/index.php/quemsomos.html>.

complexificar um pouco o quadro, procedo agora à apresentação de algumas motivações associadas à participação dos estudantes no NVC. Para captar esses pontos de vista, valime das respostas que os envecistas deram a uma questão aberta (“Por quais razões você participa do NVC?”), uma das 45 questões do *survey* aplicado. Meu procedimento analítico consistiu, primeiro, em registrar todas as motivações espontaneamente relatadas; segundo, em agrupá-las em algumas categorias a partir de suas semelhanças semânticas; por fim, em contabilizar as menções às motivações de cada categoria⁴⁴.

Aproximadamente 57% dos respondentes citaram motivações associadas a “os amigos, uma família, a convivência entre cristãos, o partilhar da fé e a comunhão entre os irmãos”. Nessa categoria estão agrupadas afirmações como: a) “[Porque] Encontrei no NVC também uma família, amigos muito queridos, pessoas que fazem a diferença em minha vida”; b) “conhecer mais pessoas que compartilham do mesmo Jesus”; c) “Logo que entrei na UnB me senti um pouco deslocada por não encontrar ninguém com o mesmo estilo de vida que o meu. Foi aí que encontrei o NVC. Fiz amigos lá.”; d) “amigos”.

Mencionaram motivações associadas ao “crescimento/fortalecimento/edificação espiritual de si e dos demais irmãos” cerca de 34% dos respondentes. Nessa categoria entraram motivações como: a) “Para crescer na fé”; b) “O que ouço e vivo ali fortalece a minha fé em Jesus”; c) “Por ser um alicerce para minha fé”; d) “É no NVC que encontramos abrigo e refúgio em meio à loucura que é ser estudante cristão na Universidade de Brasília”.

Quase 32% afirmaram que sua participação no NVC é motivada pelo fato de que aí ele pode “adorar, louvar, aproximar-se de Deus e exercitar a fé” (motivações como: “poder e sentir a presença de Deus” e “passar momentos para louvar ao Senhor”).

O mesmo percentual de envecistas que afirmaram as motivações do parágrafo anterior também declarou motivações associados ao bloco “Aprender mais sobre a bíblia e a palavra de Deus; aprender com os outros pensamentos e experiências de vida”. Nessa categoria estão motivações como: a) “aprofundamento de conhecimento bíblico”, b)

⁴⁴ Para a presente análise inspirei-me em ideias apresentadas no livro de Christian Laville e Jean Dionne (1999, p. 214-230).

“crescer no conhecimento da palavra de Deus, debatendo de forma saudável e agradável”; c) “Lugar para conhecer outras religiões/pensamentos/teorias”.

Por fim, 25% dos respondentes assinalaram motivações de cunho evangelístico. Foram consideradas “evangelísticas” motivações como: a) “levarmos o evangelho para quem ainda não o conhece”; b) “proclamação do amor de Cristo na universidade”; c) “fazer a obra de Deus e impactar a UnB”.

É claro que o agrupamento que fiz é em alguma medida arbitrário. Além do mais, algumas das categorias se sobrepõem significativamente a outras. Por exemplo: a comunhão e o fortalecimento da fé são elementos diretamente relacionados e um tanto coincidentes, embora aqui apareçam em categorias diferentes. Não entrarei em maiores detalhes e não pretendo explorar todas as implicações dos resultados que acabo de mostrar. Creio que será suficiente colocar que as motivações dos envecistas para participar deste coletivo não estão necessariamente afinados com os objetivos, digamos, “institucionais”. Grande mostra disso é a relativamente pouca referência à tarefa de evangelizar por parte dos envecistas, o que parece não fazer jus ao objetivo enfatizado no sítio do NVC e em muitas das atividades, ou seja, a de “levar outras pessoas a receberem Cristo como seu único e suficiente salvador”. O outro objetivo principal — o de “fortalecer os cristãos” da UnB, sendo o “Oásis no deserto” — parece ser mais correspondido pelas motivações dos envecistas, principalmente se levarmos em conta que as motivações associadas à comunhão, aos amigos e ao convívio cristão também podem ser lidas, com significativo grau de acerto, como índices da vontade de fortalecimento de si e dos outros irmãos.

1.5. Organização do Núcleo de Vida Cristã: as pastas

Tendo falado da natureza organizacional do NVC, de seus objetivos e das motivações para a participação neste coletivo, creio que é hora de apresentar seu modo de organização e algumas questões afins. Em meu primeiro dia de campo, a coordenadora do grupo de debate, Camila, havia me dito que o NVC era “bem estruturado” e que tinha líderes. Mas não se trata de uma organização tão “formal” quanto a das paraeclesiásticas de grande porte. Organizações como a Aliança Bíblica Universitária do Brasil e a Campus Crusade for Christ International têm estatuto, personalidade jurídica, missionários/funcionários, e rotinas administrativas afins às de grandes empresas. Não

por acaso, muitos dos “líderes” dessas organizações recebem o título de diretor executivo, CEO (chief executive officer) ou algo equivalente. O Núcleo de Vida Cristã não tem nada disso. Nem estatuto, nem personalidade jurídica, nem diretor executivo ou o que o valha. Pode-se dizer que, de um ponto de vista jurídico e administrativo, este coletivo brasileiro seria bem “informal”. Isso não quer dizer que seja amorfo ou apenas organizado intuitivamente espelhando-se em um consenso tácito. Há algumas diretrizes que organizam o NVC, as quais são passadas de líder a líder e reconhecidas pelos enevécistas através de suas manifestações práticas e expressivas no dia a dia do grupo. Algumas delas estão cristalizadas no site da organização, e podem ser facilmente acessadas por qualquer novato. Mas não são diretrizes “pétreas” e rígidas. Elas vão sendo ajustadas à medida que transcorre a vida da organização, e o ajuste pode se dever a uma série de questões, entre as quais a renovação do quadro de líderes (pois o enevécista, como quase sempre acontece, deixa a liderança e o grupo quando cessa seu vínculo com a UnB) e as condições concretas do contexto em que o grupo atua.

O Núcleo de Vida Cristã funciona/organiza-se através de pastas (também chamadas de departamentos), correspondentes a cada gênero de atividade que o grupo desempenha e/ou às suas necessidades. Elas são “braços” da organização que prezam pela boa execução dos objetivos pelos quais o Núcleo existe. Guardam forte semelhança aos “ministérios” em que normalmente estão divididas as congregações evangélicas.

Mas nem sempre foi assim. Nos primeiros anos, o NVC só tinha um líder geral e mais nada. As atividades do coletivo eram realizadas pelos participantes sem que houvesse qualquer atribuição fixa de função. “Tínhamos sempre”, disse-me o ex-enevecista que me concedeu entrevista por e-mail, “aqueles que ministravam a palavra, o louvor. Havia sim pessoas que se dispunham a servir, sugerindo atividades, trazendo instrumentos. [Mas] não tínhamos departamentos”.

Atualmente são sete pastas no NVC⁴⁵: 1) a pasta de louvor, 2) a de intercessão, 3) a de comunhão, 4) a de evangelismo, 5) a do grupo de debates, 6) a do Coral, 7) e a da liderança geral. O número sete é fortuito. Na verdade, não existe uma quantidade considerada ideal de ministérios. Hoje são sete, mas nem sempre foi assim, e

⁴⁵ Refiro-me ao NVC do Darcy Ribeiro, onde fiz meu trabalho de campo. Doravante, desde que não haja indicação em contrário, vou me referir apenas a ele. Os dois outros núcleos também são organizados em pastas, mas o conjunto de pastas não é o mesmo para os três.

provavelmente não permanecerá assim por muito tempo, já que o NVC muda bastante. Pastas são abertas ou fechadas segundo as necessidades do grupo e a capacidade que ele tem para gerenciá-las. Até poucos anos atrás, por exemplo, o NVC tinha bem mais pastas do que as atuais sete. Mas, por motivos diversos, algumas foram fechadas. Uma delas, a “NVC Esportes”, foi fechada, pois, segundo informação disponibilizada na página de apresentação do NVC na internet⁴⁶, “a vida na UnB foi se tornando mais difícil para momentos de evangelização e comunhão por meio dos esportes”. Para continuar com os exemplos: a atual pasta do coral só existe há cerca de dois anos; e como seu líder (e regente), Gilberto, acabou de se formar, é provável que o coral deixe de existir em 2012, pois, como me disse a líder geral, não é fácil achar alguém que tenha habilidade para reger e treinar o coral. Assim, a composição de pastas do NVC muda ao longo do tempo.

Os títulos das pastas do NVC explicam em grande medida o que cada uma realiza. A pasta do louvor é responsável pela parte musical durante as atividades do NVC. Ela cuida para que, sempre que necessário, haja alguém para fazer o louvor, isto é, para executar as músicas em louvor e adoração a Deus. A pasta de intercessão coordena as atividades do NVC que se centram na oração (por exemplo, vigílias, reuniões de intercessão, etc.). A pasta de comunhão tem por objeto promover a convivência e a integração intra-grupo (é responsável “pela integração de todos”), e a promoção de atividades em grande medida lúdicas, como “piqueniques, gincanas, churrascos”⁴⁷. A pasta de evangelismo se encarrega de anunciar a fé cristã na universidade, por meio de cartazes e algumas atividades direcionadas ao evangelismo. A pasta do grupo de debates é responsável pela realização semanal dos grupos de debate (os GDs). A pasta do coral administra e organiza as atividades relacionadas ao Oásis, coral do NVC. A pasta de liderança geral, por fim, supervisiona e articula as atividades das demais pastas, para que o Núcleo de Vida Cristã possa atuar da melhor forma possível. Também é sua atribuição dialogar com a administração da Universidade de Brasília (por exemplo, pedindo autorização para uso de espaços na universidade) e administrar as finanças⁴⁸ do coletivo.

⁴⁶ Fonte: <http://www.nucleodevidacrista.net/index.php/quemsomos.html>.

⁴⁷ Fonte: http://nvc.ipidocruzeiro.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1&Itemid=4.

⁴⁸ Segundo os enevicistas da liderança entrevistados, o NVC tem uma “pequena” receita. O grupo recebe mensalmente o valor de R\$ 100,00 de uma igreja evangélica tradicional de perfil missionário, localizada na Asa Norte de Brasília. Tal quantia, me disseram, é suficiente para custear suas atividades, uma vez que os gastos são poucos. O dinheiro é praticamente todo usado com “papel”, ou seja, com os cartazes (e os materiais para fazê-lo), com folhetos, com guias para os grupos de debate, etc. As demais atividades do NVC que podem envolver custos — confraternizações, acampamentos, viagens evangelísticas, etc. — são

Nem todas as pastas, como vimos, correspondem a uma atividade⁴⁹. Algumas — a do louvor, a da comunhão, por exemplo — estão inseridas em várias das atividades do NVC. Nas reuniões das terças-feiras, por exemplo, tanto o louvor quanto a comunhão vão atuar, e não só elas. Quase sempre é assim. E aí chegamos a outra característica da organização do NVC: as pastas não atuam isoladamente; sua ação em geral é apenas parte de um arranjo maior voltado a executar alguma tarefa. A pasta da liderança geral é fundamental para que este arranjo soe coeso.

1.6. Os líderes de pasta e a liderança

Para cada pasta há um líder que se encarrega de geri-la. Ele tanto executa as atividades da pasta quanto mobiliza outros envecistas para ajudá-lo. Como me disseram várias vezes — em entrevistas e no *survey* —, o líder nunca trabalha sozinho; sempre há quem o ajude⁵⁰. Não existem equipes fixas e muito claras de cada pasta; o que há são aquelas pessoas que, mesmo não sendo líderes, costumemente se engajam nos afazeres de alguma pasta ou mesmo no de várias. A envecista e estudante de história Mara, por exemplo, não faz parte da liderança, mas sempre se envolve nas atividades relacionadas à

custeadas voluntariamente pelos envecistas que delas participam através do sistema de “vaquinha” (“Ação ou resultado de várias pessoas juntarem dinheiro em comum para determinado fim”, segundo a definição do iDicionário Aulete, disponível em: http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital). A propósito deste assunto, cumpre dizer que o Núcleo de Vida Cristã não cobra dízimo nem estimula o fiel a dar “ofertas” (uma espécie de “contribuição extra” que o fiel, mesmo já tendo pagado o dízimo, pode oferecer à igreja). Porém, mesmo sem admoestações, vez por outra o grupo recebe “ofertas” de seus membros. Quando isso ocorre, sempre é com bastante discrição, ou seja, sem que seja “jogado para que todo mundo fique sabendo” (Ranna, entrevista, 14/07/2011, Brasília). Nas igrejas evangélicas, a oferta costuma ser feita em meio a toda a congregação. No NVC, não; em geral envolve apenas o ofertante e a líder geral. Essa postura discreta em relação ao dinheiro — elemento que, no NVC, está muito longe de ter a centralidade que tem em algumas denominações neopentecostais — parece se explicar, conforme deparei de depoimento da líder geral, pelo desejo que o grupo tem de manter-se apartado das recorrentes polêmicas que giram em torno da relação entre algumas igrejas evangélicas e o dinheiro. Sobre as controvérsias “monetárias” da Universal do Reino de Deus, a mais controversa igreja evangélica, cf. Giumbelli (2002b).

⁴⁹ Apresento as atividades do NVC no próximo capítulo.

⁵⁰ No *survey*, na questão “Você assume ou já assumiu algum papel de liderança no NVC?” — formulada em termos dicotômicos (“sim” ou “não”), mas com a opção “Outro (especifique)” — algumas pessoas responderam textualmente que mesmo não sendo líderes ajudavam a liderança. Uma das respostas nessa linha: “Não [assumi nem assumo], mas a liderança não age sozinha. Eles mesmos falam como e quando precisam dos outros”. Na última entrevista que realizei para a pesquisa, Fernando, membro recente do NVC, me disse ao ser perguntado se é ou se já tinha sido líder de alguma pasta do NVC: “Não [...] eu nunca precisei. Porque a gente tem muito esse negócio: tem tal coisa, você pode fazer? [...] [Então eu] trabalho, mas não na liderança, não assumindo nenhum papel de responsabilidade” (Entrevista, Fernando, 12/12/2011, Brasília).

pasta do evangelismo. O mesmo padrão de envolvimento em alguma pasta parece ser válido para outros enevécistas. Mas esse envolvimento é muito dependente de uma disposição pessoal; existem pessoas que se engajam mais, outras menos, e há também aqueles que não se envolvem na organização de qualquer atividade.

Os líderes do Núcleo de Vida Cristã — a “liderança”, conformem termo comumente usado pelo enevécista para se referir ao conjunto de líderes — não recebem salário nem ajuda de custo para exercer seu trabalho, diferentemente do que ocorre com os líderes de grandes paraeclesiásticas. É tudo voluntário e voltado, como ouvi várias vezes, a fazer crescer o Reino de Deus na UnB. Indagados sobre esse assunto, alguns líderes me disseram que não havia necessidade de salários, pois eles não eram trabalhadores integrais, como o são os assalariados em grandes paraeclesiásticas.

As lideranças no NVC não são da mesma natureza das lideranças nas congregações. Nessas, o líder (pastor, diácono, líder de célula, etc.) se encarrega tanto de questões “terrenas” (administrativas, operacionais), quanto das espirituais, amparado, segundo o discurso sempre evocado, em princípios bíblicos. Os liderados, assim, devem se submeter aos líderes e respeitá-los, pois estes teriam sido investidos na autoridade pelo próprio Deus. Este é um esquema abstrato, particularizado em cada caso concreto. Embora esse seja assunto complexo, sobre o qual ainda me sinto um tanto desconhecedor, é possível apontar algumas características quanto à situação dos líderes do NVC. De início, pode-se dizer que a liderança do NVC não é tão espiritual como são nas congregações, mas também não é apenas administrativa.

Os líderes do NVC, segundo me explicou a líder geral, não são líderes por acaso ou por mérito próprio. Se chegaram à liderança foi pela vontade de Deus; foi, por outros termos, por que Deus deu direcionamento⁵¹ aos encarregados da escolha para que os escolhessem. Por isso a natureza de sua liderança teria sim uma componente “espiritual”. Concebendo que líder espiritual é aquele que intercede e ora pelo irmão, e que de alguma forma vai lhe mostrando o caminho certo, Ranna diz que eles, os líderes do NVC, seriam sim um pouco “líderes espirituais”, na medida em que oram e intercedem pelo NVC e têm o enevécista sob sua responsabilidade. Mas, logo ela pondera que essa liderança espiritual não chega a ser tão intensa e direta quanto o é na igreja. Nas igrejas,

⁵¹ Tratarei do “direcionamento” de Deus na subseção “A tomada de decisão no NVC”, do presente capítulo.

ela me disse, o pastor é procurado pelos liderados que lhe comunicam seus problemas e solicitam oração. No NVC, embora isso eventualmente possa ocorrer, não é regra. O enevecista pode procurar alguém da liderança, mas também pode procurar alguém que não seja, como um amigo, por exemplo. Assim, sintetiza a líder geral, a liderança no Núcleo de Vida Cristã seria administrativa, mas, em caso de necessidade, poderia desdobrar-se até a dimensão do espiritual. Conforme suas palavras: “[nós, os líderes] estamos aqui para servir, e se for necessário orar, se for necessário te aconselhar, se for necessário fazer isso, sim, nós faremos” (Ranna, 21/11/2011, entrevista, Brasília).

Ranna me diz, porém, que isso não significa que os líderes sejam mais santificados que os demais enevecistas. Todos estariam no “mesmo lado”, mas os líderes, por terem responsabilidade de administrar e organizar o Núcleo, também sentem-se responsáveis por orar e interceder pela “saúde do NVC”.

Em muitas das vozes que chegaram até mim, havia uma componente que abrandava a liderança exercida no NVC. Em geral, falavam na existência de pouco hierarquia no NVC, comparativamente à hierarquia congregacional. A líder de evangelismo até setembro de 2011, Sara, disse-me, em entrevista que, mesmo havendo líderes no NVC, “de certa forma a voz de todo mundo é muito igual” e que havia pouca hierarquia. Essa sentença parece confirmada pelo depoimento de uma enevecista não participante da liderança. Quando entrevistei Mara pela primeira vez, em 19 de julho de 2011, ela me relatou estar atravessando um momento de indecisão quanto a permanecer ou não em sua atual congregação (uma igreja de um ramo menos tradicional do pentecostalismo). Meses depois, quando já havia decidido permanecer — ao menos “por enquanto” — em sua igreja, ela me disse que o grande problema era que ela não se sentia muito bem com a forte hierarquia dessa denominação, e então comentou que no NVC não havia essa hierarquia toda nem uma postura invasiva por parte dos líderes e que por isso no coletivo ela se sentia inteiramente à vontade.

Na mesma linha das evidências anteriores, Sara também me disse que no NVC a diferença entre líderes e liderados é muito pouca, diferentemente do que ocorre nas igrejas. Nessas, segundo sua análise, as pessoas tendem a encarar a voz do pastor como a verdade, porque ele é líder espiritual. Ela, enquanto líder de evangelismo, não crê que sua voz seja encarada como a verdade pelos demais; e, segundo minha avaliação, nem é esse seu propósito. Quando alguém, em dificuldade, a consulta, ela diz não prescrever o que a pessoa *deve* fazer, como o pastor em geral faz; antes, ela compartilha com a pessoa

sua leitura da bíblia sobre o ponto em discussão, cabendo a decisão de como agir à pessoa.

O líder enevicista pode dar algum direcionamento aos demais colegas, mas não pode ser taxativo em relação ao que este deve fazer. Não há suspensões ou advertências, como pode ocorrer em uma igreja quando algum dos filiados viola algum ponto basilar da doutrina (uma gravidez fora do casamento, por exemplo). Mas há uma exceção. Mesmo não procurando normatizar a vida do enevicista, os líderes têm de intervir e impor alguns limites inegociáveis em assuntos e posturas que comprometam a saúde do NVC. Um dos limites é o trato de alguns assuntos teológicos/doutrinários que possam quebrar a harmonia do grupo. Em caso ocorrido meses atrás, a líder geral se viu obrigada a dar um ultimato a alguns enevicistas que teimavam em violar essa orientação: ou eles cessavam de evocar os assuntos controversos, ou teriam de sair do Núcleo de Vida Cristã. Essa postura dos líderes parece ser bem representada pela seguinte afirmação de Sara: “A gente como liderança, a gente só fala com a voz, de certa forma, superior ao outro na hora que é por alguma coisa que pode prejudicar o grupo. Mas, com relação à fé mesmo, a gente conversa bem de igual pra igual” (Sara, entrevista, 21/11/2011, Brasília).

Isso quer dizer então que não há maiores diferenças em termos de fé entre um líder e um não líder? Haveria alguns requisitos espirituais para que um enevicista possa chegar à liderança?

Nas denominações, tais requisitos em geral figuram em documentos escritos tais como regimentos, estatutos ou afins. O estatuto da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil — IPRB, por exemplo, enumera os requisitos que devem ser atendidos pelo membro da igreja que deseja assumir um cargo de liderança. Para ser presbítero, é preciso, entre outras coisas, “ser cheio do Espírito Santo”, “ter as características espirituais descritas em I Timóteo 3:2-7 e Tito 1:5-9”, “ser membro da IPRB há pelo menos 3 (três) anos ininterruptos”⁵². Para assunção do cargo de diácono, estão listadas exigências afins. No Núcleo de Vida Cristã também existem exigências mais ou menos tácitas, as quais, embora não estejam escritas em qualquer documento normativo, são bastante importantes.

Para ser líder é preciso ser “mais consolidado na fé”. O líder tem de ter “um tempo maior de conversão”, “um entendimento um pouco maior da Bíblia”, pois para conduzir os

⁵² Fonte: <http://www.iprb.org.br/legislacao/estatutoigreja.html>.

enevecistas é preciso saber o que se faz. Os novos convertidos, então, não podem ser líderes, porque, sendo recentes na fé, não teriam como assumir os fardos da liderança: “seria muita ingenuidade [e] muita maldade colocar alguém que acabou de chegar, alguém que acabou de se converter, porque vão chegar questionamentos e perguntas que ela não vai saber responder” (Ranna, entrevista, 21/11/2011). Como me disse Sara: “Não dá pra você pegar uma pessoa que não entende muito da bíblia, que não entende muito dessa visão universitária, de pregar e tal. Não dá pra colocar”⁵³ (Sara, entrevista, 21/11/2011).

Ao me deparar com essas afirmações, resolvi consultar meus dados do *survey*. Em uma das questões, indaguei os envecistas a respeito de seu tempo de conversão. Após estratificar os respondentes nas categorias dos que assumem ou já assumiram um papel de liderança, de um lado, e, de outro, dos que não assumem nem assumiram, vi que 100% dos envecistas da primeira categoria responderam que se converteram “Muitos anos antes de começar a participar do NVC”, índice muito superior ao segmento dos que não estão nem estiveram na liderança.

Esses requisitos de consolidação se devem à preocupação que a liderança tem a respeito da continuidade do grupo. Para que o Núcleo de Vida Cristã possa continuar fazendo a “Obra de Deus” é preciso que o processo de transição de lideranças seja bem feito, isto é, que do processo de transição dos líderes resulte uma liderança bastante consolidada na fé.

Via de regra, o envecista-líder deixa o grupo e a liderança quando termina seu vínculo estudantil com a universidade. Em alguns casos — não muitos, mas também não raros —, a saída e a conseqüente transição de liderança ocorrem alguns meses antes de sua formação. Isso se deve, normalmente, ao fato de que, em fim de curso, o estudante tende a estar mais ocupado com suas obrigações acadêmicas (trabalho de conclusão de curso, por exemplo), o que lhe impede de dedicar-se de maneira satisfatória ao NVC. Não podendo dedicar-se como queria, o envecista opta por antecipar sua saída para que o Núcleo não tenha suas atividades prejudicadas. Este foi o caso do líder de intercessão. Meses antes de se formar, começou a sentir escasso o tempo (ele não estava conseguindo

⁵³ Isso não quer dizer que os líderes sejam mais instruídos na fé do que *todos* os demais envecistas. Há muitas pessoas experientes na bíblia e consolidadas na fé que não estão na liderança. A ex-líder de evangelismo, Sara, me disse que há muitos envecistas que sabem muito mais da bíblia do que ela.

dedicar-se à academia como queria), e optou por fazer a transição antes do tempo considerado “normal”.

Por ser assunto importante, a transição é preparada muitos meses antes de acontecer, período em que os envecistas pensam a respeito do assunto, cogitam substitutos e, mais importante, oram a Deus para que este ilumine suas escolhas. Todo o processo de transição é cuidado pela liderança, que, após muitas conversas, reuniões e oração, fazem a decisão. O escolhido então é avisado e indagado sobre sua disponibilidade para exercer esse ministério. Tendo aceitado o encargo, é anunciado ao grupo como novo líder.

A transição não ocorre bruscamente. É preciso que o novo líder vá sendo socializado nas orientações básicas da liderança, e para isso o antigo líder pode ser bastante funcional. Essa socialização pode ocorrer de várias formas. Sem pretensão de enumerar todas, listo algumas:

O novo líder pode ser acompanhado pessoalmente pelo antigo líder, principalmente se este deixou seu posto antes de findo seu curso na UnB. Isso ocorre, até onde sei, no dia a dia de atividades do NVC. O ex-líder, embora geralmente muito atarefado com as coisas da academia, não cessa de ir às atividades, ainda que não o faça com a habitual assiduidade do tempo de liderança. Nessas ocasiões, líder e ex-líder podem conversar a respeito de questões atinentes ao ofício de liderar tal pasta. O líder pode pedir conselhos, compartilhar preocupações; o ex-líder, aconselhar.

Parte da socialização do novo líder ocorre via lista de e-mails. A liderança do NVC — e não apenas a liderança, como veremos em subseção mais à frente — utiliza um grupo de e-mails da empresa Google (o Googlegroups, disponível em: <http://groups.google.com/>) para a sua comunicação. Não obtive muitas informações sobre o uso dessa lista. A lista é restrita à equipe da liderança, sendo inacessível até para os demais envecistas. Não obstante, posso afirmar que não é uma lista tão usada quanto a outra lista que o NVC mantém para a comunicação de quase todos os membros do grupo. Segundo me disse a líder geral, a lista serve para marcar reuniões presenciais⁵⁴, para conversar sobre a

⁵⁴ Não há uma periodicidade estabelecida para tais reuniões. Em geral, ocorrem uma vez por mês. São convocadas quando os líderes precisam discutir a organização de atividades do NVC ou para discutir algum problema em alguma atividade e coisas afins. Segundo depoimento da líder geral: “Assim que a gente sente necessidade, a gente tem o nosso grupo de e-mails da liderança, então a gente manda, falando que precisa de uma reunião, e a galera tenta adequar seus horários, e a gente marca um local e um horário para conversar” (Ranna, entrevista, 14/07/2011, Brasília).

organização das atividades do NVC ou para compartilhar “alguma palavra que Deus deu específica para a gente [da liderança], que não tem necessidade de ser passada para todo mundo” (Ranna, entrevista, 21/11/2011). Na lista de e-mails da liderança, o novo líder recebe informações do ex-líder, em um processo que não tem período definido para acabar. Alguns ex-líderes que ainda não se desvincularam da UnB continuam na lista e exercem sua tarefa de transmissão dos conhecimentos associados à liderança. Sara, por exemplo, deixou a liderança em 30 de setembro de 2011, mas ainda está na lista de e-mails, junto ao novo líder de evangelismo, Luan. A esse respeito, a líder geral me disse que Sara continuava na lista “até porque a transição acontece assim”; “Sara ainda tem muitas coisas a passar a Luan, muitos direcionamentos, muitas experiências que ela já viveu” (Ranna, entrevista, 21/11/2011).

A permanência na lista da liderança não é prerrogativa exclusiva dos ex-líderes que ainda são estudantes da UnB; há casos de líderes que, mesmo já tendo saído do NVC e da UnB, permanecem na lista de e-mails. Estes vez por outra compartilham alguma experiência do passado com a atual liderança. Mas a participação dos antigos líderes não é muito frequente (“eles aparecem muito pouco, muito, muito pouco, raramente”) (Ranna, entrevista, 21/11/2011).

1.7. A tomada de decisão

Após passar a limpo alguns elementos do NVC ligados à liderança, acho que é hora de tratar dos meios pelos quais as decisões do coletivo são tomadas. Ao longo das últimas subseções forneci algumas pistas. Falei, principalmente, em decisão tomada pelos líderes e, em menor medida, no “direcionamento” que Deus dá ao fiel para que faça melhores escolhas. Mas há outros elementos.

Primeiro, as decisões do Núcleo de Vida Cristã competem aos líderes. São estes que, consensualmente, decidem os rumos do NVC e dão a palavra final sobre todas as questões. Em geral, os líderes das pastas se reúnem ou trocam mensagens pela lista de e-mails da liderança e chegam a um consenso. Esse modo de decidir as coisas teria a vantagem, comparativamente ao modo em que apenas o líder geral decide, de garantir a produção de decisões mais bem pensadas, o que seria fruto da exposição de muitas

opiniões pelos integrantes da liderança. “A diversidade de opiniões” faz com o que “um problema seja analisado em vários aspectos que não seriam percebidos a priori”⁵⁵.

Isso não quer dizer que o grupo de envecistas tenha de se submeter inelutavelmente ao que for decidido. Para que as decisões sejam implementadas, é preciso que eles se entusiasmem com a proposta. O ânimo dos envecistas parece funcionar como um indicador a respeito da exequibilidade do que foi decidido pela liderança. Como a ex-líder de evangelismo Sara me disse: “Se a gente propuser atividade para o grupo e todo mundo se animar e a galera quiser fazer, [ela] faz. Mas se o pessoal ficar meio murcho, a gente acaba parando com a atividade” (Sara, entrevista, 21/06/2011, Brasília). Mas em geral, ainda segundo Sara, o grupo aceita o que é proposto pela liderança.

Os envecistas não-líderes não podem efetuar decisões, mas, segundo depreendi em inúmeras conversas, eles são muito importantes para as atividades que o NVC vai fazer, pois muito do que é feito baseia-se em sugestões dos não-líderes. Estes seriam responsáveis por fazer uma série de sugestões, as quais são avaliadas pela liderança, que teria, por fim, de decidir o que vai ser feito.

A líder geral me disse que, para “não ficar uma coisa ‘só a liderança decide’”, os líderes gostam de ouvir a opinião dos demais envecistas. Ver essas opiniões seria importante, além do mais, para que a liderança possa ampliar sua capacidade de tomar decisões sensatas, pois, tendo acesso à visão dos liderados, os líderes podem ver coisas que antes não viam.

Assim, por exemplo, se as pessoas têm qualquer ideia para uma atividade de evangelismo, para o conteúdo de um folheto, ou algo do gênero, ela pode se dirigir ao líder de evangelismo e lhe comunicar. Isso pode acontecer no face a face — em algumas atividades, membros da liderança até admoestam presentes a colaborarem com ideias para novas atividades — ou mediante a lista de e-mails do NVC. Conforme me disse Ranna, a lista de e-mails é a principal ferramenta utilizada pelo não-líder para fazer sugestões. Isso seria devido a pelo menos dois fatores: primeiro, porque na lista de e-mails as pessoas tendem a se sentir mais à vontade; talvez isso se deva ao fato de em ambiente virtual as pessoas se despojarem de algumas reservas que têm no face a face. Segundo, porque, como o dia a dia na UnB é corrido, nem sempre os envecistas conseguem interagir com os demais colegas; assim, quando já estão em casa, eles podem

⁵⁵ Fonte: http://nvc.ipidocruzeiro.org.br/index.php?option=com_content&task=blogsection&id=6&Itemid=4.

mandar e-mail para a lista, e a liderança pode ler as sugestões no momento que puder, pois as mensagens permanecem disponíveis⁵⁶.

Forneço um outro exemplo sobre este ponto. No último “impacto” — atividade evangelística de que tratarei com alguma minúcia no próximo capítulo —, realizado pelos envecistas em 03 de dezembro de 2011, foi adotada uma nova estratégia de evangelização via cartazes; essa ideia, como me contou Ranna, foi fruto das sugestões dos envecistas não-líderes na lista de e-mails.

A decisão no NVC seria, então, atribuição da liderança. Mas esta, segundo muitas evidências a que tive acesso, sempre procura ouvir os envecistas, primeiro, para poder melhorar seu poder de decisão, e, segundo — e aqui me aventuro no terreno das hipóteses —, porque sabe da importância de tomar uma decisão afinada à vontade dos demais envecistas para que estes se entusiasmem e deem vida à ideia.

Um último elemento, não menos importante que os já descritos, merece ser apresentado. A decisão final no NVC é da liderança, como já afirmei. Ocorre que a decisão não é feita sem antes haver oração. Esse parece ser um proceder bastante comum no NVC: sempre que houver decisões importantes a serem tomadas, deve-se, primeiro, orar a Deus. Quando Ranna me falou em entrevista do processo de escolha dos novos líderes, ela me disse que desde há muitos meses os líderes conversavam sobre o assunto e oravam a respeito. O depoimento de uma ex-líder geral, encontrado no site do Núcleo, também confirma essa mesma postura. Segundo suas palavras: “Eu me lembro que nós orávamos sobre tudo! Qualquer decisão que a equipe de liderança precisasse tomar, nós colocávamos sinceramente diante de Deus”⁵⁷.

Mas por que os envecistas oram antes de tomar uma decisão? Certamente para que a decisão tomada seja a melhor possível. Mas como a oração pode resultar em uma melhor decisão? Esse é assunto complexo. Claramente nele se envolvem questões a respeito da “noção de pessoa” e de “agência” para meus interlocutores. Não tenho tantos dados para trabalhar essa questão; além do mais, tratá-la adequadamente é tarefa que requereria todo um investimento teórico que vai muito além das minhas atuais capacidades e

⁵⁶ Em termos analíticos, esse segundo fator pode ser explicado pelo caráter assíncrono da lista de e-mails. Diferentemente de uma discussão face a face, que tem de ser instantânea, a interação via lista de e-mails (e muitas outras ferramentas) não exige a presença do receptor no momento de emissão da mensagem. Sobre o assunto, cf. Spyer (2007, p. 46ss).

⁵⁷ Fonte: <http://www.nucleodevidacrista.net/index.php/caca-aos-dinossauros/37-exlideres/48-mirlane.html>.

mesmo de meu foco nesta dissertação. Não obstante, algumas considerações exploratórias podem ser feitas.

Sabe-se desde há muito tempo que a oração pode ser realizada para inúmeros propósitos: influenciar a divindade, louvar a divindade, suplicar, etc. (Mauss, 1981). A oração que precede as grandes decisões parece ter vários propósitos e resultados, e esse certamente é o caso no NVC, dada sua heterogênea base denominacional. Uma das possibilidades é o fiel pedir e obter, mediante oração, um “direcionamento” de Deus quanto ao mais adequado curso de ação. Assim, por exemplo, Ranna me disse que foi escolhida para ser líder geral porque Deus deu um direcionamento aos então líderes do NVC. Esse direcionamento se assemelha a uma indicação do curso a ser seguido; o fiel, diante do direcionamento, procederia à tomada de decisão. Outra possibilidade é o requerer/obter confirmação de Deus, mediante oração, quanto à plausibilidade de certo curso de ação pretendido pelo fiel. Isso parece ter ocorrido no caso da escolha de Luan como líder de evangelismo no lugar de Sara. Nesse caso, Deus confirmou a escolha humana, pois ele “deu paz no coração de todo mundo” envolvido na decisão (Ranna, entrevista, 21/11/2011, Brasília). Para ilustrar um pouco mais esse tópico, evoco relato de uma envecista não-líder a respeito de uma importante decisão que ela tomou recentemente. Mesmo não sendo da liderança, achei importante tratar de seu caso, pois é mais um exemplo do uso da oração para a tomada de decisão, que, talvez, possa corresponder ao modo de proceder de algum envecista que tenha poder de decisão. Trata-se do caso de Mara, que já apresentei páginas atrás: o de que ela, insatisfeita com a excessiva hierarquia de sua denominação, cogitou abandoná-la e juntar-se a alguma outra. Este foi, segundo suas palavras, um “momento crítico”. Para escolher o que fazer, ela orou a Deus, que lhe falou: “fica lá, por enquanto” (Mara, entrevista, 09/12/2011, Brasília). Ela obedeceu. Mais uma vez, estamos diante de um caso de requerer “direcionamento” a Deus mediante a oração, e, o que tem sua importância, da decisão de obedecer ao direcionamento (Segundo Mara: “Então foi isso que ele me falou. Então eu obedeci e continuo lá”, op. cit.).

Os três exemplos indicam que, mesmo orando a Deus antes das decisões, o envecista ainda é quem dá a palavra final, pois, no fim das contas, é ele quem decide acatar ou não o direcionamento ou a indicação divina. A decisão envecista, não obstante, parece sempre se afinar ao direcionamento dado por Deus, o qual passa, por isso, a ser elemento importante na tomada de decisão.

1.8. Canais virtuais para a comunicação do Núcleo de Vida Cristã

Vimos na subseção anterior que uma das plataformas interacionais em que os líderes dialogam, visando, entre outras coisas, a construir consensos sobre os cursos de ação que dizem respeito ao NVC, é a lista de e-mails da liderança. O ambiente da internet é fundamental para a comunicação não só entre os líderes, mas também entre todos os enevécistas. Por conseguinte, é um meio fundamental para a organização desse coletivo cristão.

No NVC existem duas listas de e-mails: uma da liderança, e outra que reúne os enevécistas em geral. Sobre a da liderança, o pouco que tinha a falar já foi dito nas páginas anteriores. Além de não ter tido acesso a ela, só chegaram a mim poucas informações a seu respeito. Assim, focarei na lista geral, a lista de que participam todos ou quase todos os enevécistas⁵⁸.

Uma lista de e-mails (também conhecida como lista de discussão, grupo de e-mails, grupo de discussão, etc.) é uma das plataformas virtuais que compõem a família das ferramentas assíncronas de comunicação, aquelas que “dispensam a presença simultânea de quem recebe a mensagem para que a comunicação se estabeleça” (Spyer, 2007, p. 46). Nela a comunicação funciona a partir do envio e recebimento de e-mails por parte dos cadastrados. Quando quer enviar uma mensagem à comunidade cadastrada no serviço, o participante envia um e-mail ao endereço de e-mail da lista (toda lista tem um endereço de e-mail), o qual funciona como um “refletor”, que manda a mensagem para todos os cadastrados. A mensagem enviada pode ser respondida por qualquer participante da lista. A resposta enviada, como a mensagem original, também chega a todos os participantes. Nesse esquema básico⁵⁹ acontece a comunicação das pessoas cadastradas na lista de e-mails⁶⁰.

⁵⁸ Não obtive informações sobre o percentual de enevécistas que participa da lista. Mas obtive respostas genéricas que sugeriam que eram quase todos. E mais: mesmo ex-enevecistas participam da lista. A partir de conversa que tive com Fernando, aluno de Engenharia Mecânica e enevécista há pouco mais que seis meses, posso estimar que na lista há mais que 150 pessoas cadastradas.

⁵⁹ Para mais detalhes sobre o funcionamento dessas listas, cf. (Spyer, 2007, pp. 46-51).

⁶⁰ Em geral, as listas de e-mails também oferecem ao usuário a alternativa de interação através da Web, onde pode ser acessada uma página que contém todas as mensagens trocadas e onde podem ser enviadas mensagens, sem necessidade de efetuar *login* em um serviço de e-mail. Essa opção, todavia, é acessória; o principal fluxo comunicativo é trocado a partir das caixas de e-mail dos próprios participantes (Spyer, 2007,

A lista do NVC é mantida através do serviço Google Groups, da empresa norte-americana Google. É uma ferramenta fundamental para a comunicação e o funcionamento do Núcleo, pois através dela é realizada uma série de tarefas. Tão fundamental é sua existência que, ao que parece, todos os líderes do NVC têm de obrigatoriamente estar cadastrados nela; do contrário, não conseguiriam executar suas funções⁶¹. É importante também porque muitas questões não podem ser discutidas presencialmente na UnB, por causa do “tempo corrido” (quando acabam as reuniões do NVC, em geral quase às 14 horas, a maioria têm de assistir a alguma aula ou fazer alguma outra atividade acadêmica; as pendências da conversa presencial são retomadas por e-mail).

Atualmente a lista de e-mails é usada apenas para discutir e tratar coisas do NVC. Mas até poucos meses atrás, ela servia como meio de circulação para uma infinidade de mensagens: convites para aniversários, para eventos (de outros grupos interdenominacionais ou de igrejas) e para shows; compartilhamento de músicas, clipes, “notícias interessantes” e reflexões bíblicas; confirmação da participação do envecista em alguns eventos (acampamentos, viagens, etc.); lembretes e avisos sobre as atividades do NVC; contar piadas, “falar besteira”, “zoar” alguém, etc.

Esse turbilhão heterogêneo de mensagens costumava apinhar as caixas de e-mail dos envecistas, pois todos os dias dezenas de mensagens eram trocadas. Tantas eram as mensagens que uma das primeiras recomendações que um recém-ingresso na lista recebia era a de que mudasse seu e-mail, se fosse o caso, para um Gmail (servidor de e-mail da empresa Google), serviço que agrupa as mensagens e suas respostas correspondentes em um só lugar, deixando o e-mail mais organizado.

Toda essa movimentação deixava alguns participantes descontentes por terem, a despeito de usarem ou não o Gmail, sua caixa de mensagens cheia. Como me disse Fernando: “o e-mail estava ficando muito cheio, e o pessoal estava reclamando” (Fernando, entrevista, 12/12/2011, Brasília). Descontentes com a profusão de mensagens,

p. 47). Como coloca Juliano Spyer (op. cit.), em geral as trocas de mensagens na lista de e-mail “acontecem por e-mail, mas caso o participante perca uma mensagem, ele poderá consultar o arquivo [...] [da lista] na Web”.

⁶¹ Conversando com Mara sobre um “grupo de discussão” que o NVC mantém no Facebook — não tão importante para a organização do coletivo quanto a lista de e-mails, mas muito importante para a sociabilidade entre os membros —, ela me disse que apenas uns poucos envecistas não estão no grupo, entre os quais o líder de evangelismo Luan. Perguntei então se Luan estava cadastrado na lista de e-mails, e ela me respondeu que não havia como ele não participar da lista já que muita coisa era feita através dela. Isso mostra quão essencial é a lista para o NVC.

muitas pessoas pediam para sair da lista de e-mails (“muita gente pedia pra sair do grupo por causa disso, do grupo de e-mails, porque enchia muito a caixa”, Mara, entrevista, 09/12/2011, Brasília).

Tendo isso em mente, a liderança decidiu criar algumas regras para a lista de e-mails: daí em diante esta seria destinada apenas a mensagens diretamente relacionadas ao NVC; as demais mensagens passariam a ser trocadas apenas em um grupo de discussão que o NVC havia feito no Facebook. Assim, mais ou menos em meados de 2011, o NVC passou a destinar a lista só para as coisas, digamos, mais institucionais, passando a ser bem menos usada do que meses atrás. Ainda como forma de tornar a lista mais organizada, a liderança passou a inserir entre parênteses, antes do título de seus “e-mails oficiais”⁶², o indicativo “Liderança NVC”. Dessa forma, o envecista que deseje ler apenas os e-mails “indispensáveis” poderá localizá-los facilmente.

Assim, hoje o NVC usa a lista para discutir questões como “programações, marcar coisas, decidir coisas” (Fernando, entrevista, 12/12/2011, Brasília) e para preparar algumas atividades. E, como já disse, a lista de e-mails acaba sendo o principal meio pelo qual os envecistas não-líderes podem fazer sugestões e assim colaborar para a formatação das atividades.

Outro canal virtual de comunicação do NVC é o Facebook, rede social em que muitos envecistas têm uma conta (segundo Mara, “se contam os que não têm”). Nela o Núcleo mantém dois canais: dois “grupos”, ambos fechados (isto é, que não permitem o ingresso sem aprovação prévia dos administradores); um é destinado aos participantes e ex-membros do NVC, e o outro aos envecistas participantes do coral do coletivo. Este último, em funcionamento desde a segunda quinzena de setembro, é usado para discutir e organizar questões relativas ao coral do NVC. 36 pessoas estão cadastradas⁶³. É bastante usado pelo envecista que rege/lidera o coral para estimar quantos envecistas poderão participar de uma dada apresentação do coral. Para fazer isso, o líder utiliza a ferramenta “criar evento”. Esta ferramenta é bastante utilizada pelos usuários do Facebook (eu mesmo já usei) que querem convidar seus contatos (não necessariamente todos) para participarem de algum “evento” (aniversário, festa, defesa de tese, ensaio, etc.) e para saber quantos desses comparecerão. Por sua vez, o usuário que recebe o convite pode: 1)

⁶² O termo é nativo.

⁶³ Informação referente a janeiro de 2012.

ignorá-lo (deliberada ou indeliberadamente), 2) responder que “vai comparecer”, 3) responder que “não sabe”, ou 4) responder que “não vai comparecer”. Dessa forma, Gilberto, aluno de Comunicação Social da UnB e regente/líder do coral Oásis, convida e pede a confirmação do comparecimento dos envecistas em alguma apresentação que o coral for fazer.

O outro grupo — o “grupo geral”, chamemos assim — foi concebido para “desafogar o e-mail [a lista de e-mails]”, como me disse Fernando em entrevista (12/12/2011, Brasília). Fundado em meados de 2011, participam dele quase 150 pessoas⁶⁴ — não apenas envecistas do campus Darcy Ribeiro, mas também dos demais *campi* onde o NVC está presente. Hoje em dia é bem mais usado do que a lista de e-mails, pois enquanto esta é restrita aos assuntos “oficiais” ou diretamente relacionados ao NVC, o grupo do Facebook é “liberado” a toda uma sorte de interações — gracejos, convites (para cultos, shows, aniversários, etc.), compartilhamento de “produtos” da indústria cultural gospel, de reflexões bíblicas, de entrevistas, etc. — que faz dele um *lócus* diário de interação na internet⁶⁵.

De outubro de 2004 aos dias atuais o Núcleo de Vida Cristã mantém uma “comunidade” aberta no Orkut, onde compatibiliza cerca de 470 participantes, entre envecistas, ex-envecistas, aspirantes a envecista, simpatizantes e até curiosos (categoria onde se encaixa o pesquisador). O que um dia foi uma intensa plataforma de interação, hoje é uma comunidade pouco movimentada e que, sem maldade de minha parte, parece-me um tanto largada⁶⁶. Esse “abandono” deve-se não a um desinteresse do envecista por relacionar-se virtualmente com seus colegas de coletivo (vide a intensa participação no Facebook), mas, suponho, ao ocaso por que passa o Orkut, que vem repercutindo em um enfraquecimento da sociabilidade nas comunidades⁶⁷.

⁶⁴ Dado obtido em janeiro de 2012.

⁶⁵ Ao contrário da lista, o grupo do Facebook não é *essencial* para a organização do coletivo. É sintomático o fato de o líder de evangelismo, Luan, não ter conta no Facebook e, claro, não participar do grupo.

⁶⁶ A comunidade atualmente se encontra “sem dono”, característica que é justamente um dos índices de “abandono de comunidade”.

⁶⁷ Baseio-me aqui em minha própria experiência de usuário do Orkut (não tão assíduo como anos atrás) e em muitas matérias de revistas e jornais sobre o assunto, facilmente localizáveis através de qualquer motor de busca (Cf., por exemplo, <http://www.cartacapital.com.br/tecnologia/os-caminhos-da-decadencia-do-orkut/>).

As poucas interações (em todo ano de 2011 só foram criados 5 tópicos de conversa; em todo o mês de janeiro de 2012, nenhum) se concentram nas semanas que antecedem o início do período letivo, no primeiro e no segundo semestre, e nas primeiras semanas de aula. Nesse curto período de vitalidade a comunidade do Núcleo de Vida Cristã geralmente é procurada por aspirantes a enevécista que, já tendo ciência da existência do coletivo cristão, almejam obter informações, como horários e locais das atividades.

Outro canal virtual de interação é o próprio site do Núcleo de Vida Cristã, que permite a inserção de comentários em grande parte do conteúdo postado e que tem um fórum de discussão⁶⁸. Mas ele nunca foi muito utilizado, em que pese a vontade manifesta pela então líder de evangelismo, Sara, na primeira entrevista que me deu em julho de 2011, quando ela me disse que o objetivo da liderança era fazer o site funcionar “de verdade”.

O uso dessas ferramentas virtuais — tão comum entre jovens e movimentos estudantis dos dias atuais — não é prerrogativa exclusiva no NVC, no que tange ao “mundo” dos movimentos de evangelização universitária. Muitos desses grupos se valem dos mesmos recursos. O grupo Focados no Amor Maior, por exemplo, usa para sua comunicação uma lista de e-mails, um grupo no Facebook e um blog. A lista de e-mails — aberta, ao contrário das do NVC — tem cerca de 30 usuários, e, segundo me disse o enevécista Fernando (também envolvido nesse outro coletivo), ela nunca foi muito usada (entrevista, 12/12/2011). A maior parte da comunicação do Focados (como geralmente é chamado) ocorre mediante o grupo no Facebook, que reúne quase 60 membros. O blog, embora cheio de postagens, não é tão usado (a última postagem foi em outubro de 2011). Outro exemplo, o último para não me estender em demasia, é o movimento Alfa e Ômega. Em geral, seus núcleos locais têm lista de e-mails e/ou comunidade/grupo em alguma rede social, e, em menor medida, blog.

1.9. Quem são os enevécistas de que tanto falo?

As subseções anteriores almejavam fornecer alguns parâmetros mais operacionais/formais/organizacionais que, a meu ver, são importantes para que o leitor compreenda o dia a dia de atividades dos filiados ao NVC. Antes de chegar a esta etapa

⁶⁸ Fórum de discussão é uma plataforma interativa na internet baseada na interação em uma página da Web de usuários cadastrados, sem o uso de serviço de e-mail para enviar e receber mensagens. É uma das ferramentas assíncronas da internet. Sobre o assunto, cf. Spyer (2007, p. 46ss).

da exposição, convém apresentar uma última coisa: o perfil dos participantes do Núcleo⁶⁹. Afinal, quem são esses estudantes até aqui um tanto misteriosos?

Na contramão da distribuição mais geral⁷⁰ entre os gêneros (no DF, para cada 100 mulheres, há 91,62 homens⁷¹), no NVC há mais homens do que mulheres; para cada 100 enevécistas homens, há aproximadamente 83 participantes mulheres. Esta razão, em termos percentuais, equivale ao seguinte quadro: 54,5% são homens; e 45,5%, mulheres. Os dados relativos à divisão de gênero no NVC também vão de encontro à distribuição de gênero entre os evangélicos no Brasil, em que a maioria é de mulheres (Mariano, 2004).

100% dos enevécistas respondentes se disseram brasileiros. A nacionalidade de seus membros pode ser lida como um índice da capacidade que o NVC tem para atingir um de seus objetivos “institucionais”, qual seja, o de irradiar o evangelho a outros países através dos estrangeiros da Universidade de Brasília. Vê-se, portanto, que ao menos por essa via — atraindo adeptos de outros países — o NVC parece não estar conseguindo cumprir seu objetivo evangelístico⁷². Outra evidência na direção do que acabo de sugerir pode ser encontrada na análise do período de “conversão” de cada enevécista respondente. Meus dados mostram que todos eles se “converteram” antes que passassem a frequentar o NVC: 72,7% disseram ter se convertido “Muitos anos antes; 11,4%, “Poucos

⁶⁹ O perfil se baseia em algumas variáveis sociologicamente pertinentes, as quais foram aferidas através do *survey* que enderecei aos enevécistas, conforme especificações contidas no prólogo. Falarei em proporções, razões, porcentagens, etc., todavia não tive como chegar a um número exato de participantes do NVC. O grupo não mantém — e nem poderia manter, dada sua “informalidade” — um registro de seus participantes. Uma alternativa que cheguei a cogitar foi usar o número de cadastrados na lista de e-mails como um indicador do número de participantes. Mas logo me dei conta de que esse não seria um procedimento válido, uma vez que muitos inscritos na lista já não participam do NVC (são membros antigos que, embora egressos da UnB e do dia a dia de atividades do NVC, ainda mantêm algum interesse no coletivo). Em campo tive acesso a inúmeras evidências fragmentárias sobre o assunto. Com base nelas, eu arriscaria dizer que o Núcleo do Campus Darcy Ribeiro envolve cerca de 100 estudantes, e que o NVC como um todo reúne cerca de 170 enevécistas.

⁷⁰ Aqui, o ideal seria usar dados do perfil do alunado da Universidade de Brasília, para, à sua luz, ler os dados do NVC. Infelizmente, a UnB não dispõe de dados sistematizados e confiáveis a esse respeito, razão pela qual opto por contrastar alguns dados do NVC com outras matrizes. O recém-criado Observatório da Vida Estudantil da Universidade de Brasília, coordenado pelo professor Carlos Benedito Martins do Departamento de Sociologia, encontra-se em pleno trabalho para preencher essa grave lacuna.

⁷¹ De acordo com os dados do Censo Demográfico 2010 do IBGE.

⁷² Não custa lembrar que meu discurso aqui é amparado nos dados que obtive por amostragem. Isso não exclui a existência de estrangeiros no coletivo. Em havendo, é bem provável que sejam muito poucos.

anos antes”; 11,4%, “Alguns meses antes”; os 2,7% que utilizaram o espaço “Outro (especifique)” também se reportaram a um período anterior à participação no NVC.

Em termos etários, a média de idade no NVC é de 22,6 anos, sendo que, à exceção de um respondente que afirmou ter 48 anos, todos os enevécistas situaram sua idade entre 17 e 24 anos. Seriam eles esmagadoramente “jovens”? Há razões para pensarmos que sim. Nossos juízos cotidianos certamente não hesitariam em empregar tal rótulo, e os critérios analíticos comumente utilizados nas análises demográficas (jovens têm entre 15 e 24 anos) (Novaes, 2001, p. 183, Novaes, Mello, 2002, p. 15) dariam o título de “jovem” a este coletivo. Na mesma linha — e isso é o que mais importa, de um ponto de vista antropológico — “jovem” é um termo frequentemente usado pelo enevécista quando se refere a si mesmo usando algum dos termos descritores das “fases de vida”.

Sim, o NVC é um coletivo eminentemente jovem. Não queira o leitor entender por isso que ele é homogêneo. Como bem colocou a antropóloga Regina Novaes (2001), existem “recortes” que produzem diferenças significativas no seio da juventude. O gênero, um deles, nós já vimos. Outros — como “cor”, “condição econômica” e “local de moradia” — serão apresentados a seguir.

Perguntados sobre como se consideram em termos de “raça/cor”, 50% dos enevécistas selecionaram a opção “parda”; 34,1%, a “branca”; 9,1%, a “preta”. As opções “amarela” e “indígena” foram selecionadas cada uma por uma pessoa (2,3% do total). Marcando a opção “Outro (especifique)”, um enevécista disse não se considerar em termos de “raça/cor”. Indagados sobre se haviam ingressado na UnB através de cotas (para negros ou indígenas), 22,7% dos enevécistas disseram que sim (cotas para negros).

Como índice da “condição econômica” dos enevécistas, encaro suas respostas a uma questão acerca de sua faixa de renda mensal familiar. 34,9% dos enevécistas têm renda familiar entre R\$ 5.451,00 e R\$ 10.900,00; 18,6%, entre R\$ 3.271,00 e R\$ 5.450,00; 14%, até R\$ 1.635,00; 11,6%, entre R\$ 1.635,00 e R\$ 3.270,00; 11,6%, entre R\$ 10.901,00 e R\$ 16.350,00; 4,7%, entre R\$ 16.351,00 e R\$ 21.800,00; e 4,7%, R\$ 21.801,00 ou mais. Distribuídos em três grandes categorias — que poderíamos chamar “classe baixa” (primeira e segunda faixas de renda), “classe média” (terceira e quarta faixas de renda), e “classe alta” (três últimas faixas de renda) — esses dados sinalizam a predominância no NVC de uma larga “classe média” (53,5%), seguida com bastante folga pela “classe baixa” (25,6%). A “classe alta”,

não muito menor que a “classe baixa”, seria a menos expressiva das três classes, agregando 21% dos envecistas⁷³.

Quanto ao local onde residem, duas Regiões Administrativas⁷⁴ (RAs) figuram no topo da lista: Brasília e Taguatinga (ambas são moradia de 22,7% dos envecistas). Na sequência aparecem: Guará (11,4%), Ceilândia (6,8%), Santa Maria (6,8%), Planaltina (4,5%), Paranoá (4,5%) e Vicente Pires (4,5%). As demais RAs aparecem com índices menores.

Passemos agora ao “perfil acadêmico” dos integrantes do NVC. Para captar os cursos⁷⁵ dos envecistas, utilizei uma questão aberta, e obtive 30 respostas diferentes. O curso mais “popular” entre os envecistas respondentes é o de Ciências Biológicas (citado por 9,1% deles, ou seja, por 4 respondentes); em seguida vêm Engenharia Elétrica e Letras (ambos citados por 6,8% — 3 pessoas). Com duas citações (4,5%) figuram os cursos de Artes Plásticas, Ciências Contábeis, Ciências Sociais, Educação Física, História, Matemática e Psicologia. Por fim, receberam uma menção os cursos: Engenharia⁷⁶, Engenharia Mecatrônica, Engenharia Mecânica, Engenharia de Computação, Engenharia de Software, Computação, Ciência da Computação, Física, Química, Pedagogia, Turismo, Direito, Administração, Comunicação Social, Ciência Política, Agronomia, Enfermagem, Nutrição, Odontologia e Biblioteconomia. Tentando ir além desse nível que se mostra bastante diverso, procedi ao agrupamento dos cursos mencionados de acordo com as “três grandes áreas de conhecimento” (classificação tripartite endossada amplamente, inclusive pela própria UnB⁷⁷). Eis os resultados: a área de “artes e humanidades” agrupa 45,5% dos envecistas, o que faz dela a predominante no coletivo. Em seguida vem a área

⁷³ Falo em “classes”, mas sei das limitações que é estimá-las a partir de um único critério, no meu caso o econômico (Stavenhagen, 2008). Trata-se aqui de uma “classe econômica”, construída em termos *etic*, sem pretensões de denotar a autopercepção dos envecistas, nem de aplicar qualquer das grelhas conceituais comumente empregadas quando o assunto é “classe”.

⁷⁴ As regiões administrativas (RAs) são as unidades espaciais/administrativas em que se divide o Distrito Federal. Cada uma das 30 RAs atualmente existentes no DF se divide em algumas sub-regiões (comumente chamadas de bairros, áreas ou setores).

⁷⁵ 43 respondentes (97,7%) disseram que cursavam graduação; o outro (2,3%) disse cursar mestrado. 90,9% dos envecistas estão matriculados em curso diurno; 9,1%, em curso noturno.

⁷⁶ O respondente não especificou a engenharia.

⁷⁷ Exemplos: <http://www.unb.br/noticias/unbagencia/artigo.php?id=389> e <http://www.unb.br/administracao/decanatos/dpp/dific.html>. No NVC também há referência às grandes áreas do conhecimento, em geral sob a forma da oposição humanas *versus* exatas.

de “ciências exatas e tecnológicas”, com 31,82%, e em terceiro, “ciências da vida”, com 22,73%⁷⁸.

Visando a captar a participação do envecistas em atividades no campus que não fossem as aulas de seus respectivos cursos, listei uma série de atividades⁷⁹ e pedi para que os respondentes assinalassem aquelas de que participam ou já participaram. Havia ainda uma opção aberta — “Outra atividade (especifique)” — e a opção “Não participo/participei”. Com essa ferramenta cheguei ao resultado de que 65,91% dos envecistas participavam/participaram de ao menos uma das atividades. De longe, a atividade mais citada (25% dos envecistas) foi “Curso de idiomas”, ofertado pelo UnB Idiomas (programa de extensão da Universidade de Brasília); na sequência aparecem o “PIBIC” (22,7%), a “Monitoria voluntária” (20,5%), a “Monitoria remunerada” (18,2%), e alguma atividade de “Extensão” (15,9%).

Para fechar esse perfil “acadêmico”, perguntei aos envecistas sobre sua participação em outros coletivos estudantis na UnB. Do total da amostra, 27% responderam que se envolvem em outros coletivos, principalmente os de cunho “religioso”. Das 10 pessoas que disseram participar de outros grupos, 5 (50%) citaram grupos relacionados ao cristianismo/teologia (com destaque para o recém-criado Sociedade Cristã Acadêmica e o Focados no Amor Maior); dois (20%), de grupos de estudo e/ou pesquisa; outros dois (20%), de centros acadêmicos; um (10%), de grupo esportivo (xadrez); um outro (10%), de empresa júnior.

Encerro o capítulo com o perfil envecista em termos religiosos. Com uma questão do *survey* busquei saber a proporção de envecistas que frequentava igrejas/congregações, em uma tentativa de ver se a vida religiosa no NVC seria um substituto da vida religiosa nas igrejas/congregações, ou se ambas poderiam ser vistas como complementares e não-

⁷⁸ Os cursos estão alocados nas três grandes áreas do seguinte modo: na de “artes e humanidades” estão os cursos de História, Ciências Sociais, Letras, Artes Plásticas, Pedagogia, Turismo, Direito, Administração, Comunicação Social, Ciência Política, Psicologia, Biblioteconomia e Ciências Contábeis; na de “ciências exatas e tecnológicas”, os curso de Matemática, Computação, Ciência da Computação, Física, Química e todas as engenharias; na de “ciências da vida”, os cursos de Enfermagem, Nutrição, Odontologia, Educação Física, Ciências Biológicas e Agronomia.

⁷⁹ Atividades listadas: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Programa de Educação Tutorial (PET), Extensão, empresa júnior, monitoria remunerada, monitoria voluntária, bolsa REUNI, Grupo de estudo ou pesquisa, Bolsa permanência, Curso de idioma, Curso de música, Esporte, Curso de artes visuais, Aula de teatro e Aula de dança.

excludentes. Esse questionamento foi motivado pelo acesso a evidências segundo as quais, principalmente alguns anos atrás, as igrejas tendiam a ver os grupos paraeclesialísticos como concorrentes que tiravam os jovens das igrejas⁸⁰. Meus dados mostram que 100% dos respondentes frequentam (ou “congregam em”, para usar o termo nativo) ao menos uma igreja/congregação.

Os envecistas, então, continuam a frequentar igrejas, a despeito da frequência ao NVC. Mas que igrejas são essas? Haveria um equilíbrio numérico entre todos os ramos do cristianismo? Haveria, ao contrário, uma concentração dos envecistas em igrejas evangélicas, já que, como vimos, o NVC seria um grupo cristão fortemente identificado com o protestantismo? À exceção de um respondente que disse que congregava em uma igreja católica, e de dois que marcaram as opções “Não sei dizer” e “Não se aplica”, todos os demais responderam igrejas evangélicas (93,2%). Desses, 46% são de igrejas evangélicas tradicionais; 18,6% de tradicionais renovadas; 20,9%, de pentecostais; e 7% de neopentecostais (pertencentes a uma subdivisão do pentecostalismo). Além disso, 7% dos respondentes não souberam situar sua igreja nos ramos em que normalmente se divide a grande árvore das religiões evangélicas. Impossível deixar de notar a discrepância desses dados em relação aos dados do campo religioso brasileiro. Segundo os dados do Censo 2000 do IBGE, os pentecostais — categoria analítica abrangente que também engloba os neopentecostais — eram a grande maioria no universo evangélico (aproximadamente 78%). No NVC, o aglomerado de pentecostais e neopentecostais não atinge os 30%⁸¹. Portanto, o NVC, diferentemente do perfil mais geral do protestantismo brasileiro, é composto por uma maioria tradicional ou clássica. Isso parece se dever, segundo penso, não necessariamente a uma maior atração exercida pelo NVC sobre evangélicos tradicionais. Parece-me bem mais relevante supor que isso se deva, antes, ao fato de que os evangélicos tradicionais são a maioria entre os evangélicos universitários⁸².

⁸⁰ Cf., por exemplo, <http://www.novosdialogos.com/artigo.asp?id=249> e Turner (2008, p. 3-4).

⁸¹ Isso não quer dizer que a influência pentecostal seja pequena no grupo, pois uma das alas dos evangélicos tradicionais (a renovada) tem um etos fortemente pentecostal.

⁸² Segundo a concisa exposição de Mariano (2004, p. 122), “Em contraste [com os pentecostais], os protestantes históricos apresentam renda e escolaridade elevadas, ambas bem superiores à média brasileira, estando distribuídos mais nos níveis escolares de segundo grau, graduação e pós-graduação e nas faixas de renda entre seis e vinte salários mínimos”.

2. AS ATIVIDADES DO NÚCLEO DE VIDA CRISTÃ

Com toda a organização descrita até aqui e com os elementos que lhe são associados, o Núcleo de Vida Cristã empreende uma série de atividades. Muitas. De vários formatos, periodicidades e “localizações”. Será tarefa deste capítulo fornecer uma visão geral do calendário que anima boa parte da existência do Núcleo e relatos mais pormenorizados e vívidos de algumas das principais atividades deste coletivo cristão, objetivando com isso duas coisas: primeira, aprofundar o tema das atividades e do dia a dia do NVC, descendo ao nível etnográfico e indo além do relato abstrato, formal e fortemente baseado em um ponto de vista de observador universal; segunda, puxar alguns fios temáticos importantes para a vida do NVC e, no mesmo ato da descrição etnográfica, discuti-los.

Como já vimos, o coletivo em seus primeiros momentos realizava uma única atividade semanal (com “palavra”, louvor e oração), sempre na UnB. O atual NVC tem um calendário bastante cheio e diverso, com atividades para todos os gostos, como geralmente se diz. Elas ocorrem não só nos períodos de aula (embora aí se concentrem), mas também durante as férias. Têm como palco não apenas alguns espaços da Universidade de Brasília, mas se realizam, em alguns casos mais específicos, em outros locais na malha urbana e rural do Distrito Federal e mesmo em estados vizinhos.

Para o pesquisador que chega ao NVC pela primeira vez, tal miríade de atividades soa um tanto confusa. Essa foi minha impressão nos primeiros contatos com o coletivo. Mas logo comecei a notar a existência de algumas regularidades, que me ajudaram a transformar o que para mim era confusão em algo minimamente familiar. Podemos compreender o calendário do NVC a partir de alguns eixos. Por questões de escopo, limitar-me-ei ao temporal, evocando em alguns momentos, de modo complementar, o espacial.

2.1. Um sobrevoo sobre as atividades do NVC

Na seara das temporalidades é logo possível perceber que no NVC há atividades “corriqueiras” e atividades “esporádicas”. As primeiras sempre ocorrem durante o semestre letivo da UnB, cada qual, uma ou algumas vezes por semana. As segundas podem ocorrer tanto nos períodos letivos quanto nas férias; em geral ocorrem uma ou poucas vezes por ano. Essa separação analítica que faço — um tanto frouxa, é verdade — encontra correspondentes nos modos “nativos” pelos quais o enevicista aprende

temporalmente suas atividades. Em um depoimento de um ex-enevecista da liderança, por exemplo, é possível encontrar uma categorização das atividades do NVC nos seguintes termos: no NVC há as atividades “normais” (isto é, frequentes) e as “anormais⁸³” (isto é, não frequentes). Outro enevécista, mediante espaço aberto de uma questão do *survey*, categoriza as atividades em: “reuniões todos os dias na hora do almoço” e “atividades extras”.

Começo com as atividades corriqueiras. Como eu já disse, elas ocorrem unicamente durante o período de aulas, e estão ligadas ao dia a dia acadêmico dos estudantes/enevecistas. São, na verdade, parte significativa do dia a dia de atividades do enevécista na universidade e, também, a maior parte das atividades do NVC. Durante toda a semana — de segunda a sexta — há no mínimo duas atividades do NVC por dia, de modo que é bastante comum que o enevécista se envolva em várias dessas atividades todas as semanas, dedicando algumas horas semanais a elas⁸⁴.

Tais atividades corriqueiras são realizadas em vários pontos do Darcy Ribeiro⁸⁵, principalmente em espaços do Minhocão (mezaninos norte e sul, e sala BT-260). Mas também há atividades em outros espaços, como a Faculdade de Tecnologia e a Faculdade de Ciências da Saúde. O principal local de reunião, no Darcy Ribeiro, é o mezanino norte. É lá onde ocorrem as reuniões de terça-feira (entre as atividades corriqueiras, a que agrega mais pessoas) e qualquer reunião presencial que almeje reunir o maior número possível de enevécistas.

De segunda a sexta-feira ocorrem reuniões de oração no Teatro de Arena da UnB, ao lado do ICC. Começam às 7 e 30 da manhã e vão até minutos antes das 8 da manhã, hora em que começam as aulas. É uma atividade de oração, em que os presentes — não muitos

⁸³ Fonte: <http://www.nucleodevidacrista.net/index.php/caca-aos-dinossauros/37-exliders/66-gustavo.html>. Evoco nesta distinção de atividades a dimensão temporal dos termos “normal” e “anormal”. Mas estes parecem trazer outros sentidos para além do tempo, os quais para meus atuais objetivos não parecem importantes.

⁸⁴ No *survey*, inseri a seguinte questão: ‘Quantas horas por semana em média você passa em atividades do NVC ou fazendo coisas relacionadas ao NVC?’, com a seguinte orientação: “tenha como referência uma semana normal de atividades do NVC e de aulas na UnB”. Obtive como resultado que 31,8% dedicam-se ao NVC duas horas ou menos por semana; 34%, de três a cinco horas por semana; 34%, seis ou mais horas por semana.

⁸⁵ Nos outros *campi*, elas ocorrem em outros locais. Como concentrei meu trabalho de campo no NVC do Darcy Ribeiro, não obtive informações sobre as atividades nos outros *campi*.

(raramente mais que 10) — se reúnem para orar, por uma sorte de coisas: pela UnB, pelas famílias, e por qualquer outro assunto/alvo que os presentes julguem carente de intercessão. É uma atividade bem fechada e intimista. Nela, salvo imprevistos, sempre está presente o líder de intercessão. É ele quem geralmente abre a reunião com algum versículo bíblico que serve de mote para a reflexão do envecista durante o dia. Pode haver também pedidos de oração feitos pelos envecistas. Por exemplo, alguém na reunião pode pedir que os presentes orem pela saúde de determinada pessoa que está doente, ou pela situação de dada pessoa que perdeu o emprego e se encontra em “apuros financeiros”. Após esse momento inicial, os envecistas (se já não estiverem sentados) sentam-se nas arquibancadas e oram mais ou menos até 7 e 50. Uma vez por mês, essas reuniões de oração se transformam em uma reunião um tanto diferente: à oração os envecistas adicionam um momento de louvor, ou seja, um momento musical em louvor a Deus. Este encontro regado a oração e louvor recebe o nome de “alvorada”.

Segundas e sextas-feiras, de 12 e 30 a aproximadamente 14 horas, ocorrem ensaios do Oásis, o coral que o NVC mantém há cerca de três anos. Como acontece com no mínimo uma dezena de outros corais, o Oásis é um dos corais da comunidade acadêmica reconhecidos e apoiados pela administração da Universidade de Brasília. O crescente movimento de corais na UnB, iniciado na década de 1980, ensejou a criação pela administração da universidade de “um espaço institucional” que ajuda de algumas formas os corais (cessão de sala para ensaio, doação de camisetas, etc⁸⁶). O coral Oásis também conta com esse apoio da UnB. E, por ser vinculado à universidade, vez por outra participa de atividades que ela promove (por exemplo, o Oásis participou do Encontro de Corais da UnB, em 2009, e da Semana Universitária da UnB, em 2010). Os ensaios do coral, como disse, são corriqueiros; as apresentações, todavia, não o são. Dependem de uma série de coisas: de convites recebidos, da realização de impactos pelo próprio grupo, da disponibilidade dos envecistas para se apresentarem em alguma data, etc. Assim, eles podem passar mais de mês sem se apresentar, embora em alguns momentos possam fazer várias apresentações em curtos espaços de tempo (nas imediações do Natal de 2010, por exemplo, o Oásis se apresentou mais de 10 vezes, em escolas, shopping centers e hospitais).

⁸⁶ Fonte: <http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=6110>.

Terça-feira, de 12 e 45 até poucos minutos antes das 14 horas, ocorre uma atividade cujo enredo se assemelha ao de um culto em uma igreja evangélica. Na última entrevista que a líder geral me concedeu, ela a chamou de “reunião normal”. Na verdade, a atividade não tem um nome muito distintivo; é comumente chamada de “reunião de terça”, ou algo do tipo. Trata-se de uma reunião mais aberta, realizada no mezanino norte, em que há oração, louvor e “palavra”, esta última geralmente a cargo de alguém da liderança. Afora algumas atividades “esporádicas” como acampamentos, vigílias, impactos, entre outras, a reunião de terça-feira é a que consegue aglutinar o maior número de envecistas.

Quarta-feira é dia de grupo de debate — GD, segundo a sigla pelo qual comumente é chamado pelos envecistas. Começa, como várias outras atividades do NVC, às 12 e 45 (mais os habituais minutos de atraso) e termina minutos antes que o ponteiro do relógio aponte as 14 horas. Diferentemente das demais atividades, esta acontece em quatro locais ao mesmo tempo: nos mezaninos norte e sul (ambos no Minhocão), na Faculdade de Ciências da Saúde e na Faculdade de Tecnologia. Esta descentralização, segundo me disse a estudante que era líder de evangelismo nos primeiros meses de meu campo, vem ao encontro de dois objetivos: primeiro, possibilitar com o número reduzido de participantes discussões “melhores”, e, segundo, facilitar o acesso dos envecistas à atividade (com vários pontos no Darcy Ribeiro, o envecista pode escolher frequentar o que mais se aproxime do local onde tem aulas, por exemplo). Nessa que é a atividade mais aberta do grupo — geralmente divulgada para toda a comunidade da UnB mediante cartazes (como aquele que vi dias antes de participar a primeira vez de um GD) — os envecistas e às vezes curiosos e não-cristãos discutem questões que concernem (e muitas vezes, lançam questionamentos) à fé cristã. Para guiar as discussões utiliza-se um roteiro, diferente a cada quarta-feira, chamado de “Estudo Bíblico Indutivo” (EBI), de elaboração própria do NVC⁸⁷.

Ainda na quarta-feira, há uma atividade de evangelismo, que ocorre ao meio-dia. Consiste na ida de algumas duplas ou trios ao Minhocão, local onde elas evangelizam

⁸⁷ Inspirado em um projeto evangelístico da Aliança Bíblica Universitária do Brasil, o NVC começou a utilizar EBIs e a promover debates (os grupos de debate) com base neles. O EBI é um método de estudo bíblico que utiliza um pequeno guia com trechos da bíblia e questões sobre eles. Segundo a apresentação de um influente manual sobre os Estudos Bíblicos Indutivos publicado pela editora da ABU, nesse método de estudo existem três passos: “a observação (descobrir os fatos dentro do texto); a interpretação (o significado destes fatos) e a aplicação (agir a partir das conclusões alcançadas)”. Fonte: <http://www.ultimato.com.br/loja/produtos/o-estudo-biblico-indutivo>.

quem por ali estiver. Poucos enevécistas participam; segundo me disse Mara em conversa através do Facebook, esta é a atividade de que menos enevécistas participam. Os trios e as duplas que estão na linha de frente desse evangelismo cara a cara usam dois recursos: a entrega de um panfleto com mensagens relativas à fé cristã, e, o que é encarado como mais importante, a conversa.

Nas quintas-feiras acontecem duas reuniões, uma de oração/intercessão, outra de comunhão, sempre às 12 e 45 até quase 14 horas: em uma quinta-feira, acontece a primeira; na quinta-feira da outra semana, acontece a segunda, e assim por diante. Ambas se realizam na sala BT-260, localizada na ala sul do Minhocão. São reuniões bem intimistas e “fechadas”, e nelas os enevécistas têm a oportunidade de conversar, de expor seus pedidos de oração, de “abrir-se” aos demais colegas. A reunião de intercessão/oração sempre é guiada pelo líder da pasta de intercessão, Tony, quem geralmente ministra a “palavra” ou, em alguns poucos casos, quem designa alguém para fazê-lo. Finda a parte da palavra, tem início um momento maior de oração. A reunião de comunhão, liderada por Denise, líder de comunhão, é voltada ao convívio lúdico e fraterno entre os enevécistas, fazendo uso de dinâmicas de grupo e brincadeiras. Nela os enevécistas podem conversar e conhecer-se melhor. Há também um momento de “palavra”, que geralmente fica a cargo da líder da pasta de comunhão ou de alguma das pessoas habituadas a engajar-se nas atividades afinadas a esta pasta.

Apresentadas as atividades “corriqueiras”, é hora de apresentar as “esporádicas”. Uma delas é a vigília, que geralmente acontece uma vez por semestre. Dura, como o nome já denota, a madrugada inteira, começando nas últimas horas da noite e indo até a alvorada. No NVC, ela começa entre 22 e 23 horas e vai até o surgimento dos primeiros raios do sol, momento em que se encerra com um café da manhã coletivo, financiado pelos enevécistas presentes através da realização de uma “vaquinha”. Tem momentos de oração, louvor e palavra, e é permeada por momentos de confraternização e comunhão. As vigílias podem ocorrer em alguma igreja, na casa de alguém, em algum lugar mais afastado da malha urbana (como um sítio ou uma chácara). As possibilidades são muitas. Elas nunca ocorrem na Universidade de Brasília.

Algumas vezes durante o ano o NVC faz “confraternizações”. Geralmente ocorrem em fim de semestre e/ou de ano. Nas de fim de primeiro semestre, têm lugar ou na sala que o NVC ocupa em algumas de suas atividades (atualmente, a BT-260), ou no mezanino

norte, ou, como acontece quase sempre, em uma área gramada localizada entre a Biblioteca Central e o prédio da Reitoria. Por seu turno, as confraternizações de fim de segundo semestre (fim de ano) ocorrem na habitação de alguém do NVC, em geral uma casa grande, onde caibam algumas dezenas de pessoas. Ambas as modalidades de confraternização ocorrem em algum dos últimos dias de aula do semestre em questão, e sempre contam com comidas e bebidas (não alcoólicas), trazidas e/ou compradas pelos próprios envecistas. Mais simples, as confraternizações na UnB sempre são espécies de piqueniques (mesmo quando não ocorrem no gramado), cujo cardápio não chega a ter o requinte típico das refeições de certos dias comemorativos; as de fim de ano, ao contrário, são mais elaboradas em termos gastronômicos, e é bastante sintomático que sejam encaradas como uma espécie de Ceia de Natal.

Outra atividade “esporádica” é o acampamento. Até hoje foi realizado três vezes: em 2007, em 2009 e em 2011. Acontece em algum espaço bucólico na zona rural do DF ou nas imediações. Dura dois ou três dias; geralmente um final de semana e/ou algum feriado. A organização fica a cargo da liderança, que também tem a função de inscrever os interessados em participar da atividade. Para participar, o envecista paga uma taxa com a qual a liderança cobre as despesas envolvidas no acampamento. Nesta atividade, há momentos de lazer, mas também há muitas atividades estritamente religiosas. O acampamento de 2010, por exemplo, foi realizado em Luziânia, município goiano do Entorno do Distrito Federal, de 01 a 03 de abril (sexta, sábado e domingo). Foi em uma chácara especializada em receber retiros, acampamentos, batizados e outros eventos evangélicos. Cada um dos cerca de 70 participantes teve de desembolsar certa quantia financeira — R\$ 90,00 (para quem pagou com alguma antecedência) ou R\$ 100 (para os demais) — que lhes garantiu hospedagem, transporte e alimentação. Nesses dias, os envecistas puderam se divertir, jogando pebolim, sinuca, futebol, baralho, uno, tomando banho de piscina, participando de uma festa à fantasia, etc. Mas também puderam louvar, orar, pregar e ouvir pregações e com isso fortalecer-se na fé.

Sempre no período das férias, acontece uma atividade de evangelismo junto aos recém-aprovados no Programa de Avaliação Seriada – PAS⁸⁸ e no vestibular da UnB. Como diz

⁸⁸ O PAS é uma das modalidades de ingresso discente na UnB em nível de graduação. Segundo o sítio da UnB, este programa “é uma modalidade alternativa de acesso ao ensino superior que surgiu para amenizar o impacto da passagem do vestibular. São aplicadas três provas, realizadas ao término de cada uma das séries do ensino médio [...]. São destinadas metade das vagas do primeiro processo seletivo de cada ano para os

uma matéria no site do coletivo, trata-se de um “evangelismo de registro”. Dias após a divulgação do resultado desses processos seletivos, os aprovados têm de ir à universidade efetuar seu registro, ocasião que o NVC aproveita para evangelizar e orientar os neófitos. Funciona da seguinte maneira: o NVC dispõe uma mesa em cada uma das principais entradas do Minhocão (Ceubinho e Ufedinho). Nela há um cartaz em papel pardo com o nome “informações” e a sigla identificadora do coletivo. Sobre ela, alguns folhetos e folhas com informações das salas onde estão sendo feitos os registros. Nesses pontos, ficam dois ou três enevécistas (às vezes mais), prestando informações sobre a localização das salas de registro aos calouros solicitantes. Aproveitando a ocasião em que tem contato com o calouro, um enevécista lhe entrega um panfleto timbrado com a logomarca do NVC, em que constam uma mensagem de boas-vindas e felicitação, algumas informações sobre o “mundo novo” que é a universidade, uma mensagem de cunho evangelístico e informações sobre as reuniões do Núcleo. Esta estratégia de evangelismo junto aos calouros — *mutatis mutandis*, habitual entre movimentos de evangelização universitária⁸⁹ — possibilita abordar o estudante universitário desde seus primeiros contatos com a universidade, o que é funcional para a publicização do grupo e do evangelho, e para a participação no grupo dos estudantes evangélicos que, mesmo antes de ingressarem na UnB, já ouviram falar da atuação do NVC na UnB⁹⁰.

alunos do PAS. Quem participa do PAS não está impedido de concorrer também pelo vestibular tradicional”.
Fonte: http://www.unb.br/estude_na_unb/formas_de_admissao/pas.

⁸⁹ Um núcleo norte-americano da Campus Crusade for Christ, por exemplo, usava como estratégia evangelística junto aos calouros a distribuição de “kits de sobrevivência” compostos de livros cristãos, um CD e um vídeo (McMurtrie, 2001). Um núcleo local da ABU em Uberlândia, Minas Gerais, também adota um evangelismo junto aos calouros, o qual guarda muitas semelhanças com o do NVC. Aquele núcleo mineiro recepciona os calouros no ato de matrícula, entregando-lhes um “Guia do Calouro”. Este documento contém dicas sobre atividades acadêmicas e sobre a própria organização religiosa. Fonte: <http://www.abub.org.br/regiao/centro-oeste/noticias/testemunho-de-hallana-lima-sobre-recepcao-dos-calouros-ufu-abu-uberland>.

⁹⁰ Alguns estudantes evangélicos chegam à UnB já sabendo da existência do NVC. Moabe, o líder da pasta dos GDs, me disse em entrevista que soube do NVC antes de ser estudante da UnB, através de seu irmão mais velho que era estudante da UnB e enevécista. Uma ex-líder geral, em depoimento no site do NVC, afirmou ter conhecido o NVC antes de ingressar na UnB, por causa de seu envolvimento com “clubinhos” no ensino médio. (Fonte: <http://www.nucleodevidacrista.net/index.php/caca-aos-dinossauros/37-exliders/48-mirlane.html>.) A atual líder geral me disse que os enevécistas em geral comentam em suas igrejas sobre o NVC, o que faz com que alguns jovens evangélicos que vão tentar o PAS ou o vestibular saibam do NVC bem antes de serem universitários. Outra possibilidade de conhecer o NVC antes mesmo de ser aluno da UnB se dá através do Orkut. Muitos aspirantes a universitário ou recém-aprovados no PAS ou no vestibular veem na comunidade da Universidade de Brasília no Orkut uma útil fonte de informações. Como a comunidade do Núcleo de Vida Cristã está listada na comunidade da UnB no rol de “comunidades relacionadas”, o estudante evangélico que eventualmente acessar esta comunidade em busca de informações poderá ver e acessar, caso lhe interesse, a comunidade do NVC e aí descobrir a natureza deste coletivo.

Outra atividade esporádica, uma das mais esperadas pelos envecistas, é o impacto evangelístico ou simplesmente impacto, em sua designação mais breve e comum. Acontece algumas poucas vezes ao ano, geralmente em fim de semestre letivo. Esta é uma atividade evangelística de “grandes proporções”, que mobiliza dezenas de envecistas em várias subatividades e ferramentas evangelísticas. O objetivo é fazer um evangelismo “impactante” e que chame a atenção das pessoas. Não é um conceito inventado pelo NVC; na verdade, o impacto já é termo nativo para muitos evangélicos, mesmo os que nunca ouviram falar das missões na universidade. Geralmente o NVC faz os impactos na UnB, sempre em locais de grande movimento (em geral, Ceubinho, Udefinho e RU), para que possa atingir o maior número possível de pessoas. Mas há ocasiões, menos frequentes, em que os impactos são fora da UnB. Houve caso de impacto realizado na Rodoviária do Plano Piloto, em dezembro de 2011, e realizado junto a uma pequena aglomeração de habitações subnormais (uma “favelinha”), nas imediações da UnB, em dezembro de 2011. No rol de atividades que podem compor um impacto — em geral, diferente em cada edição — estão, entre outras: afixação de cartazes com conteúdos cristãos (em paredes e murais da UnB); “placas vivas” (envecistas portando mensagens evangelísticas inscritas em placas carregadas junto ao corpo); encenação de peças teatrais; apresentações musicais (banda, coral, artista solo acompanhado de violão); preleções bíblicas; testemunhos (meio de evangelização que consiste em comunicar verbal e corporalmente as graças que o fiel alega ter alcançado mediante sua “conversão”); pantomima; distribuição de “literatura” (categoria nativa que abarca todos as modalidades de impressos evangelísticos distribuídos em uma atividade evangelística, como folhetos, panfletos, *flyers*, etc.). Além dessas e outras atividades possíveis, há no impacto uma preocupação em chamar a atenção das pessoas no ambiente-foco, preocupação essa que pode se materializar em rostos pintados, balões/bexigas, pirofagia (um ou mais envecistas ou parceiros “engolem” e “cospem” fogo), e outras táticas afins.

Ao longo dos últimos anos, o NVC também realizou algumas “viagens missionárias” a cidades próximas. A última delas, realizada em 2011, foi para Unaí, cidade mineira de quase 80.000 habitantes localizada a cerca de 150 quilômetros do Distrito Federal. A viagem foi concebida por conta de um convite que o grupo recebeu de uma igreja evangélica de Unaí, em que um envecista se congrega. Após semanas de preparação, os envecistas saíram em alguns carros em 06/08/2011, um sábado, em direção a esta cidade. Lá ficaram hospedados em uma escola municipal que estava em período de férias. A alimentação ficou a cargo da igreja anfitriã. Deste dia até a segunda-feira à tarde, o NVC

esteve envolvido em muitas atividades, quase todas de caráter evangelístico. No sábado à noite, o coletivo participou de um culto que a igreja anfitriã realizou em uma quadra de um bairro popular, onde ela mantém uma congregação. Antes do culto, os envecistas passaram nas casas da vizinhança convidando as pessoas para a celebração. No decurso dessa, o coral Oásis se apresentou. Ao fim do culto, voltaram ao centro da cidade, onde iniciaram, junto aos membros da igreja, uma passeata pelas ruas, cantando e tocando músicas de louvor, e distribuindo panfletos evangelísticos. Na manhã do domingo, o NVC conduziu cinco grupos de debate com as pessoas que compareceram à escola bíblica dominical da igreja que o convidou a estar em Unai. Após uma tarde livre, o coletivo coordenou o culto da noite. Nele, alguns envecistas fizeram o louvor, acompanhados de alguns instrumentos musicais, e o coral Oásis se apresentou. A preleção bíblica do culto ficou a cargo da então líder de evangelismo, Sara. Na segunda-feira de manhã, foram a uma escola privada, onde, no período equivalente a duas aulas, organizaram grupos de debate com alunos do último ano do ensino médio. Durante o intervalo de aulas, o Oásis se apresentou no pátio central da escola. Após essa atividade, eles foram conhecer por fim um estúdio musical de um membro da igreja que os recebeu em Unai. Nessa ocasião, eles receberam a visita da produção de um programa de uma emissora local de televisão, que acabou fazendo uma matéria sobre o NVC. Nessa matéria, o líder do coral e a líder geral foram entrevistados e o Oásis se apresentou.

Como já coloquei em algumas partes deste capítulo, as apresentações do Oásis também são atividades que entrariam no rol das “esporádicas”, em que pese a existência de períodos em que são feitas muitas apresentações. Em geral, o coral do Núcleo se apresenta em igrejas e em atividades evangelísticas dessas.

A partir dos dados a que tive acesso, eu diria que essas são as principais atividades não diárias do NVC. Mas certamente há outras, muitas das quais o pesquisador não faz a menor ideia. (Por exemplo, em minha última entrevista, Fernando me disse que nas férias de meio do ano, em 2011, alguns envecistas foram à UnB para orar por ela, passando nesse ato de oração por cada um de seus blocos. Eu sabia de algumas atividades realizadas nas férias, mas até esse que foi um dos últimos momentos da pesquisa eu não tinha ouvido falar dessa oração na UnB em plenas férias.) É, ademais, sempre factível que a lista de atividades vá se modificando e/ou crescendo ao longo do tempo. Nada impede que o NVC experimente novas atividades e implemente novas estratégias; constantemente isso acontece. Esta característica mutante parece se

coadunar com a característica frequentemente evocada pelos estudiosos das paraeclesiásticas — a de que essas organizações tendem a mudar suas estratégias mais rapidamente do que as igrejas o fazem⁹¹ (Turner, 2008). Assim, por exemplo, os primeiros impactos evangelísticos do NVC não tinham “tema” (isto é, uma linha temática para organizar o conteúdo da “literatura” distribuída, dos cartazes e das “placas vivas”), mas o primeiro que eles fizeram em 2011 passou a tê-lo. No segundo impacto de 2011, realizado poucos meses após o primeiro, surgiu uma novidade nos cartazes. Eles passaram a ser especializados. O processo de elaboração do conteúdo de cada cartaz evangelístico passou a levar em conta a vinculação acadêmica dos muitos segmentos da UnB: os cartazes colocados nas imediações de um departamento de ciências humanas (onde se concentram pessoas das ciências humanas) deveriam ser linguisticamente adequados ao público das ciências humanas; cartazes afixados em local por onde circulam mais pessoas das engenharias deveriam adequar-se ao público das engenharias. Essa especialização dos cartazes tomou por base a diferenciação da comunidade acadêmica em “cursos” ou “áreas”, considerada importante para fins evangelísticos. Os cartazes do segundo impacto de 2011 foram elaborados de acordo com esses princípios, mas nada garante que vá ser assim no ano que vem. Um outro exemplo: nesse segundo semestre, o NVC fez uma atividade nova, segundo a líder geral devido a uma necessidade que os envecistas estavam sentindo. A atividade — o “Clube do Bolinha” e o “Clube da Luluzinha” — consistia em duas reuniões, uma só para as meninas, outra só para os meninos, em que as/os envecistas puderam conversar e estar em comunhão com irmãos do mesmo gênero.

Da exposição deste calendário de atividades — não custa nada enfatizar: sempre aberto à inventividade dos membros deste coletivo cristão —, é possível depreender algumas características que estariam na base da “temporalidade” do calendário do NVC. Primeiro, é bastante notável a influência que o calendário da UnB exerce sobre o calendário do NVC⁹². As atividades que estão no cerne da vivência envecista ocorrem na universidade, na época em que os envecistas lá estão cotidianamente no período letivo. Para que o NVC possa empreender uma rotina diária de ação, é preciso que os envecistas estejam

⁹¹ “Since parachurch organizations are normally dependent upon their donors and the charismatic leadership of their founders, they alter their policies and strategies more quickly than denominations, which typically have thicker layers of decision making and bureaucracy” (Turner, 2008, p. 3).

⁹² As formulações José Guilherme Magnani em *Mystica Urbe* (1999, p. 57-64) a respeito do calendário “neo-esó” me foram de grande inspiração para o tema das influências de um calendário sobre outro.

na UnB envolvidos em suas atividades acadêmicas. Alterações no calendário da UnB e na dinâmica de aulas provocam alterações no calendário do NVC. Em uma greve, por exemplo, como a que ocorreu durante alguns meses do primeiro semestre de 2010, as atividades corriqueiras não aconteceram. Portanto, a divisão entre período letivo e férias condiciona a divisão envecista entre período de atividades cotidianas e período de férias/atividades esporádicas. Assim fazendo, aquela divisão (a da UnB) também impacta a alocação que o NVC faz de suas celebrações, já que estas se realizam tendo por referência os períodos de atividades corriqueiras/aulas e de férias/atividades esporádicas: no NVC, as confraternizações ocorrem ao fim do período de atividades (lembramos: condicionado pelo período letivo), como que a demarcar, por meio de uma festividade, um período de tempo, como é hábito humano em todos os lugares (Leach, 1974).

A disposição temporal das atividades corriqueiras do NVC (e de algumas das esporádicas) também leva em conta o fracionamento do dia letivo na UnB. Para além do fracionamento em horas (e em unidades de tempo menores e maiores desse mesmo sistema de ordenamento temporal) que caracteriza a maneira dominante pela qual lidamos com o tempo, há no dia da UnB períodos considerados como “de aula” e outros considerados como “intervalos” ou períodos “sem aulas”. O período de aulas na Universidade de Brasília começa às 8 horas da manhã e segue até às 12h. Depois, recomeça às 14 horas, para cessar às 18h. Após uma hora de intervalo, começa às 19, e termina, por fim, às 22 e 30. Essa divisão do tempo em período “de aulas” e “intervalo”/período “sem aulas” também é levada em conta pelo NVC, que só encaixa suas atividades diárias na UnB antes das 8 da manhã e, principalmente, entre 12 e 14 horas. Como vimos, as reuniões de oração no Teatro de Arena, começam às 7 e 30 e acabam antes de 8 horas; as demais reuniões corriqueiras ocorrem em algum período entre 12 e 14 horas, geralmente a partir de 12 e 45 até 10 ou 5 minutos para as 14 horas.

O fato de as atividades pós-período matutino de aulas começarem geralmente às 12 e 45 ou às 12 e 30 não é inteiramente fortuito. O calendário do NVC também se ajusta às necessidades que os envecistas têm de almoçar, item essencial para quem vai ficar o dia todo na universidade. Assim, acabada a aula às 12h, o envecista (não raro em companhia

de outros enevécistas) vai logo almoçar para que chegue ao local de atividade do NVC a tempo de participar desde o começo⁹³.

Finda a apresentação do calendário do NVC, encaminho o capítulo para sua parte final, em que forneço alguns relatos etnográficos de algumas das principais atividades do NVC: 1) a reunião de terça-feira, 2) os grupos de debate, 3) as reuniões do coral, e, do rol das atividades esporádicas, 4) o impacto evangelístico.

2.2. A reunião de terça-feira

Quem chega ao Instituto Central de Ciências (o Minhocão) pela primeira vez e contempla suas formas inusitadas dificilmente imaginará as muitas maneiras pelas quais ele é apropriado pela comunidade da UnB. Espaços destinados a certas funções são usados para outras, e mesmo os espaços aparentemente despropositados recebem seus usos. A reunião de terça-feira, além de outras do NVC, acontece no mezanino norte, o piso praticamente vazio da sobreloja do Ceubinho. Aquele espaço há muitos anos é usado pelo coletivo para a maioria de suas atividades. Como já falei na introdução, é um espaço praticamente vazio, ladeado por um posto do Cespe (lado leste) e por corrimãos (lados norte, sul e oeste). Em sua extremidade oeste há um espaço comumente usado por transeuntes que se locomovem pela sobreloja do ICC, e há, em ambos os lados do posto do Cespe, “caminhos” que ligam a sobreloja ao térreo.

A reunião de terça-feira talvez seja a mais tradicional do NVC. A julgar por minhas observações, ela parece corresponder à atividade de louvor, oração e palavra com a qual o NVC começou sua trajetória há cerca de 18 anos. Esse caráter “tradicional” da atividade parece-me que é denotado pela categoria “normal” às vezes usada para referir-se a ela (e a mais nenhuma outra atividade).

⁹³ A exceção é a atividade de evangelismo na quarta-feira, que começa ao meio-dia. Para não ficar com fome, o enevécista geralmente ou faz um lanche rápido em alguma lanchonete, ou não vai à reunião do GD para poder ir ao RU almoçar.

A reunião de terça-feira começa “oficialmente” às 12 e 45. Há sempre, como já disse, algum atraso. Aqueles 5 ou 10 minutos que nós brasileiros — e aqui peço ao leitor que perdoe meu essencialismo — quase nunca consideramos verdadeiramente um atraso.

Os enevécistas começam a chegar, em que pese o horário estipulado, muitos minutos antes. Isso é bem típico das atividades religiosas (se bem que não seja exclusivo delas): sempre há os que chegam muito tempo antes, seja em busca da sociabilidade pré-atividade, seja em função da necessidade de organizar ou preparar alguma coisa para a atividade, e até pelas duas razões. Em meu trabalho de campo junto a uma denominação neopentecostal em Mossoró, interior do Rio Grande do Norte, eu encontrei o mesmo padrão (com suas diferenças, é claro): o culto de quarta-feira, o principal daquela congregação encravada na segunda mais populosa favela dessa cidade potiguar, começava às 7 e 30 da noite, mas os primeiros irmãos (principalmente os da liderança) começavam a chegar pouco antes das 7 horas. Nesse caso, a motivação maior era preparar o espaço do pequeno templo para o culto (varrer o chão, organizar as cadeiras, regular a mesa de som, etc.), mas também havia os momentos de jogar conversa fora, quase sempre sobrepostos aos momentos de preparar o espaço para a irrupção do sagrado (Rocha, 2010). No Núcleo de Vida Cristã, a principal motivação parece ser a sociabilidade, pois não existe muito a ser preparado para a atividade. O chão não precisa ser varrido; não há equipamento de som a regular (salvo eventuais ajustes na afinação do violão); e não há cadeiras a serem organizadas. Quer dizer, há cadeiras a serem organizadas, mas isso não é tarefa para a liderança fazer; no NVC, cada um pega sua cadeira, sempre em algumas salas vizinhas ao mezanino norte. Terminada a celebração, elas são devolvidas às suas salas de origem. Os enevécistas, portanto, começam a chegar algumas dezenas de minutos antes. Mas há exceções. Alguns só chegam em cima da hora; outros, atrasados, de modo que durante o período que vai de algumas dezenas de minutos antes da atividade até seus momentos finais, sempre há pessoas chegando. Em geral, o que provoca o atraso do enevécista é alguma tarefa relativa à sua vida acadêmica em sentido estrito: cópias a serem feitas, livros a serem devolvidos ou tomados de empréstimo na biblioteca, algum “aperto” quanto a ter que estudar para uma prova, etc. Houve casos também de atrasos relacionados a paralisações dos serviços do Restaurante Universitário. Na última greve dos servidores da UnB⁹⁴, que redundou entre outras coisas na suspensão das atividades do restaurante, alguns enevécistas tiveram dificuldades para

⁹⁴ A greve que durou 112 dias começou em junho de 2011 e acabou em setembro.

participar integralmente das atividades do Núcleo, geralmente porque tinham de almoçar em algum outro local mais distante, o que fazia com o que o envecista gastasse mais tempo para locomover-se até ele e dele até o local das reuniões⁹⁵.

Antes que eu me perca por inteiro na digressão, volto à reunião de terça-feira. Como já falei, quando as pessoas vão chegando para a reunião (nas reuniões de que participei, o público variava de 40 a 70 pessoas), elas têm de pegar cadeiras em salas vizinhas, vazias por causa do horário de intervalo. Quase todos fazem isso. Alguns podem não fazê-lo, pois não é tão raro encontrar algumas poucas cadeiras no mezanino. (Este espaço às vezes é usado por algumas pessoas dispersas que querem ler⁹⁶ alguma coisa ou conversar.) As cadeiras vão sendo colocadas em algum ponto em torno do centro do mezanino, de maneira a formar o que parece ser um semicírculo (não perfeito, obviamente), cuja parte “aberta” é virada para o lado leste, onde fica o posto do Cespe. O semicírculo tem “camadas” de cadeiras, em geral três camadas, composição que também pode ser encarada como “semicírculos concêntricos”, mais ou menos como na figura 01. Mais para o centro dos semicírculos, fica o local, um mero piso que faz as vezes de púlpito, onde o condutor do culto, o(s) encarregado(s) de tocar violão durante o louvor e o pregador (quem dá a “palavra”) permanecem, cada um em seu turno.

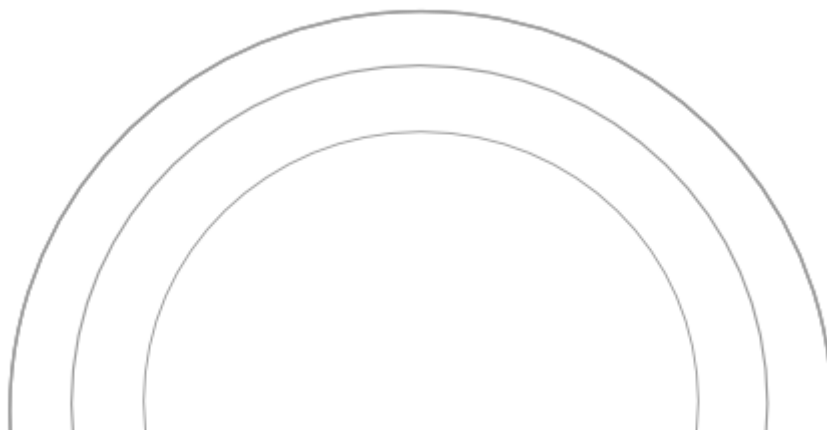


Figura 01: semicírculos concêntricos que representam a disposição das cadeiras durante o culto de terça-feira

⁹⁵ Uma envecista me disse que, após faltar a várias atividades porque tinha de almoçar longe do ICC, decidiu em uma semana almoçar lanches rápidos, nas lanchonetes do Ceubinho, para poder ir às reuniões do NVC.

⁹⁶ Durante a longa greve de 2011, o hábito de ler no mezanino (e em muitos outros lugares, como bancos e corredores) era mais evidente do que hoje o é. Não tendo as salas de estudo da biblioteca à sua disposição, o aluno improvisava lendo em qualquer lugar que lhe parecesse relativamente tranquilo e iluminado.

Nem todos ficam sentados durante as atividades. O pregador, o condutor do culto e a pessoa que manobra o violão ficam de pé em alguns momentos. Mas não só eles. Alguns outros enevicistas preferem acompanhar a reunião ou momentos dela de pé, seja em algum ponto externo próximo ao semicírculo, seja encostados em um dos corrimãos (geralmente o do lado norte). Quase sempre estão conversando, e às vezes parece que a opção de ficar de pé fora do semicírculo é adotada por pessoas que têm algo a conversar com outra(s) e não querem atrapalhar a reunião.

É mais ou menos esta a disposição espacial da celebração de terça-feira: um piso liso, cadeiras formando o que parece ser um semicírculo, um espaço mais ou menos em seu centro onde ficam algumas pessoas. Esse espaço de manifestação do sagrado — de hierofania, para usar o termo técnico (Eliade, 1992, p. 17) — não contém claros divisores em relação ao espaço externo à celebração e ao fluxo de pessoas que não tomam parte no ritual. Em um templo, a hierofania está significativamente resguardada de interferências alheias à sua natureza sagrada; no mezanino norte, não. Primeiro, porque é um espaço em grande medida aberto (em que pese sua cobertura parcial). Sendo aberto, não há como reter o costumeiro burburinho que vem dos corredores e do Ceubinho. Burburinho e às vezes som amplificado vindo das imediações (nos pontos de venda de ingressos para festas de CAs, em debates políticos ligados ao movimento estudantil, nos carros de som de sindicatos em greve, etc.). Esta abertura já foi usada por opositores do NVC para interromper alguma reunião com gritos de “Deus não existe” ou algo do tipo. Segundo, porque algumas de suas porções servem de caminho para transeuntes que passam por ali, algumas vezes para ir ao posto do Cespe. No espaço de celebração não há outros adereços. Nada, por exemplo, dos elementos esculturais e pictóricos que em algumas religiões ornaram o lugar de celebração para acender “a imaginação e as emoções” dos fiéis (Gaarder, Hellern, Notaker, 2005, p. 37).

Cada reunião de terça-feira tem um condutor, alguém geralmente da liderança (mas não sempre) que se encarrega de fazer fluir a atividade, seja anunciando os atos que compõem a celebração (“é hora de louvar”), seja admoestando os presentes a fazerem alguma coisa (“orem por fulano que dará a ‘palavra’”, “vamos ajeitar um pouco as cadeiras”), seja convocando pessoas para tomarem parte em algum ato da celebração (“venha fulano, dê a ‘palavra’”).

Em geral, é o condutor da reunião quem decreta seu início. O primeiro ato da celebração é uma oração realizada pelo condutor em voz alta e pelos demais presentes em voz baixa ou em pensamento.

Finalizada a oração, que não dura mais que um minuto, tem início um momento de louvor. Antes de começar, o condutor pede aos presentes para levantarem-se. Quase todos o fazem; alguns poucos (muito poucos) permanecem sentados, com cabeça baixa, como se estivessem orando ou louvando apenas introspectivamente. No campo do comportamento durante o louvor e a celebração como um todo não há padrões bem definidos, pois no NVC há pessoas de muitas igrejas que endossam doutrinas diversas quanto ao portar-se em um culto. Há os que se levantam e dançam sem nem um pingão de timidez, geralmente batendo palmas; há quem fique de pé, sem se mexer muito, mas batendo palmas; há ainda, como já disse, as pessoas mais reservadas que ali se sentam e experienciam seu contato com o divino através da música. Algumas pessoas, tocadas pelo louvor, quer estejam sentadas ou não, vertem lágrimas, enquanto que outras exibem um sorriso ostensivo. Toda essa diversidade convive bem dentro do NVC, pois o coletivo deixa os adeptos completamente livres a respeito desse assunto. Nas igrejas, o comportamento no culto tende a ser bem mais homogêneo.

O louvor é feito com violão, portado por alguém mais ou menos no centro do semicírculo, e com a voz de quase todos os presentes. Entre as músicas, ou mesmo em suas partes instrumentais, é comum ouvir envecistas orarem, sempre no seguinte padrão: o condutor (e às vezes o músico que toca o violão), em voz alta; os demais, mais discretamente. Em algumas edições, o louvor é encerrado com uma oração.

Após o louvor ou a oração que o encerra, há um momento em que o condutor cumprimenta os presentes (sempre de maneira bem informal e amigável). Às vezes — talvez quando note algum novato entre os presentes (o que parece ser mais comum nos dois primeiros meses do semestre letivo) — o condutor pergunta aos presentes se há alguém novato, e, em caso afirmativo, lhe(s) dá as boas-vindas. Feito isso, ou ele apresentará o NVC ao novato, ou pedirá para que alguém (geralmente alguém da liderança ou alguém mais experiente na fé e no grupo) o faça. Neste momento pós-louvor geralmente são dados avisos, que podem ser de vários tipos: sobre alguma mudança no calendário do NVC, sobre a inscrição dos envecistas para participarem de alguma atividade (uma vigília, por exemplo), sobre a realização de algum evento por uma

das organizações estudantis de evangélicos (como um impacto realizado pelo Fire Universitário, por exemplo), etc. O condutor também pergunta se há entre os presentes quem queira dar algum aviso. Em havendo, o aviso é dado.

O próximo ato deste enredo é a convocação de alguém para pregar, isto é, alguém para “dar a palavra”, como quase sempre os envecistas dizem. A palavra é dada ou por alguém da liderança ou por alguém que a liderança (principalmente a líder geral) designe para fazê-lo. A palavra costuma durar entre 20 e 30 minutos. O responsável por ela, não tendo um púlpito em que apoiar seu material, traz em suas mãos a bíblia e, quase sempre, uma folha pautada ou A4 com notas para orientar a ministração da palavra. A palavra, como já escrevi em outro lugar (Rocha, 2010), sempre é baseada em trechos bíblicos, podendo evocar experiências de vida, e sempre — fazendo aqui uma indução a partir de minhas observações com o NVC e em minha pesquisa anterior — traz um caráter normativo (“devemos”; “temos que”). Uma peculiaridade do NVC, em relação a significativas parcelas do protestantismo brasileiro (notadamente as denominações pentecostais embrenhadas junto às camadas mais populares), é o nível de linguagem utilizado durante a celebração. Em minha pesquisa em Mossoró junto a uma congregação neopentecostal da Favela do Fio, eu pude observar a mobilização de um capital linguístico que destoava bastante da norma culta, com recorrentes erros de concordância verbal e conjugação. Algo muito diferente da correção da linguagem no púlpito católico. No NVC é bem diferente, o que, convenhamos, é de se esperar, uma vez que o coletivo é vivido por universitários: a linguagem, que também guarda alguns matizes do linguajar jovem (sobretudo pelo uso de algumas gírias), aproxima-se bastante da norma culta e faz uso de alguns termos caros aos debates filosóficos/teológicos, palavras que deixariam um fiel menos instruído um tanto confuso.

Com o fim da “palavra”, a reunião já se encontra em seus momentos finais. Há para fechá-la uma oração, mais ou menos nos mesmos termos das que já descrevi. Algumas vezes, após a oração tem-se um momento de novos avisos, nem que seja para lembrar os presentes de guardarem as cadeiras nas salas de onde foram retiradas.

Alguns levam imediatamente sua cadeira para a sala, e retornam ou vão embora. Outros se demoram ali no mezanino, e só levam a cadeira depois. Terminada a atividade, alguns envecistas permanecem a conversar ali naquele espaço. Alguns poucos podem fazê-lo

por bastante tempo, principalmente quem não tem aula às 14 horas, quem não estagia e quem não trabalha.

Para dar um pouco mais de vida à reunião de terça-feira, e para encerrar esta seção, deixo o relato de umas das reuniões de terça-feira de que participei.

04/10/2011 — após mais uma manhã de estudos na “catacumba” da antropologia, me dirigi ao mezanino norte, já um pouco atrasado, mas sem preocupação, pois eu sabia que a reunião raramente começa às 12 e 45. Quando cheguei, 13 e 15 no relógio, os semicírculos já estavam formados, mas as pessoas — sentadas e em pé (junto ao corredor ou mais distantes) — ainda proseavam. Sorte minha. Como quase sempre acontece, fui direto à primeira sala do lado norte, e peguei uma cadeira. Já no mezanino coloquei-a no semicírculo mais externo (nesse dia, o terceiro), e fiquei ali, observando as pessoas, dando um ou outro aceno, e esperando pelo início da atividade.

A reunião desse dia foi conduzida por Sara, que poucos dias atrás havia deixado a liderança da pasta de evangelismo para Luan. Sara começou dizendo que iria orar para começar, ato que é acompanhado por quase todos os presentes. Terminada a oração, ela pediu para que todos ficassem em pé, o que foi feito por quase todos. Um rapaz no violão — cujo nome eu não registrei em minhas anotações de campo — começou os primeiros acordes, e logo uma multidão de vozes cantava uma dessas canções gospel de grande popularidade. Como não sou grande conhecedor do cenário musical gospel, anotei algumas palavras do refrão em meu *e-reader*, e, horas depois, eu descobri através de um motor de busca na internet que se tratava da música “Senhor, te quero”, do cantor gospel irlandês/brasileiro David Quinlan. Os presentes batiam palmas e mexiam seus corpos ligeiramente (com as exceções que já assinaliei), e, vez por outra, alguns cumprimentavam alguém que chegava à reunião, trocavam algumas palavras, sempre com muitos risos, em uma atividade aos meus olhos bem lúdica.

Quando a música acaba, Sara começa a orar em voz alta. Uma oração breve. Ela pede então para todos baixarem a cabeça e tirarem um tempo para falar com Deus. E logo

começa outra música — a “Quebrantado”, do Ministério Veneyard⁹⁷. Durante algumas de suas partes instrumentais, Sara ora em voz alta, e alguns outros enevécistas mais introspectivamente. Acabada a música (nessa reunião foram apenas duas), a condutora da celebração ora mais uma vez.

Enquanto os presentes se sentavam, Sara perguntou-lhes se havia alguém ali pela primeira vez, e obteve três respostas positivas. Ela lhes deu boas-vindas, e pediu para uma enevécista (cujo nome não registrei) apresentar o NVC aos novatos. Essa moça vai então ao centro do semicírculo e diz mais ou menos que o Núcleo de Vida Cristã era um grupo interdenominacional, sem placa de igreja, que estava na universidade para falar um pouco de Deus. Sara então retoma a voz e anuncia aos presentes o horário das atividades (apenas as “corriqueiras”), nos termos que eu já apresentei.

Nesse momento, Sara convida Luan, recém-empossado na liderança do evangelismo, para dar a palavra, e pede para os presentes orarem por ele. Não reparei se os presentes fizeram-no; a condutora, todavia, orou mais uma vez.

Ficando sozinho no centro daquele espaço, e notando que os semicírculos estavam muito longos, Luan pediu aos presentes para aproximarem-se mais. Cadeiras foram realocadas, de modo que todos ficassem bem mais próximos do pregador, o que certamente facilitaria a audição da palavra, às vezes comprometida pelo burburinho humano do Ceubinho.

Não poderei reconstituir o conteúdo da palavra para além do essencial. Tomando algumas notas no *e-reader* e guardando a maior parte na memória (na minha, não na deste *gadget*), torna-se tarefa bastante árdua registrar inteiramente a palavra.

A preleção se baseou em um e-mail que um enevécista endereçou à lista de e-mails um dia antes e em um trecho do livro bíblico de Apocalipse. Com uma folha em mãos, Luan lê o e-mail enviado pelo enevécista. Tratava-se de uma reflexão sobre o amor de Deus, e sobre o amor que seu autor sentia por Deus. Um dos principais pontos do e-mail era que todos poderiam confiar no Senhor. O líder de evangelismo interpretou esse e-mail como

⁹⁷ Para identificá-la usei o mesmo artifício que resultou na descoberta do título da canção anterior.

uma intensa manifestação de amor de seu autor, que, transbordando com esse sentimento, não viu alternativa a não ser compartilhá-lo com os colegas enevécistas.

Aproveitando o ensejo, Luan pede para os presentes abrirem a bíblia em Apocalipse 2:1. Ao ver que eu não estava com a bíblia em mãos, uma moça me ofereceu a sua para que eu a lesse. Este ato de emprestar a bíblia ao neófito — bem como o de oferecer-lhe a cadeira, caso não haja outra em que sentar — é bastante comum nas igrejas evangélicas, e também no NVC. Ao que me parece, objetivam dar melhor acolhida ao visitante, o que seria função da pasta de comunhão. O pregador começa a ler o livro sagrado na altura assinalada:

Ao anjo da igreja em Éfeso escreve: Isto diz aquele que tem na sua destra as sete estrelas, que anda no meio dos sete candeeiros de ouro: Conheço as tuas obras, e o teu trabalho, e a tua perseverança; sei que não podes suportar os maus, e que puseste à prova os que se dizem apóstolos e não o são, e os achaste mentirosos; e tens perseverança e por amor do meu nome sofreste, e não desfaleceste. Tenho, porém, contra ti que deixaste o teu primeiro amor (Apocalipse 2:1-4).

Com base no trecho bíblico e no tema do amor que surgiu no e-mail enviado pelo enevécista, Luan admoestava os fiéis a não perderem o “primeiro amor”, o mais intenso dos amores.

Em algum momento da preleção bíblica de Luan, começamos a ouvir uma forte música que vinha do Ceubinho. Não sei quem era o responsável por ela — se algum CA ou algo do tipo. Era um *Rock and Roll* com guitarras estridentes e compasso dançante, algo que me lembrava do som da banda australiana Jet. A canção claramente atrapalhava o andamento da pregação. Luan, não obstante, mostrou-se indiferente a ela, prosseguindo sua como se nada estivesse acontecendo. Logo começou outra música, tão alta quanto a primeira, a *You Kown I'm no Good*, de Amy Winehouse. Daí em diante, só músicas dessa cantora. Uma atrás da outra. Mais para o fim da pregação, enquanto Luan falava aos presentes que “Deus é amor”, a cantora londrina cantava seus versos, em uma espécie de zombaria profana contra a palavra de Deus, segundo os quais “Love is a losing game”.

O líder de evangelismo encerra a palavra e efetua a oração final em voz alta. Acabou a reunião com um gracejo que fez com que muitos ali caíssem no riso. Por fim, pediu aos presentes para levarem as cadeiras às salas de aula.

2.3. Grupos de debate

Os grupos de debate, como já disse, ocorrem em quatro locais. Um deles, no qual me concentrarei, é o mezanino norte, a mesma área que abriga as reuniões de terça-feira. Muitas das características apontadas para a reunião de terça-feira são válidas para o GD. As pessoas, como na outra reunião, pegam suas cadeiras nas salas próximas e as devolvem ao término da reunião ou do jogar conversa fora que em geral tem início após o debate. Há também um momento de sociabilidade pré-reunião, as interferências do barulho das imediações do Ceubinho, o transitar de pessoas pela sobreloja, às vezes desembocando no posto do Cespe (separado poucos metros da aglomeração envecista), a chegada de envecistas atrasados e a saída de alguns antes do término da atividade, etc.

Nos GDs de que participei sempre havia algo em torno de 20 participantes. É, como também já disse, a atividade mais aberta do NVC, uma atividade para a qual se espera — embora nem sempre aconteça — a visita de pessoas de fora do grupo e mesmo de pessoas que não professam o cristianismo em qualquer de suas vertentes. Não pude aplicar um questionário específico para os participantes do GD, mas nas reuniões de que participei houve uma vez em que soube da participação de um católico não integrante do NVC. Em outra, participou outro outsider aparentemente um tanto cético quanto ao cristianismo⁹⁸.

É uma atividade concebida para fazer com que o cristão possa refletir a respeito de sua fé. Talvez seja a atividade que mais se afine ao ideal comumente expresso pelos envecistas de ser cristãos e mesmo assim não abrirem mão da “capacidade crítica”. Negando a ideia de que a religião é um assunto estritamente relativo à “fé” e à “emoção”, os envecistas — e principalmente o NVC-Instituição — em geral endossam que ela é também da seara da razão e que por isso eles têm que pensar e refletir muito a seu respeito. Por isso, é fundamental para eles que possam ter um espaço de debate e de reflexão.

⁹⁸ Em certo momento da reunião ele disse aos presentes não ter certeza sobre a fiabilidade do cristianismo.

Em conexão com o que acabo de dizer, a atividade também é pensada como uma forma que os envecistas têm de afiar seus argumentos e contra-argumentos, elementos que o ajudarão em sua tarefa de evangelizar na universidade. A tarefa de evangelização universitária é concebida pelos envecistas que pude ouvir como uma que exige um preparo especial do coletivo, pois eles estão lidando com um público muito instruído, que não aceitará admoestações baseadas unicamente no “crer” e na “emoção”. Na reunião de terça-feira 27/09/2011, por exemplo, a pregadora, por ocasião de sua fala sobre o mandamento divino de evangelizar, falava do medo e da insegurança que às vezes acometem o cristão que se julga não possuidor de sabedoria suficiente para evangelizar. Nesse mesmo eixo temático, ela comentou que na comunidade da UnB, altamente instruída, às vezes há não-cristãos que sabem mais da palavra de Deus do que os cristãos. Moabe, o líder dos GDS, me disse em entrevista (06/07/2011) que o público da UnB é *particular* (na Universidade de Brasília as pessoas estariam a todo tempo sendo incentivadas a pensar), e que os não-cristãos da UnB em geral têm bons argumentos para não abraçarem o cristianismo. Diante deste público, não há como evangelizar da forma pela qual uma igreja evangeliza os moradores de um bairro popular, por exemplo. O evangelismo sempre teria de ser pautado pelo público a que se destina. Na UnB, portanto, a evangelização teria de ser feita de modo a lidar com os fortes argumentos contrários e teria de ser operada em um nível discursivo não muito habitual entre os cristãos/evangélicos; estando em um espaço concebido como “da ciência”, o discurso evangelizador tem de se valer de parâmetros legitimadores do discurso científico; há que se falar de “fatos”, “provas”, “coisas concretas”, “razão”, “lógica”, e não apenas de fé. Essa postura é inspirada, por um lado, por uma admoestação do apóstolo Paulo no sentido de que o cristão, quando evangeliza, deve adequar-se ao povo a ser evangelizado (aprendendo sua língua, por exemplo), e, por outro lado, em um trecho da segunda carta do apóstolo Pedro, segundo o qual os cristãos devem estar “preparados para responder com mansidão e temor a todo aquele que vos pedir a razão da esperança que há em vós” (I Pedro 3:15). Esta última passagem, evocada por várias pessoas durante meu campo e minhas entrevistas, é a que em geral fundamenta a defesa racional da fé cristã frente aos ataques céticos, e que está na base da Apologética ou Apologia Cristã — ramo da teologia, bastante popular entre os envecistas — cujo objetivo é “sair a campo para resguardar a integridade das verdades referentes a Deus e à fé cristã”, fazendo uso de argumentos lógicos e sistemáticos (Andrade, 1998, p. 48). Tendo essa missão

evangelística pela frente, os enevécistas vêm no GD, entre outras coisas, um ambiente para melhor prepararem-se para levá-la a cabo⁹⁹.

Os grupos de debate, como está implícito no que já escrevi, são também um espaço de aprendizado para o cristão. De aprendizado, sim; não de *ensino*. Os grupos de debate nada têm a ver com a Escola Bíblica Dominical (EBD), tradicional espaço de ensino e aprendizado bíblico entre os evangélicos. Esta, embora possa ter momentos de discussão e desacordo, centra-se fortemente em uma relação de ensino-aprendizado, em que há um professor (alguém mais experiente na fé e na bíblia) que ensina aos *alunos*, a membresia da congregação em geral. No GD, como me disse a líder de evangelismo até setembro, não há ensino; há apenas debates, que colocam questões que incitam a reflexão, gerando ou não conhecimento.

Os EBIs utilizados no debate não são apostilas como as que são utilizadas nas EBDs. São feitos em uma única lauda, trazendo alguns elementos: a logomarca do coletivo disposta no cabeçalho da página; um título (e às vezes subtítulo); trechos da bíblia (e às vezes algumas citações de outras matrizes, inclusive não-cristãs); um glossário curto; um texto introdutório que fornece o contexto dentro do qual as perguntas (outro componente do EBI) ganham sentido; por último, no rodapé da página, há informações (horários e locais) de três reuniões do NVC (a de terça-feira, os GDs e a de comunhão/intercessão na quinta-feira) e o endereço do site do grupo.

Afinadas ao objetivo de reflexão sobre a fé, as perguntas dos EBI são em geral controversas, e não partem necessariamente do pressuposto da fiabilidade da bíblia e de Jesus. Em geral, são questões que lançam dúvida sobre pilares da fé cristã, não em um ato de heresia, mas como um de incitamento à reflexão que, espera-se, redunde em uma fé melhor embasada. A ideia nos GDs é formular (e discutir sobre) questões que poderiam

⁹⁹ A finalidade que o GD tem de melhorar o poder argumentativo dos enevécistas foi uma evidência que obtive já em meu primeiro dia de campo. Como já comentei, nesse dia (25/06/2011) havia um grupo de debate. Após sua realização, quando conversava com a moderadora Camila, eu lhe disse que não se preocupasse, pois em minhas futuras observações ao GD eu não iria atrapalhar a reunião fazendo questionamentos à fé dos enevécistas, ao que ela me retrucou algo como: “Não tem problema. Pode questionar, pode nos fazer perguntas. É bom, pois assim vamos refinando nossos argumentos”. Outra evidência me foi dada por Mara, em entrevista (19/07/2011, Brasília). Falando dos GDs e do impacto que seria realizado em 08/06/2011, ela me disse que os primeiros estavam tematizando Jesus, pois o impacto teria Jesus como tema. Discutindo Jesus nos GDs, ela continua, os enevécistas estariam mais bem preparados para fazer frente a eventuais questionamentos céticos durante o impacto.

ser formuladas por não-cristãos. Não raro, leem-se nos EBIs questões normalmente formuladas por ateus que buscam colocar os cristãos em “saia justa”. No primeiro GD de que participei, as questões versavam sobre a pretensa veracidade de Jesus enquanto um personagem histórico e enquanto filho de Deus. Uma das questões — a título de ilustração sobre o teor dos EBIs — era formulada nos seguintes termos: “Existem outras histórias de outras pessoas que por exemplo nasceram de uma virgem e depois ressuscitaram ao 3º dia, por exemplo a história da deusa egípcia Íris. O que faz acreditar que a história de Jesus é diferente [verdadeira, em vez de falsa, como as outras]?”. Mais à frente no mesmo EBI estão listadas (e expostas muito brevemente) algumas teorias sobre o porquê de a história da ressurreição de Jesus ser falsa, e uma convocação para que os presentes a discutam. No GD de 28/09/2011, por exemplo, o EBI lançava questionamentos como o que segue: “A percepção cristã do que é o ser humano, moralmente falando, está totalmente atrelada à ideia de pecado. Tendo isso em vista responda: a) Não seria injusto dizer que por causa do pecado de apenas um indivíduo (Éden) todos se tornaram pecadores e, por isso, indesculpáveis diante de Deus? Por quê?”

Cada reunião de GD é moderada por um moderador, algum enevicista designado pelo líder da pasta dos GDs para que exerça essa função. Os moderadores não são considerados “líderes” — e é sintomático que não participem da lista de e-mails fechada da liderança —, mas espécies de “assessores” do líder dos GDs. Este mais os quatro moderadores são encarregados de elaborar os EBIs para ser usados nas reuniões. Nesse processo de elaboração, cada moderador elabora um EBI e o envia ao líder geral, que irá alterá-lo em caso de necessidade. O EBI depois de chegar aos olhos do líder do GD e, em alguns casos, depois de ser ajustado, é enviado a todos os moderadores, que o usarão em uma reunião de GD. Nas quatro reuniões que acontecem ao mesmo tempo em lugares diferentes, é usado o mesmo EBI.

Como todas as atividades do NVC — e de quase todos os evangélicos — esta também começa com uma oração, que é feita ou pelo moderador ou por alguém que ele designe. Nas reuniões a que assisti, geralmente a oração foi feita por outra pessoa. Esta faz oração em voz alta, enquanto os demais — salvo os não crentes — oram em silêncio, geralmente com a cabeça abaixada. Após a oração, ocorre a distribuição do EBI entre os presentes.

O moderador então lê o título, o texto introdutório e o glossário. Lê também alguns versículos do primeiro trecho bíblico, e logo pede para que alguém continue a leitura. Em todas as reuniões de que participei, isso era feito da seguinte maneira: o líder começa a ler e depois designa alguém ao seu lado, que lerá alguns versículos e passará a voz à pessoa do lado, e assim por diante, em um movimento de leitura horário ou anti-horário. Esse procedimento faz com que às vezes até eventuais visitantes tomem parte da leitura (algo que o pesquisador já fez, salvo engano, duas vezes). Os trechos não-bíblicos, quando presentes no EBI, também são lidos no mesmo processo de leitura.

Acabada essa leitura partilhada, fica para o moderador a função de ler as questões, uma de cada vez. O moderador lê a primeira, e pede a opinião dos presentes a respeito. Começa o debate. O debate em geral é bastante intenso, com as pessoas defendendo seus pontos de vista, geralmente evocando algum trecho bíblico e, às vezes, algum achado da ciência. No GD do dia 25/05/2011, sobre Jesus, algumas menções à ciência e a estudos históricos foram feitas¹⁰⁰, por exemplo. A intensidade do debate geralmente faz com que o andamento da atividade seja mais lento do que o esperado pelo moderador, acarretando a não discussão de todas as questões propostas no GD. Nas reuniões de que participei, na maioria não foram discutidas todas as questões previstas no GD. E isso não é algo apenas ruim; é encarado por alguns enevicistas como índice do sucesso da atividade: se as discussões sobre uma questão estão demorando demais, é porque estão tendo êxito. O moderador, contudo, tende a conduzir a reunião de modo a debater todo o EBI.

Às vezes, o debate transcorre com cada participante falando quando lhe apetece. Em outras ocasiões, principalmente quando o tom do debate está elevado, é necessário adotar algum mecanismo de controle, o que é feito através do sistema de “inscrições” pelo moderador das pessoas interessadas em manifestar-se.

Nos GDs podem ser colocadas quaisquer questões e argumentos, mas é preciso saber os limites. Os envolvidos na querela não podem “levar para o lado pessoal” nem sair de uma postura respeitosa em relação ao outro. É tarefa do moderador guiar a discussão para que ela não extrapole os limites.

¹⁰⁰ Em meu diário de campo, eu registrei o seguinte: “Achei as discussões bem interessantes. Talvez por serem estudantes universitários, as discussões não eram apenas questão de fé. Vez por outra ouvíamos algum debatedor evocando dados históricos e mencionando a ciência”.

O GD, ao meu ver, é a atividade cuja diversidade doutrinária/teológica dos enevécistas fica mais patente. Nas demais, isso não é muito visível. Nas pregações, por exemplo, nunca são abordados temas controversos (como teologia da prosperidade¹⁰¹), temas esses que bem poderiam ser discutidos em um grupo de debate.

Os debates são intensos e cheios de pontos de vista diversos, mas, ao contrário do que talvez sejamos tentados a pensar, não são em geral sisudos. São bem lúdicos e jocosos. Em um instante, uma pessoa argumenta seriamente sobre um assunto, para no momento seguinte alguém retrucar com uma piada, um gracejo qualquer, e todos rirem. Isto não é regra; mas também não chega a ser raridade.

O GD vai transcorrendo, portanto, dessa forma: o moderador lê uma pergunta, e os demais a debatem (e, às vezes, o próprio moderador); lê outra, e o debate recomeça, e assim por diante, até que o EBI esteja todo debatido ou o horário de término esteja se aproximando.

Com o fim do debate, é a hora dos avisos, que podem ser dados pelo próprio moderador ou por algum outro enevécista interessado em comunicar algo, mais ou menos como ocorrem nas reuniões de terça-feira. Há, por fim, uma oração para fechar a atividade, executada da mesma forma que a primeira.

2.4. Ensaios do coral

Os ensaios do coral são reuniões mais fechadas comparativamente às de terça-feira e aos GDs. É tanto que na “literatura” que às vezes o NVC distribui nunca está listado, até onde sei, o ensaio do coral no rol de atividades do NVC (em geral, anunciam-se apenas as reuniões de terça-feira, os GDs e as de quinta-feira).

¹⁰¹ Elaborada pelo norte-americano Kenneth Hagin, a Teologia da Prosperidade se difundiu globalmente pelo pentecostalismo. No Brasil, é associada às chamadas igrejas neopentecostais, como a Universal do Reino de Deus. Como bem coloca Mariano, “grosso modo, defende que o crente está destinado a ser próspero, saudável e feliz neste mundo [...]. Além de possuir uma fé inabalável e de observar as regras bíblicas de como se tornar herdeiro das bênçãos divinas, o principal sacrifício que Deus exige de seus servos, segundo esta teologia, é de natureza financeira: ser fiel nos dízimos e dar generosas ofertas com alegria, amor e desprendimento” (Mariano, 2005, p. 44).

O coral é de grande importância para o NVC, pois é uma atividade que mobiliza muito as pessoas. Como já disse, são duas reuniões semanais, o que faz dos ensaios do coral a segunda atividade mais frequente, ficando atrás apenas das reuniões de oração no Teatro de Arena. A respeito da importância do coral para o NVC, a ex-líder de evangelismo Sara me disse que ele era uma artéria no coletivo, fundamental para seu bom funcionamento. Segundo suas próprias palavras: “às vezes eu penso: poxa, como é possível que o NVC não tivesse coral? Porque o coral hoje é uma artéria do NVC; as coisas funcionam muito e dão muito certo [no NVC] também por causa do coral” (Sara, entrevista, 21/06/2011, Brasília).

Os dois ensaios semanais do coral são realizados em locais diferentes. Na segunda-feira, no tradicional mezanino norte; na sexta-feira, na Sala de Corais da UnB, localizada no ICC sul, imediatamente ao lado da entrada sul (o Udefinho). Sendo o Oásis um coral da comunidade da Universidade de Brasília, ele pode usufruir desta sala como os demais corais da UnB, e fazer uso de sua estrutura, principalmente de um piano Yamaha Clavinova que fica à disposição dos usuários da sala. Para além desta localização dupla, os enevécistas — “às vezes”, como me disse Mara — fazem parte do ensaio em um local “aberto”, geralmente no Udefinho, e às vezes no Ceubinho. O objetivo desse deslocamento é “falar do amor de Deus em forma de canção” às pessoas que ali passarem (Mara, entrevista, 09/12/2011).

As reuniões começam às 12 e 30, como já coloquei, e seguem aproximadamente até a altura das 14 horas. Nas reuniões de que participei, apenas duas, havia cerca de 25 pessoas, o que parece ser um número significativamente menor do que o total de participantes do coral (mais ou menos 36, a julgar pelo número de cadastrados no grupo do coral no Facebook¹⁰²).

As reuniões do coral se dividem em duas grandes partes: há sempre um momento de oração e comunhão, e, o que pode vir antes ou depois da oração/comunhão (geralmente depois), o ensaio propriamente dito. Na segunda-feira, o momento do ensaio é menor (isso tem a ver com a disponibilidade do regente, que só pode chegar ao mezanino norte

¹⁰² Isso é apenas uma aproximação, pois o número de participantes do grupo não pode ser encarado como um indicador exato do número de pessoas do coral. Luan, por exemplo, participa do coral, mas não tem perfil no Facebook (o que lhe impede de participar do grupo do coral nesta rede social).

por volta das 13 e 30); na sexta-feira, é bem maior (a parte da comunhão e da oração dura poucos minutos).

Ao contrário do que ocorre quanto às reuniões de terça-feira e aos GDs de que pude participar relativamente muitas vezes, não fiz muitas visitas aos ensaios do coral. Foram apenas duas: uma em um ensaio de segunda-feira, outra em um de sexta-feira. Por esta razão, não fornecerei um relato no molde do fornecido para as atividades anteriores, em que eu elenquei, entre outras coisas, os “atos” que compunham a atividade. Minha estratégia nesta altura da exposição será apresentar as visitas que fiz ao ensaio, praticamente nos mesmos termos em que foram registradas em meu diário de campo (serão feitos uns pequenos ajustes e acréscimos). Espero que com estas duas descrições o leitor possa apreender algo da atmosfera que paira durante esta atividade.

18/11/2011 — hoje, sexta-feira, liguei para Mara, e perguntei-lhe se haveria ensaio do coral e, em caso afirmativo, se eu poderia participar. Ela me respondeu que haveria ensaio e que, quanto à minha participação, achava que não tinha problema algum. Eu queria assistir a um ensaio do coral, pois minhas atividades de campo estavam se resumindo a ir às reuniões de terça-feira e aos GDs, reuniões mais abertas. Desde o início de minha pesquisa, com a informação de que as reuniões de quinta-feira eram mais “fechadas” (em que pese serem sempre anunciadas na “literatura” que o NVC às vezes distribui), optei por não pedir para participar delas, para não invadir em demasia a privacidade de meus interlocutores de pesquisa. Pelo mesmo motivo, não fui às reuniões no Teatro de Arena. As do coral, aparentemente um pouco mais abertas que as de quinta-feira, se mostraram uma boa alternativa para que eu complementasse meu material de campo.

Após me despedir de Mara, liguei para Ranna. Celular fora de área. Então liguei para Sara, e ela me disse que eu poderia ir ao ensaio.

Antes que o relógio marcasse 12 e 30, eu cheguei ao local do ensaio. Já havia uns 10 enevécistas — todos conversando nas imediações da porta da Sala de Corais. Uma vez que em todo meu campo eu não havia tido com eles qualquer contato mais profundo que um mero aceno (e olhe lá), decidi não abordá-los, e esperar pelo início da reunião ou por

algum envecista com que eu já tivesse um contato maior. Fiquei sentado na borda do canteiro, distante poucos metros do local de reunião.

Logo Sara chegou ao ambiente, e, após cumprimentar algumas pessoas, veio em minha direção. Cumprimentou-me, e começamos a conversar. Coisas sobre meu “sumiço” das atividades do NVC (ao que respondi que era devido à minha “reclusão” para estudar para a seleção de doutorado), e sobre o “sumiço” dela, devido, depois eu ficaria sabendo, ao fato de ter deixado a liderança do evangelismo (para Luan, como já vimos) e de estar bem ocupada com os afazeres acadêmicos. Após mais uns minutos de conversa, é chegada a hora do ensaio.

Mais ou menos às 12 e 35 os envecistas começaram a adentrar a sala. Sara me convida para entrar. Dentro da sala os envecistas se sentam nas cadeiras, que formam uma espécie de quadrado sem um dos lados (ver figura 02).

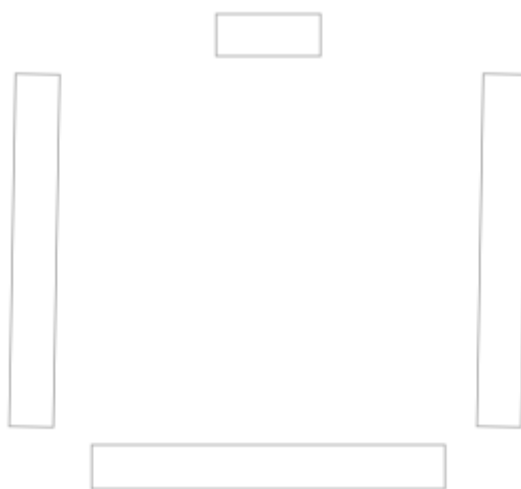


Figura 02: representação dos locais ocupados pelas cadeiras onde se sentam os membros do coral (os três retângulos maiores) e pelo piano e a cadeira do regente (o retângulo menor)

Sara me oferece uma cadeira próxima à porta. Sento-me, e logo me deu conta do quão quente é a sala dos corais. Como muitas salas do ICC, esta não tem janelas nem condicionador de ar, nem ventilador. As aberturas da sala, além da porta, se resumem a pequenas entradas circulares de ar, mais próximas ao teto. Talvez por isso a porta da sala

tenha ficado praticamente todo o tempo aberta, em que pese o barulho que vinha do corredor do Minhocão.

Além dos itens que já descrevi, a sala ainda tinha alguns armários, outro piano, duas escrivaninhas com cadeiras, computadores e material como canetas, papéis, cliques, etc. Nas escrivaninhas estavam duas pessoas, provavelmente funcionários da UnB, mexendo em seus computadores.

Antes de começar, chegaram mais alguns envecistas. Em minha cadeira, comecei a registrar em meu *e-reader* (e em minha memória) o que acontecia à minha frente.

De início o regente perguntou aos presentes se eles tinham alguma coisa para dividir com os demais. “Dividir”, aqui, conota o compartilhar de alguma reflexão bíblica e/ou relacionada à fé cristã. Nada tem a ver com o momento dos avisos, sempre presente nas atividades.

Algumas pessoas *dividiram* alguns versículos bíblicos com reflexões. Depois, com todos de pé, houve uma oração, no formato para mim já habitual: uma pessoa ora em voz alta, enquanto as demais o fazem ou para si mesmos ou com sussurros quase inaudíveis, com a cabeça ligeiramente inclinada para baixo.

Após esse momento, começou o ensaio propriamente dito, com uma sessão de alongamento. De um jeito bem brincalhão, o regente Gilberto convocou os presentes para alongar os braços, e todos os alongaram. Depois, sempre sob o comando de Gilberto, os envecistas alongaram os pés, primeiro um, depois outro, e, por fim, os dois ao mesmo tempo. O regente então pediu que todos pulassem, e foi prontamente atendido. Durante essa “atividade física”, todos riam frequentemente, pois o regente coordenava o alongamento em tom bem jocoso, e alguns envecistas, entrando no clima de gracejo, parodiavam os alongamentos, o que era outro elemento em favor do riso.

O primeiro exercício musical, digamos assim, foi um exercício vocal. Tinha por base a execução de algumas notas no piano, pelo regente, notas essas que ora iam das mais graves às mais agudas, e ora destas àquelas. Estas notas eram solfejadas (“cantadas”) pelos envecistas. Depois, o regente começou a executar no piano uma sequência de acordes que me pareceu um tanto engraçada, e pediu aos presentes para cantarem uma

música cuja letra consistia no repetir incessante do verso “eu não sei cantar”. Todos cantaram e riram, até o pesquisador. Deixando a atividade ainda mais descontraída, o regente pediu para que todos caminhassem pela sala cantando uns para os outros os mesmos versos. Os risos se multiplicaram.

Gilberto pediu então para os enevécistas se agruparem em quatro grupos. Cada qual ficou encarregado de solfejar uma sequência de notas (diferente para cada grupo), o que foi feito pelos grupos ao mesmo tempo. O resultado foi uma sobreposição de sons, uma “harmonia”.

Este foi o aquecimento do ensaio. Depois os enevécistas começaram a cantar uma música, ao som do piano, e prosseguiram de música em música até o fim do ensaio.

Durante o ensaio fiquei ali no mesmo canto sentado. Em determinado momento, com alguns minutos de atraso, Mara chegou e veio falar comigo. Minutos depois se juntou ao ensaio.

Enquanto o ensaio ocorria, algumas pessoas pararam à porta para observar. Neste dia, contei três observadores. Dois mal chegaram à porta e já saíram; o terceiro ficou ali na porta acompanhando o ensaio por cerca de 10 minutos.

É anunciado o fim do ensaio às 12 e 50, e o regente pergunta se alguém quer dar algum aviso. Um dos enevécistas, Alan (estudante de Engenharia Florestal), avisou aos presentes que sua igreja fará um impacto evangelístico no município goiano de Águas Lindas de Goiás (localizado no Entorno do DF), e que será disponibilizado um ônibus para levar os interessados em participar da ação evangelística. Outro enevécista, desconhecido para mim, disse aos colegas que o Fire Universitário fará uma vigília no Centro Universitário UDF e que os enevécistas interessados poderão participar. O regente, finalizando a sessão de avisos, perguntou quem havia trazido o dinheiro para pagar as camisetas do NVC (o coletivo mandou confeccionar camisetas para o grupo; os interessados em ter uma devem pagar R\$ 15,00); falou também das atividades do NVC na semana seguinte e fez rápidas referências a um projeto audiovisual, que na hora eu não ouvi muito bem. (Em entrevista com Ranna, ela me disse que se trata de um videoclipe que o regente estava preparando para o coral do NVC. Aproveitando que teria que fazer um projeto audiovisual como trabalho final para o curso de Comunicação Social, esse

enevecista optou por fazer um videoclipe com o Oásis cantando a música “Humanidade” da Banda Rara.)

Para fechar de vez a atividade, mais uma oração, conduzida por uma moça em voz alta e pelos demais mais introspectivamente. Nessa hora, percebendo que o barulho que vinha do corredor atrapalhava a oração, Alan foi até a porta e a fechou. Terminada a oração, ele tornou a abri-la.

No pós-reunião teve início um momento de conversação, em frente à sala.

21/11/2011 — hoje, segunda-feira, fui a mais um ensaio do coral. Desta vez, quebrando minha habitual pontualidade, cheguei atrasado (devido a justas razões acadêmicas), e perdi o início da atividade.

Quando cheguei, não havia ninguém cantando. Os envecistas estavam agrupados em alguns grupos: 4 círculos pequenos com pessoas sentadas; 2 círculos pequenos com pessoas em pé. Os grupos estavam em momento de oração. Oração silenciosa (proferida em voz baixa ou em pensamento; de onde eu me localizava, não foi possível precisar). Além desses grupos, havia um outro ligeiramente destacado dos demais, em que quatro ou cinco envecistas conversavam.

Resolvi aproximar-me desse último grupo, cumprimentando brevemente os envecistas, entre os quais Mara, meu principal contato no coletivo (uma “informante privilegiada”, diria um antropólogo do período clássico da disciplina). Ela logo se virou pro meu lado, e começamos a conversar. Perguntei-lhe sobre o ensaio do coral, e ela me disse que nas segundas-feiras há um “momento maior” de oração, e que não sabia se os envecistas já haviam ensaiado, pois tinha chegado ali quase naquele instante. Ela então se vira para os demais colegas do grupo da sociabilidade, e pergunta-lhes se o coral já havia ensaiado. Todos disseram não saber, pois também tinham chegado há pouco tempo. Ao que parece, esse grupo que não participava da oração era composto de pessoas que, tendo chegado atrasadas, não quiseram juntar-se aos envecistas que já estavam em oração (talvez para não os atrapalhar).

Mara e eu conversamos ainda sobre algumas coisas, entre as quais a camiseta que o NVC ia confeccionar. Sobre este assunto, ela me disse que os interessados deveriam pagar R\$ 15,00 reais até, salvo engano, sexta-feira daquela semana. As camisetas, prosseguiu Mara, serão usadas em um impacto que o NVC fará na semana seguinte.

Nesse momento vi Camila e Luan conversarem próximo do corrimão do lado norte. Não sei se eles já estavam lá desde o início. Camila trazia em suas mãos uma prancheta com um papel. Eu fiquei sabendo depois que o papel trazia o nome dos envecistas que encomendaram a camiseta do NVC e traziam uma “check mark” no nome das pessoas que já haviam pagado os R\$ 15,00 reais.

Minutos depois, Luan veio falar comigo. Cumprimentou-me e perguntou que curso eu fazia, ao que respondi naturalmente Antropologia. Conversamos mais um pouco sobre esse assunto. Depois ele me perguntou se eu queria encomendar uma camiseta do NVC, ao que respondi que ainda não sabia.

O momento de oração cessa, e tem início o ensaio. Todos que estavam ali — à exceção de mim e de um rapaz que estava em um dos grupos de oração — foram ao centro do mezanino, onde Gilberto, o regente, estava com um violão.

Fiquei encostado ao corrimão do lado norte olhando e ouvindo o que acontecia. Então uma das meninas me convidou para entrar no círculo para cantar, e logo outra fez o mesmo (“vamos, vamos, não precisa ter vergonha”). Como resposta, eu lhes disse em tom brincalhão: “não, não. Não sei cantar, e, além disso, não conheço as músicas”. Luan chegou a meu lado (ele ainda não havia ido para o círculo que se formava no centro daquele espaço) e me disse: “no começo eu também ficava com vergonha. Vinha e ficava só olhado”. Ou seja, ele me colocou na mesma posição que um dia ele assumiu: a de novato no NVC, o que me fez pensar que talvez ele não soubesse que eu estava ali como pesquisador. Quando ele me perguntou se eu desejava encomendar a camiseta do NVC, eu também pensei a mesma coisa. Eu recebi a autorização da liderança para pesquisar o NVC, e várias pessoas sabiam do meu propósito. Mas o grupo é grande. É perfeitamente possível — e bem provável — que existam muitos envecistas que não sabiam dos meus propósitos ali. Luan talvez fosse um deles. Cordialmente, recusei-me mais uma vez a tomar parte no coro. Luan logo se juntou ao grupo, e eu me sentei em uma cadeira próxima ao corrimão norte.

O ensaio começou com o coral cantando “eu não sei cantar”. As notas dessa canção, disse-me outro dia a líder geral, são boas para aquecer a voz. Por esta razão, o ensaio quase sempre começa com ela.

Terminado o aquecimento, começaram a cantar as músicas do repertório do coral. Desse ponto em diante não registrei muita coisa. Ao término das músicas (não chegaram a cinco), teve o momento dos avisos, no formato já relato no outro ensaio, e a oração final. Esta foi feita pelo regente. No pós-atividade, alguns envecistas permaneceram no lugar conversando.

2.5. *Impacto evangelístico*

Durante todo meu trabalho de campo, participei de apenas um impacto evangelístico, o do dia 08 de junho, o primeiro realizado em 2011. O segundo, dia 01/12/2011, eu não pude acompanhar, pois havia viajado para participar de um congresso de antropologia. Os dois últimos — realizados em 08 e 09/12/2011 — foram idealizados e organizados poucos dias antes, razão pela qual eu só soube deles “em cima da hora” e, por isso, não pude participar.

O impacto consiste em uma atividade voltada à evangelização, como já disse mais para o início deste capítulo. Mas não é uma atividade qualquer de evangelização. É uma atividade geralmente concebida pelos atores que a executam como de “grandes proporções”, e que mobiliza muitas pessoas em várias subatividades e estratégias de evangelização. O impacto é uma evangelização, como me disseram, “impactante”; é um evento, segundo as palavras de um ex-líder do NVC, “no qual a gente tem a oportunidade ESCANCARADA de evangelizar as pessoas na cara dura (do jeito que Jesus gosta!)”¹⁰³. Os do NVC e os de outras organizações têm o mesmo objetivo, mas o molde de cada impacto é muito diferente um do outro. Como me disse a líder geral (Ranna, entrevista, 21/11/2011), há igrejas que fazem impacto apenas com louvor e “palavra”; outras, que gostam de usar teatro ou convidar bandas “de fora” para tocar; outros grupos ou igrejas fazem impactos apenas com “palavra” e distribuição de “literatura”, e assim por diante.

¹⁰³ Fonte: <http://nvc.ipidocruzeiro.org.br/>. No site, o texto citado está grifado em itálico.

Os impactos do NVC em geral mobilizam muitas ações evangelísticas, mas não há um corpo fixo de ações. Segundo o depoimento da líder geral, elas mudam muito de um semestre para outro. Explicando a mudança, ela evoca, entre outras coisas, o “direcionamento” de Deus, fundamental para a tomada de decisão no NVC, como vimos no Capítulo I.

Para transmitir uma ideia mais viva de um impacto enevécista, fornecerei um relato de minha participação no impacto de 08/11/2011, puxando em alguns momentos alguns fios temáticos que considero importantes na vida do coletivo. Remeterei o leitor, ainda, a algumas informações sobre os demais impactos de 2011, tal como me foram relatos, com o objetivo de tornar minha apresentação a mais completa possível.

08/06/2011, quarta-feira — o impacto deste dia foi preparado ao longo de algumas semanas. O evento que dura em torno de duas horas, é idealizado e organizado virtual e presencialmente por bastante tempo antes que venha a acontecer. Não tive maiores informações sobre o processo de sua elaboração, até porque quando estabeleci meu primeiro contato com o NVC, o impacto já estava sendo discutido e elaborado. A primeira informação mais direta que recebi sobre a preparação dizia respeito à confecção dos cartazes, o que ocorreu no mezanino norte, a partir das 18 horas, no dia anterior ao impacto.

Os cartazes evangelísticos são elementos sempre presentes nos impactos do NVC na UnB. Na véspera ou mesmo dias antes de o impacto acontecer, grandes cartazes de papel pardo são elaborados e afixados em murais e em paredes da UnB, como que anunciando o vindouro turbilhão de ações evangelísticas do impacto. Os cartazes permanecem afixados não apenas até o fim do evento; em geral, eles ficam meses, até que a administração da universidade (ou alguém insatisfeito com sua presença) os remova. (A título de exemplo, os do impacto de dezembro de 2011 ainda estão afixados, mesmo passados quase dois meses.) Em geral, os cartazes evangelísticos são dispostos na porção superior das paredes do ICC, sempre em um local mais alto do que os murais (ver figura 03). Essa disposição deixa, por um lado, os cartazes mais visíveis, e, por outro, mais protegidos, pois os cartazes afixados nessa parte superior da parede (não apenas os do

NVC), quase já na sobreloja, são menos visados pelas equipes de limpeza da universidade que periodicamente removem cartazes e materiais afins dos murais e paredes da UnB.

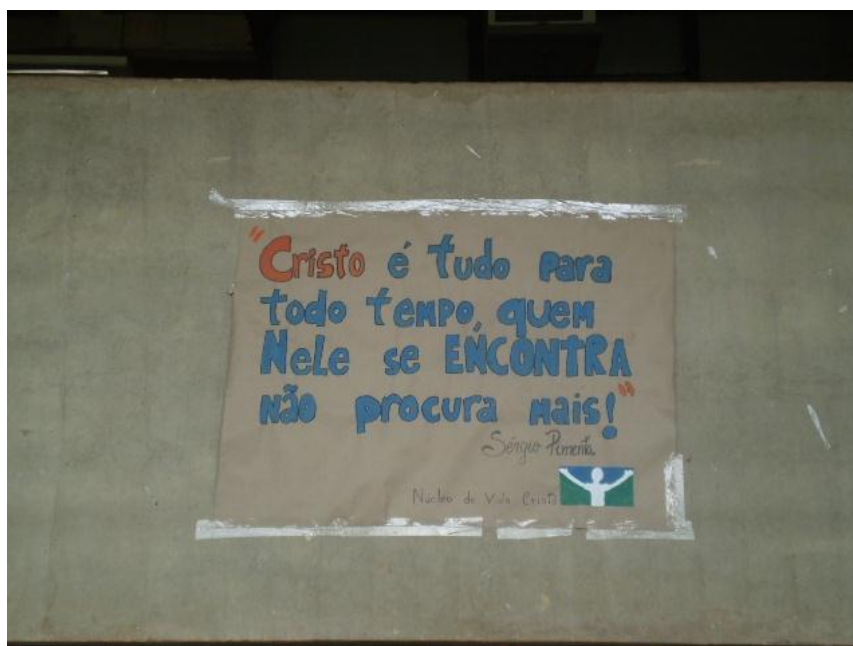


Figura 03: Cartaz evangelístico do impacto de 08/06/2011, afixado na parte superior de uma parede do ICC norte

No dia de realização do impacto, uma quarta-feira, dirigi-me ao mezanino norte, de umas 11 e 20. A concentração para o impacto havia sido marcada para as 11. No mezanino, os enevicistas cuidariam dos últimos detalhes do evento e ao meio-dia dariam início a ele.

Quando cheguei ao mezanino norte, procurei algum semblante conhecido em meio àquelas 20 ou 20 e poucas pessoas. Vi Camila, a moça que moderou o primeiro GD de que participei, e um ou outro rosto familiar.

Aproximei-me dos enevicistas e puxei conversa com uma moça, perguntando por Sara, a então líder de evangelismo, e obtive como resposta que ela ainda não havia chegado, mas que deveria chegar logo. Falamos mais algumas coisas, mais a título de sociabilidade descomprometida com qualquer conteúdo em particular, e logo Luan, que ainda não era da liderança, veio falar comigo. Após os cumprimentos iniciais começamos a conversar sobre o impacto. Ele me disse que este teria 3 pontos de concentração, um no Ceubinho,

outro no Udefinho, e outro na saída da extremidade norte do ICC, e que em certo momento todos os enevécistas se reuniriam no Ceubinho.

Luan se despediu e foi conversar com outros colegas. Sara não tardou a chegar. Cumprimentou-me, mas não entabulou conversa, e saiu antes que eu pudesse ensaiar qualquer pergunta ou comentário mais substancial. Foi logo conversar com alguns enevécistas, provavelmente sobre assuntos relativos ao impacto, já que, por ser líder de evangelismo, era figura fundamental para a realização do evento.

Logo chega Mara, a estudante de história que eu havia conhecido uma semana antes. Com seu jeito loquaz e desinibido, ela veio logo falar comigo. Perguntou-me o que eu estava achando da movimentação, ao que devo ter respondido qualquer coisa mais vaga como “legal”, e se eu já havia visto os cartazes que foram feitos. Disse-lhe que os tinha visto e que estavam bem elaborados. Ela então começou a falar que haviam feito um lindo cartaz com uma citação do Leonardo Boff, disposto na ala norte do ICC.

Começamos a conversar, depois, sobre minhas intenções de pesquisa. A este propósito, Mara começou a falar que, na matéria de História Moderna II, ela havia lido alguns textos sobre Iluminismo e religião, que mostravam, segundo sua leitura, que religião e razão não são auto-excludentes, e começou a falar da importância de fundamentar racionalmente a fé, da apologética cristã, do mandato bíblico de que os cristãos devem mostrar aos não cristãos as bases de sua fé, em uma primeira mostra da forte penetração no NVC das discussões caras à apologética. Entrei na conversa, falando do meu interesse pelo tema, e daí o papo foi caminhando até chegar a modernidade, religião, secularização, antropologia, história, e assim por diante. Conversamos ainda um pouco sobre outras questões, quando nossa conversa acabou bruscamente. Fomos atraídos por um forte barulho que vinha do Ceubinho.

Ali mesmo do mezanino norte, encostados ao corrimão, fomos ver o que estava acontecendo. Logo descobrimos: enquanto conversávamos, alguns enevécistas estavam no Ceubinho, preparando o equipamento de som para a atividade que logo começaria. Nesse momento, chegou ao Ceubinho um grupo de estudantes do Instituto de Artes da UnB, que estava em uma peregrinação por vários pontos do Campus Darcy Ribeiro, protestando contra o suposto descaso da administração da UnB para com esta unidade acadêmica. No Ceubinho, os estudantes pediram um microfone do NVC emprestado, e

usando ele começaram a falar da precária situação do instituto. Esse protesto amplificado pelo equipamento de som do NVC foi o que interrompeu nossa conversa.

Mara e eu nos despedimos, pois ela tinha de juntar-se aos envecistas que naquele momento formavam um grande círculo no mezanino para orar. Devia ter umas 70 pessoas. Fiquei ali perto do corrimão, com os olhos voltados para o círculo que orava pedindo, entre outras coisas, para que a atividade fosse bem-sucedida, e com os ouvidos captando a música que começa a brotar do equipamento de som no Ceubinho (um envecista, Marcos, começou a cantar músicas gospel e tocar violão).

Vendo aquele tanto de envecistas, percebi que muitos deles (quase todos) traziam placas com mensagens evangelísticas junto ao corpo. Umhas placas, as menores, eram feitas com folha A4; outras, as maiores, com folha A3 ou algo equivalente. Alguns poucos envecistas traziam placas com mais de um metro de altura e largura. São as “placas vivas” ou “placas ambulantes”, que costumam integrar os impactos do NVC na UnB.

Após a oração, Sara veio falar comigo. Avisou que os envecistas iriam se espalhar para os três pontos de concentração do impacto (como já disse, Udefinho, Ceubinho e entrada da extremidade norte), e que em cada ponto algumas pessoas fariam um louvor, sempre com equipamento de som. Disse-me ainda que eu poderia ficar à vontade para observar o impacto em qualquer lugar que eu quisesse. Perguntei-lhe, tentando obter uma confirmação do que Luan havia me dito, se haveria algum momento em que todos os envecistas iriam se juntar. Ela confirmou a informação de que o NVC se reuniria no Ceubinho, acrescentando que seria às 13 e 20. Perguntei-lhe se haveria distribuição de algum panfleto, ao que ela me respondeu “sim” e me entregou os três panfletos que seriam distribuídos. Cada qual trazia um pequeno texto sobre Jesus, e, no espaço do rodapé, a logomarca do coletivo, com o horário e local das reuniões de terça-feira.

Fiquei um tempo ali no Ceubinho, observando a apresentação de Marcos, e vi que, embora existissem três núcleos, o impacto era uma atividade bem mais espraiada. Há os núcleos com pessoas fazendo o louvor, junto a um equipamento de som e balões vermelhos, mas também há em suas imediações — e em trânsito por todo o ICC — duplas que buscam evangelizar a comunidade universitária através da entrega de panfletos e, o mais importante, do entabular conversa, se a pessoa abordada demonstrar abertura para isso.

Saindo do Ceubinho, caminhei um pouco em direção à extremidade norte. Aproveitei a ocasião para fazer algumas fotos — todas péssimas, apesar de meus esforços —, e para observar mais um pouco o que acontecia.

Próximo às 13 horas, desci ao subsolo para fazer um almoço rápido e, quase 20 minutos depois, retornei ao térreo pela escada que levava ao Ceubinho, pois queria observar o que aconteceria ali com todos os envecistas participantes reunidos.

Fiquei encostado à parede norte, observando o que acontecia. Continuava a sessão de louvor, capitaneada por Marcos. Mas diferentemente da forma como estava sendo executado antes, ele não louvava sozinho. Participavam do louvor outros envecistas, uns dançando ou cantando, outros batendo palmas ou tocando um segundo violão. Alguns traziam junto ao peito plaquinhas com os dizeres “free hugs”, e vez por outra abordavam algum transeunte que adentrava o Ceubinho, pedindo-lhe um abraço, o que, pelo menos nas vezes que vi, era concedido (não sem alguma hesitação prévia).

De repente, sem cerimônia, o Oásis começou a se apresentar. Cantou, ao todo, cinco músicas, embalado por um violão. Enquanto os membros do coral cantavam e dançavam, e, em alguns momentos, fazia som de percussão usando mãos e pés, os demais envecistas fizeram um grande círculo com algumas aberturas que serviam para a circulação das pessoas pelo Ceubinho. Os envecistas do círculo também participavam da celebração, cada um a seu modo. Cantando, dançando, empunhando as placas, batendo palmas, eles também colaboravam para tornar o evento algo bem notável em meio ao corre-corre do ICC e daquela entrada norte.

Tornar o evento notável é algo fundamental para o impacto, como já disse brevemente páginas atrás. O impacto, como me disse a líder geral, tem de ir aonde as pessoas estão, de preferência em locais de grande movimento. A escolha do Ceubinho para a realização deste impacto tem a ver com isso: por lá passam e permanecem muitas pessoas, o que é ideal para uma atividade evangelística. Mas há um porém. A mesma multidão que é funcional para que se atinja o objetivo do impacto, é também o elemento que faz com que algumas atividades passem despercebidas aos olhos dos transeuntes. Para serem percebidos, os envecistas precisam fazer algo “impactante”. Como certa “seletividade perceptiva” é inerente à experiência dos indivíduos nos aglomerados humanos da grande

cidade (Simmel, 2005) — e o leitor deve notar que o ICC, principalmente em seus momentos de pico (como “na hora do almoço”), funciona como uma rua-corredor aglutinadora da multidão urbana, tão escassa em Brasília (Holston, 1993), e da diversidade típica das grandes cidades (Wirth, 1987) —, os envecistas têm de lançar mão de inúmeras atividades e adereços (balões, cartazes, placas e, em alguns poucos casos, rostos pintados) para que consigam destacar-se em meio à profusão de estímulos sensoriais.

Terminada a apresentação do Oásis, teve início o momento da *palavra*, que me pareceu ser o ápice do impacto. Nesse momento, quase todos os envecistas, à exceção do pregador e de alguns poucos, se sentaram. Também me sentei. Luan, responsável pela palavra, empunhou o microfone e começou a falar aos presentes¹⁰⁴. Durante a palavra, o Ceubinho era usado normalmente pelos transeuntes que, a despeito da atividade, seguiam seu trajeto, geralmente após lançar um rápido olhar àquela atividade não muito usual em um ambiente universitário. Alguns, poucos em relação aos que passam pela atividade, permanecem de pé nas imediações observando. Em alguns momentos da pregação, ouviam-se envecistas dizendo “amém” em voz alta, mais ou menos como acontece em alguns cultos evangélicos durante a palavra, e, nos momentos de maior fervor, ouviam-se gritos de “urru”.

Após esse ato, começou mais um momento de louvor: duas pessoas no violão, e algumas cantando. Enquanto isso, eu continuava sentado. Logo uma envecista, que estava sentada a meu lado, começou a conversar comigo, perguntando-me se eu já conhecia o NVC e o horário das atividades, ao que respondi que estava começando a conhecer. Falei que já tinha ido a alguns GDs e que estava ali porque era um estudante de antropologia a fim de estudar as manifestações religiosas no campus (à época eu ainda não estava completamente decidido a estudar o NVC). Ela me devolveu, como resposta, um simpático “legal”. Depois desse momento, conversamos mais algumas coisas. Ela me disse que era uma das pessoas que registravam as atividades do NVC (em seu caso, através de uma câmera fotográfica). Além dessa envecista que fazia as vezes de fotógrafa, havia uma outra (também fotógrafa), e um outro com uma filmadora. Todos eles — e talvez mais algumas pessoas que eu não vi — cuidaram de registrar o impacto.

¹⁰⁴ O site do NVC traz uma filmagem da pregação de Luan, disponível em: <http://www.nucleodevidacrista.net/index.php/videos.html?view=player&id=42&category=Religious>.

O ato de registrar as atividades do NVC, seja com retratos, seja com vídeos, é uma constante em quase todas as atividades, notadamente as “esporádicas”. De posse desse material, alguns envecistas fazem algumas edições e postam o trabalho finalizado no site da organização e/ou circulam internamente via lista de e-mails ou grupo do Facebook. (No site do NVC há muitas vinhetas e produções afins, além de fotos de muitos eventos.)

A atividade enfim acaba, e tem lugar o tradicional momento de sociabilidade pós-atividade, sobreposto, nesse caso específico, ao trabalho de desmontar e guardar o equipamento utilizado na atividade.

Levantei-me, mas permaneci no Ceubinho, esperando uma oportunidade de falar com Sara. Queria, por seu intermédio, conhecer os demais membros da liderança. Mal havia acabado de formular esse pensamento, e Sara chegou até mim, ladeada por algumas pessoas, alguns da liderança e outros membros mais experientes do coletivo. Fui apresentado a eles, e eles a mim. E começamos a conversar mais ou menos nos mesmos termos descritos na seção “Formatação da pesquisa”, na introdução desta dissertação.

Após essa sociabilidade, todos foram ao mezanino norte. Lá, formando um grande círculo com cerca de 70 pessoas, os envecistas oraram.

Em 2011 aconteceram mais outros três impactos: dois na UnB, e outro na “favela” próxima à UnB, conforme já reporteii várias vezes ao longo deste texto.

O primeiro ocorreu em 01 de dezembro. A ideia do coletivo era realizá-lo tendo como principal ponto o RU, mas não foi possível fazê-lo, pois o NVC não conseguiu obter a autorização da administração da UnB a tempo. Resolveram então que o Ceubinho seria novamente o palco do impacto. A grande atração do impacto seria a apresentação de uma banda gospel de blues liderada pelo líder de evangelismo, Luan. Por motivos que desconheço, a banda não pôde apresentar-se. Mesmo com esses dois contratemplos, o impacto foi realizado. Nesta edição, houve apresentação do Oásiii, pregação, as duplas de evangelismo (atuantes no ICC), louvor, distribuição de “literatura” e os cartazes ambulantes. Como vimos, praticamente nos mesmos moldes do impacto de junho. A diferença, como também já comentei, foi a preparação dos cartazes, cujos conteúdos foram direcionados aos diversos públicos dos cursos da UnB.

Os outros dois impactos foram um tanto improvisados. Até a realização do impacto anterior, não havia planos para fazer um novo impacto. Mas, talvez devido à percepção de muitos envecistas de que o impacto anterior não havia saído como o planejado, a liderança decidiu fazer outros dois, o que foi comunicado aos envecistas dias antes da realização.

O segundo ocorreu em 08/12/2011. Desta vez foi possível realizá-lo no RU. Também foi possível contar com a apresentação da banda de Luan. Além dessa apresentação de blues cristão, o impacto contou com as duplas de evangelização (que atuaram no ICC, nas imediações do RU e no Departamento de Música) e distribuição de “literatura”.

O último impacto foi realizado em 09/12/2011. Foi bem diferente dos impactos realizados na UnB. Em meio àquela “favelinha”, próximo ao campus Darcy Ribeiro, constituída de uns 15 barracos feitos de papelão, lona e materiais e afins — segundo me disse Mara (entrevista, 09/12/2011) — os envecistas se apresentaram com o coral, e depois, em duplas ou trios, foram conversar com as pessoas. Algumas dessas equipes se encarregaram dos adultos; outras, das crianças. Para essas, partindo do princípio de que o evangelismo deve ser feito em uma linguagem compatível com o público a ser atingido, os envecistas contaram a história de Jesus utilizando cores: para cada parte significativa desse enredo, era atribuída uma cor, em uma espécie de estratégia pedagógica para fixar o conteúdo da mensagem evangelística.

Houve ainda distribuição de alimentos, roupas e outros mantimentos.

3. VIVÊNCIA CRISTÃ NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: CONSIDERAÇÕES A PROPÓSITO DO NÚCLEO DE VIDA CRISTÃ

A Universidade de Brasília, lócus de vivência e atuação do Núcleo de Vida Cristã, é um espaço a respeito do qual os evangélicos e cristãos (ao menos os praticantes) demonstram algumas reservas e censuras. Já vimos algo disso ao longo da dissertação, especialmente na seção “Objetivos e razão de existência do NVC” do Capítulo I. Nela, mostrei como o NVC-Instituição representava seu campo missionário, um campo necessitado de intervenção urgente. Os depoimentos dos envecistas parecem se coadunar com essa visão “institucional”, pintando a UnB como um espaço bastante discrepante em relação aos modos de pensar e agir normatizados pelo evangelho. Nesse espaço universitário haveria muitas pessoas que não acreditam em cristo e haveria práticas não afinadas ao estilo de vida cristão: “festas meio loucas”, consumo de drogas, trotes violentos e humilhantes, jovens que destroem suas vidas — práticas, enfim, que fariam da UnB um “espaço de trevas”, como colocou um envecista em uma questão do *survey*.

A UnB seria uma encarnação do “profano”, categoria analítica geralmente usada para se referir às coisas “reais” ou “ideais” que teriam uma natureza completamente heterogênea em relação ao que é “sagrado” (Durkheim, 1996, p. 24). As coisas sagradas, convém lembrar, seriam “aquelas que as proibições protegem e isolam”, e as profanas “aquelas a que se aplicam essas proibições e que devem permanecer à distância” das sagradas (op. cit., p. 24). O NVC teria como uma das características o atuar em um espaço profano, ou *mundano*, para usar o termo geralmente empregue pelos evangélicos; o de ser “igreja” — em certo sentido bíblico¹⁰⁵ — em espaço *hostil* ao sagrado. Esta seria uma marca dos coletivos, clubinhos e demais organizações (paraeclesiásticas ou não) que agem continuamente em meio universitário, o que a meu ver merece ser discutido. Os envecistas estão cotidianamente em um ambiente que, como muitos me disseram, põe em xeque constantemente sua fé. Como é viver a fé em um espaço desses? Como é ser cristão *na* UnB? O presente capítulo terá por função lançar alguns feixes de luz sobre essa questão.

¹⁰⁵ “No Novo Testamento, o mesmo termo [igreja] aplica-se ao ajuntamento dos fiéis, num determinado lugar, para adorar a Deus, fortalecer a comunhão cristã e desenvolver o serviço cristão (Fm 2).” (Andrade, 1998, p. 182).

3.1. Resistências e “preconceito”: “universidade não é lugar para religião”

Ser cristão na UnB não é fácil. Ao menos é o que diz a maioria de meus interlocutores enevécistas. Os cristãos e o cristianismo são atacados por inúmeras frentes: em sala de aula; quando realizam suas atividades culturais ou evangelísticas; e nas relações cotidianas no espaço do campus.

Muitos me disseram que são alvo de discriminação ou preconceito. Indagados no *survey* sobre como é ser cristão na Universidade de Brasília, muitos apontaram isso. Um dos respondentes afirmou que “da mesma forma que outros grupos dizem sofrer discriminação o mesmo acontece conosco”, e que “muitas vezes somos vistos com maus olhos e [...] discriminados”.

Na segunda entrevista que fiz com Sara, quando ela já havia deixado a liderança da pasta de evangelismo, ela me deu versão afim à deste respondente anônimo. Segundo sua visão, os cristãos da UnB não são tão respeitados, e há, de fato, discriminação. Mas ela pondera, dizendo que não acha que esse preconceito seja “intolerância para com os cristãos e o NVC”, pois eles podem falar que são cristãos, colar cartazes, etc. (Sara, entrevista, 21/11/2011, Brasília).

Esse tratamento aos cristãos parece se dever ao fato de que muitos na UnB partilham a percepção de que “universidade não é lugar de religião”, visão que parece incidir diretamente sobre a atuação dos cristãos que, mesmo na universidade, insistem em demonstrar sua fé e realizar atividades relacionadas a ela.

Sara me que disse que as pessoas na UnB “estranham muito” quando são abordadas pelos enevécistas que saem na universidade evangelizando as pessoas. A razão do estranhamento seria o fato de a atividade evangelística do NVC quebrar certa “cultura do silêncio em relação à religião”, vigente principalmente na universidade. É como se as demais pessoas aceitassem perfeitamente a existência dos religiosos, com a condição de que não externem suas posições religiosas. Assim, não raro os evangelizadores deste coletivo ouvem, quando indagam os transeuntes sobre qualquer assunto “religioso”, respostas/protestos do tipo “universidade não é lugar para falar de religião, é lugar para falar de ciência” (Sara, entrevista, 21/11/2011, Brasília).

Essas respostas surgiram não apenas em algumas abordagens individuais, mas também quando o NVC realizava algumas de suas atividades, principalmente as voltadas para o evangelismo, como o impacto. Sara me disse que, durante impactos na UnB, já houve vários casos de estudantes passarem gritando “universidade não é lugar para isso” (op. cit.). Durante a pregação de Luan, no impacto de 08/06/2011, ele também afirmou que já ouviu protestos dessa estirpe. O opositor havia lhe dito que “a universidade não é lugar de Deus”, que isto era metafísica, e que na universidade eles tinham o conhecimento. A resposta que Luan deu foi que Deus estava em todos os lugares, mesmo na universidade, e que protestar contra a entrada de Deus na universidade seria arrogância.

A que atribuir essa vaga opositora à atuação do NVC na universidade? Não tenho condições de oferecer uma resposta exaustiva a essa questão. Um elemento, contudo, eu posso apontar: a concepção de que universidade não é lugar para religião (o que fundamenta a oposição ao NVC) costuma se assentar na afirmação de que ela é “laica”. Regida pelo princípio da laicidade, a universidade teria o dever de despojar-se de qualquer elemento religioso. Isso foi bem colocado por Sara, na primeira entrevista que fiz com ela, quando ela me disse que, quando os enevicistas saíam para evangelizar, eles às vezes ouviam que “a universidade é laica” (Sara, entrevista, 21/06/2011, Brasília). A líder geral, Ranna, por sua vez, me relatou que anos atrás uma das reuniões do NVC foi alvo de um grupo de estudantes que portavam cartazes afirmativos da laicidade da UnB e da inadequação das reuniões do NVC nesse espaço.

Mas que laicidade é essa? Este princípio, que “caracteriza as sociedades modernas ocidentais”, “reside na separação entre o poder político e o poder religioso, que está na própria origem e consolidação do Estado moderno” (Oro, 2008, p. 211-3). Laicidade, que não deve ser confundida com “secularização” (“a idéia de exclusão do religioso do campo social”), “designa a maneira pela qual o Estado se emancipa da referência religiosa”, apontando para a separação “do temporal e do espiritual e não para a eliminação total da religião da sociedade” (op. cit., p. 214). Esta é uma definição erudita. Mas creio que ela pouco nos diz a respeito do modo pelo qual a “laicidade” é evocada para contrapor-se à vivência do Núcleo de Vida Cristã na Universidade. Aqui, pouco importam tais modelos, bem como as normas jurídicas. O que é de fato importante no contexto etnográfico de que me ocupo é ver o que as pessoas “fazem” com a laicidade, o modo como este

princípio é metaforizado, apropriado e mobilizado em suas relações¹⁰⁶. Os poucos dados a que tive acesso parecem indicar que se trata de uma “laicidade”, segundo a qual símbolos e práticas associados a “religião” devem ser excluídos do espaço geográfico e social da UnB, mesmo que não tenham qualquer endosso da (ou vínculo com a) administração da universidade.

Sobre esse tema da “laicidade” enquanto fator que embasa posturas opositoras ao NVC, um episódio merece ser mencionado, por mostrar a mesma disposição: a religião deve ser eliminada da UnB (mesmo na internet) por causa do princípio da laicidade. Essa trama teve por arena a comunidade da Universidade de Brasília na rede social Orkut. A comunidade não é “oficial”, isto é, não foi criada pela universidade nem é reconhecida por ela como um fórum institucional. A despeito disso, essa comunidade (criada por um ex-aluno) passou a ser, para muita gente, um dos únicos (ou talvez o único) espaços de grande amplitude onde as questões da universidade podem ser debatidas. Nesta comunidade há hoje mais de 31.000 inscritos; na época do incidente de que vou tratar, mais de 28.000.

Foi uma grande controvérsia que durou algumas semanas, em agosto de 2009. Motivo: a comunidade do NVC havia sido listada no rol de “comunidades relacionadas” da comunidade da UnB por seu dono, um ex-estudante da UnB cristão. O espaço das “comunidades relacionadas” é geralmente usado para listar comunidades afins ou parceiras, ou qualquer uma cujo tema seja de alguma forma importante para a comunidade. Este ato de administrar da comunidade da UnB desencadeou uma torrente de protestos, segundo Sara motivados pelo fato de que isso estaria ferindo a laicidade da universidade. Por ocasião dos protestos contra essa decisão — aos olhos de muitos, arbitrária e atentatória à democracia que deveria imperar nesse espaço virtual — muitos usuários iniciaram o que, segundo minha informante, fora um “bombardeio” contra o NVC, que foi chamado de uma série de alcunhas consideradas pelos envecistas (e por muitas outras pessoas da comunidade) como ofensivas e ultrajantes, não só ao coletivo como também à própria fé cristã. O Núcleo também foi acusado de intolerante (em termos religiosos), principalmente por em seu site afirmar que a UnB era um “deserto” com um sincretismo hostil. Foi uma discussão complexa e tumultuada, da qual

¹⁰⁶ Uma abrangente discussão sobre laicidade, secularização e temas afins pode ser encontrada em Giumbelli (2002b).

infelizmente só retive alguns trechos¹⁰⁷. Mesmo sem poder reconstituir o fio da controvérsia, listo alguns argumentos, com o fim de mostrar ao leitor algo do tom que imperava nesse conflito no ciberespaço. Do lado dos apoiadores da remoção da comunidade do NVC surgiram depoimentos como: 1) “é ridículo associar a UnB ao catolicismo/cristianismo”; 2) “Não há dúvida de que a comunidade deve ser laica e não apresentar nenhum vínculo — mesmo que sutil — com qualquer religião”; 3) um estudante, contrapondo-se ao argumento de que o dono poderia fazer com a comunidade da UnB o que ele quisesse, respondeu: “se o dono da comunidade quer fundar um feudinho só pra fundamentalistas como ele, ele que crie, mas não use o nome de uma universidade pública e laica no processo. A comunidade é dele? Bem, depende... O logo da UnB pertence a ele? O nome da UnB pertence a ele?”. Do outro lado, argumentou-se, por exemplo: 1) “Quanto ao NVC, por que não deixá-la como comunidade relacionada? Laicamente falando, é só uma agremiação de alunos da UnB, tendo inclusive mais relação com a universidade do que outras comunidades relacionadas que ali existem”; 2) “A comunidade da UnB no Orkut não pertence à UnB e sim aos seus criadores que a fizeram pensando na comunidade da universidade, que embora seja laica, não pode proibir seus alunos de manifestarem sua fé, muito menos num ambiente virtual sem a menor ligação oficial com a instituição”.

3.2. A fé na berlinda: ataques ao cristianismo dentro e fora de sala de aula

Estar na Universidade de Brasília é, para o cristão envecista, ter sua fé frequentemente confrontada. Esta foi a característica da vivência cristã universitária mais apontada por eles. Com tonalidades diferenciais, muitos deles me relataram o que é ser cristão em um ambiente que a todo o momento insiste em negar esse caractere fundamental para o modo pelo qual os envecistas concebem seu ser. Um dos envecistas anônimos respondeu no questionário online que não é “simples” ter suas ideias frequentemente confrontadas, e que a todo instante eles se deparavam com pessoas que tentavam colocar sua fé à prova ou negar o cristianismo. Um outro afirmou que “a todo momento somos testados em nossa fé”, e um terceiro que “muitas vezes, nós cristãos somos questionados

¹⁰⁷ Tomei conhecimento dessa querela na primeira entrevista com Sara. Ao chegar em casa, acessei a comunidade da UnB em busca dos vestígios dessa discussão, mas só achei alguns tópicos, os quais geralmente estavam “mutilados”, ou seja, neles faltavam alguns comentários, o que fez com que muitas conversas se tornassem em grande medida ininteligíveis. A ausência desses comentários se deve ao fato de que quando um usuário exclui sua conta, o Orkut apaga todos os comentários que ele fez no perfil de outros usuários e nas comunidades.

e criticados”. Esse turbilhão de questionamentos muitas vezes faz com que a pessoa se enfraqueça na fé, mesmo que ela discorde de tudo que lhe é contraposto, disse-me um enevicista.

Os questionamentos ocorrem dentro e fora de sala de aula. Vêm de alunos ou mesmo de professores. Um dos momentos críticos para o cristão enevicista são as aulas, principalmente em seus momentos de debate, o que acontece em geral nas aulas de alguma das matérias das ciências humanas *lato sensu*¹⁰⁸.

Conforme depoimento de Sara, nas aulas de ciências exatas a questão da religião nunca tem lugar. Todavia, conforme indicação que será feita mais à frente, questionamentos podem surgir da parte de alunos fora do contexto das aulas. Nas ciências humanas, a situação é bem diversa: “o pessoal de humanas tem a fé atacada sempre”; “os [professores e alunos] das humanas e sociais são mais hostis [à fé cristã]” (op. cit.).

De maneira geral, os cursos de ciências humanas — e mesmo as matérias de ciências humanas que são ofertadas em cursos de ciências exatas — seriam um “calvário”, para usar uma metáfora bíblica bastante cara aos cristãos. E esse sentimento não é exclusivo dos enevicistas. É geral. A existência de um livro chamado *O cristão e a sociologia* (1996) parece ser sintomática do quão complicada é a relação das humanidades com o cristianismo. A julgarmos por sua sinopse¹⁰⁹, neste livro o sociólogo cristão David Lyon tenta mostrar que não há razões para os cristãos ficarem desnorteados com a sociologia e mesmo perderem a fé. Ainda na mesma linha de evidências, semanas atrás acesso a comentário de um cristão que evidenciava o mesmo tormento de estar em uma faculdade de ciências humanas. No Facebook, circulou entre muitas pessoas a matéria da jornalista Eliane Brum intitulada “A dura vida dos ateus em um Brasil cada vez mais

¹⁰⁸ O texto base utilizado na 7ª Consulta Nacional de Evangelismo Universitário, realizado em 2011 na UFMG, também diagnostica algo similar para o viver cristão na universidade. Segundo este documento, a vida do cristão no campus é “um grande embate”. Diz ainda que “O primeiro confronto que o cristão recebe no ambiente universitário é o intelectual” (Santos, 2011). O ex-líder da Campus Crusade for Christ, Bill Bright, teria dito dos alunos cristãos que assistem a aulas na universidade que “They’re bombarded and blasted with all kinds of atheistic teaching from the classroom”, e que por isso “they need help, or they’ll end up like tens of millions, going their own way, doing their own thing, ruining their own lives” (McMurtrie, 2001).

¹⁰⁹ Não tive acesso ao livro, que já se encontra esgotado há muito tempo.

evangélico¹⁰⁰". Ao lê-la, o cristão a que me referi comentou, propondo um exercício de deslocamento do olhar, que os jornalistas bem poderiam "fazer uma matéria sobre a outra face da moeda: a dura vida dos teístas nas faculdades de filosofia e ciências sociais". Para finalizar a lista de evidências, evoco um texto de um importante encontro de evangelização universitária (Santos, 2011). Comentando o quão desafiadora é a vida cristã na universidade e em sala de aula, seu autor afirma que o estudo de nível superior expõe "educacionalmente os crentes aos ensinamentos de [alguns] pensadores e filósofos ateus, agnósticos ou céticos que formulam críticas ferrenhas contra Deus e a Igreja, como é o caso de Voltaire, Nietzsche, Bertrand Russel, David Hume, Michel Foucault e outros". Como o leitor pode ver, todos os "responsáveis" pelos ensinamentos heréticos são das ciências humanas.

O peso de conviver em meio às humanidades pode se dever, ao menos parcialmente, ao perfil das pessoas que cursam ciências humanas. Não tenho dados exaustivos sobre isso. Minha vivência universitária convincentemente me diz que nas ciências humanas estão os mais infensos ao cristianismo e os mais abertos a crenças e estilos de vida que poderiam ser rotulados de "contraculturais". Dados da pesquisa *Religião e esoterismo, práticas místico-esotéricas e atitudes políticas entre estudantes universitários*, apresentados e discutidos por Franz Höllinger, também sugerem algo que se coaduna com a minha percepção de "nativo" no ambiente universitário. Ele mostra que os estudantes de ciências sociais e artes da UnB, representantes da área das ciências humanas, têm grande afinidade com práticas esotéricas, enquanto que os das ciências técnicas e naturais o têm menos. A importância dessa constatação reside no fato de que, como ele mesmo mostra, "a participação em atividades esotéricas anda lado a lado com as atitudes políticas contraculturais, a participação em protestos políticos e o liberalismo moral" (Höllinger, 2003, p. 68-77), elementos, eu poderia acrescentar, que estão nos antípodas do etos cristão predominante¹⁰¹.

Um dos envecistas que responderam ao *survey* afirmou que um dos problemas da torrente de críticas que recebem é que nem sempre lhes é dado o direito de serem

¹⁰⁰ Matéria disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/noticia/2011/11/dura-vida-dos-ateus-em-um-brasil-cada-vez-mais-evangelico.html>.

¹⁰¹ Outro fator que merece ser levado em conta é o "relativismo", categoria frequentemente evocada pelos envecistas como um dos grandes desafios à sua vivência acadêmica. A esse tema eu dedicarei uma seção no presente capítulo.

ouvidos, o que impossibilitaria o estabelecimento de um verdadeiro debate. Sara, em nossa segunda entrevista, acusou um problema desse mesmo gênero: seria difícil ter um verdadeiro debate, pois os cristãos e enevécistas não teriam seus argumentos reconhecidos simplesmente pelo fato de portarem um status cristão. Com suas palavras: “há professores que não estão abertos para ouvir qualquer coisa que a gente fale, por mais que seja o seu pensamento, o seu raciocínio, só porque você é cristão” (Sara, entrevista, 21/11/2011, Brasília). Por ser cristão, esclarece ela, seu argumento é colocado como “não válido”.

A ex-líder de evangelismo nessa mesma entrevista me contou um caso ocorrido no segundo semestre de 2011, que ilustraria o que ela acabara de me dizer. Uma enevécista, estudante de direito, estava em uma roda de discussão em sala de aula que tinha como tema a “legalização do uso da maconha” bem como as drogas lícitas e ilícitas em geral. Em certa altura da conversa, o professor perguntou aos alunos se consumiam bebidas alcoólicas e ainda a razão pela qual eles as consumiam ou não. A enevécista, que havia dito não ingerir bebidas alcoólicas, teria respondido algo considerado como “cristão” pelo professor, e este teria agredido verbalmente a estudante e dito que “aquele argumento não era válido, porque ela falava aquilo por causa da religião”. A reação dessa moça cristã foi chorar em sala de aula (Sara, entrevista, 21/11/2011, Brasília).

Além de não terem os argumentos levados a sério — segundo avaliação nativa, simplesmente por serem cristãos —, os enevécistas, segundo a visão de Sara, têm de aturar em sala de aula ensinamentos equivocados que são “impostos” a eles “como verdade” (op. cit.).

Os questionamentos à fé cristã também são levados a efeito fora de sala de aula. Como disse Sara: “aqui na universidade [quando estamos reunidos] sempre passam pessoas falando 'Deus não existe, não, Deus é um delírio'” (Sara, entrevista, 21/11/2011). Segundo ela, isso teria acontecido “umas quatro ou cinco vezes” nos dois anos e meio em que ela estava no NVC.

Os ataques ao NVC são sempre feitos por “pessoas”, nunca por coletividades (Sara, entrevista, 21/06/2011, Brasília). Talvez isso se deva à postura comedida que o Núcleo tem em relação à “política no campus”. Este coletivo cristão/protestante não se envolve em discussões que em geral mobilizam vários coletivos estudantis da UnB: homofobia,

machismo, eleições para DCE, presença da polícia militar no campus, entre outras. Mantém uma postura de abstenção, porque são questões controversas que não são consensuais sequer entre os envecistas. Para manter a unidade do coletivo, abster-se dessas querelas parece ser à liderança a melhor escolha. Seus membros são, contudo, livres para posicionarem-se da maneira que desejarem, desde que não ostentem a identidade “NVC¹¹²”.

As mais constantes afrontas à fé cristã e ao NVC são os ataques a seus cartazes, presa costumeira de seus opositores. Em geral, são queimados e/ou rasgados (ver as figuras 04 e 05). As principais “vítimas” são os afixados nos murais, acessíveis a qualquer pessoa de estatura “média”. Os cartazes dispostos na parte superior da parede, como já disse em outras partes desta dissertação, são menos visados pelos opositores, provavelmente devido ao fato de não serem tão facilmente alcançáveis.

¹¹² Esse é um etos hegemônico no NVC: não envolver-se em questões políticas e polêmicas. Mesmo reconhecendo a existência de coletivos na UnB que empunham bandeiras, a seu ver, contrárias aos princípios cristãos, o NVC opta por não entrar no embate. Como me disse Sara em nossa primeira entrevista: “Quando há os ‘beijaços’ no Ceubinho, a gente geralmente ora aqui em cima, pelas pessoas que estão lá embaixo, [pedindo:] ‘Senhor, dê direcionamento pra elas, abençoe elas’. Mas algumas pessoas [do NVC] já se posicionaram [frente a esses protestos], já fizeram cartazes dizendo ‘eu discordo de você, mas eu te amo’, e colocaram lá embaixo [no Ceubinho]. Mas foram pessoas individuais do NVC. Nós, enquanto grupo, não queremos bater de frente com essas pessoas” (Sara, entrevista, 21/06/2011, Brasília). Na escala da “política nacional”, o NVC adotou a mesma postura abstencionista quanto a um dos eventos que mais mobilizaram os evangélicos em 2011: a reunião de dezenas de milhares de evangélicos na Esplanada dos Ministérios em Brasília para protestar contra o Projeto de Lei 122/2006, que visava a criminalizar a homofobia. Após discutir a questão em sua lista de e-mails, o coletivo optou por manter-se neutro. Vários envecistas, enquanto cidadãos e cristãos, participaram do protesto, sem alardear o nome do coletivo. A título de contraponto, o movimento Fire Universitário adotou uma postura completamente diferente da do NVC, ao mobilizar suas bases para o protesto e nele defender ostensivamente sua posição através, entre outras coisas, de uma faixa com vários metros de comprimento (cf., <http://fireuniversitario.wordpress.com/2011/06/03/universitarios-contra-pl-122/>). Sobre o PL 122 e a Frente Parlamentar Evangélica, cf. Duarte T., 2011.



Figura 04: restos de um cartaz do NVC que anunciava a realização dos grupos de debate

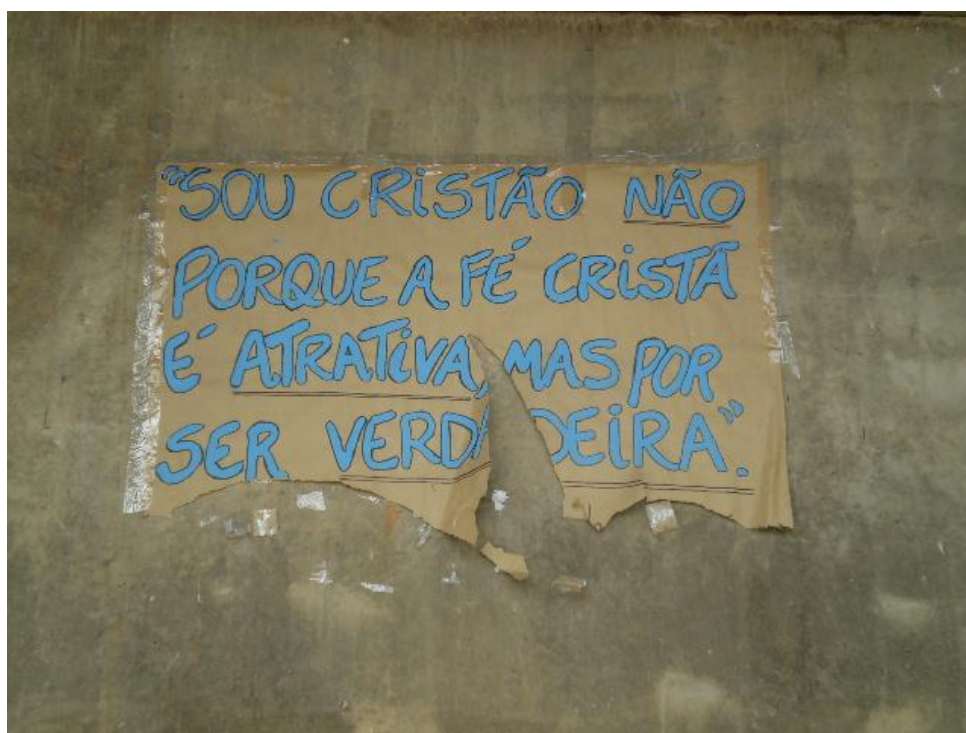


Figura 05: cartaz evangelístico do NVC parcialmente rasgado.

Quando não são rasgados, queimados ou deixados como estão (o que, apesar das resistências, é o mais comum), os cartazes do NVC servem de suporte material para que os detratores registrem mensagens escarnecendo ou questionando/negando o

cristianismo (“isso é mentira”, “não é verdade”, “quem é Jesus?”). Os enevécistas, por sua vez, às vezes respondem às mensagens dos opositores, iniciando assim um diálogo de ataques e defesas entre lados crentes e descrentes.

Ser alvo de questionamentos e todas essas resistências é algo que causa desconforto ao cristão/enevecista. Como um enevécista escreveu em uma das questões do survey: essas resistências (em especial os ataques aos cartazes) fazem “doer um pouco o coração”. Mas as resistências também têm tonalidades positivas, segundo alguns depoimentos. A razão para isso é que, racionalizam, as resistências são indícios de que a palavra de Deus tem chegado a seu alvo. É melhor sofrer resistências, concluem, do que ser alvo de indiferença, a qual é lida como inexistência de comprovação de que a mensagem evangelística tem sido certa. De acordo com as explicações de Sara, o real problema seria se as pessoas lessem os cartazes, e este ato de leitura nada fizesse com elas; realmente problemático seria se as pessoas fossem “insensíveis à palavra de Deus” (Sara, entrevista, 21/06/2011, Brasília). Mara, por sua vez, me disse não achar ruim que as pessoas rasguem os cartazes, pois isso é uma confirmação de que a mensagem chegou aonde deveria chegar (Mara, entrevista, 19/07/2011). Esta interpretação dos ataques externos é bastante comum entre os evangélicos, e encontra eco, por exemplo, em outras organizações missionárias universitárias. A postura da norte-americana Campus Crusade for Christ quanto às controvérsias em que frequentemente se encontra parece se coadunar bem com a lógica que preside a avaliação “positiva” que enevécistas concedem às resistências sofridas. Segundo Beth McMurtrie (2001), “The group [Campus Crusade for Christ] doesn’t shy from controversy”, pois concebe que “Anger is preferable to indifference”.

3.3. Universitário, mas cristão

Há muitas décadas atrás, o sociólogo da “Escola de Chicago” Everett Hughes chamou a atenção para os dilemas e as contradições de status em uma “sociedade” como a norte-americana (1945). Nela “certain statuses have developed characteristic patterns of expected personal attributes and a way of life” (p. 353). As pessoas, continuava o sociólogo, “carry in their minds a set of expectations concerning the auxiliary traits properly associated with many of the specific positions available in our society” (p. 354). Não é forçoso perceber que esse padrão é válido mesmo para o Brasil contemporâneo,

em que o status de universitário geralmente se associa a uma série de expectativas, na qual quase nunca há lugar para um qualificativo religioso como “cristão” ou “evangélico”.

“Mas você é cristão?”, “mas você é evangélico?”, essas são perguntas muito familiares aos envecistas. E elas são sempre colocadas com espanto, porque na mente das pessoas — para continuar nos termos de Hughes — o ser cristão e o ser evangélico não são traços auxiliares do status de universitário, notadamente se estiverem postos de maneira ostensiva. A vivência na Universidade de Brasília é para o envecista ter de suportar a imputação alheia de que é portador de status contraditórios.

A líder geral, Ranna, relatou-me que no curso de Matemática, no qual está matriculada, as pessoas são muito céticas quanto a Deus, e que quando ela se posicionou como cristã, ainda em seu primeiro semestre, surgiram questionamentos no tipo: “como assim? Você está na universidade e fazendo matemática, e acredita em Deus?”. O resultado de assumir-se cristã foi que “olhares atravessados surgiam o tempo inteiro” ¹³ (Ranna, entrevista, 14/07/2011, Brasília). Sara, por seu turno, me disse que o fato de “estar em uma universidade e ser cristã” gerava incômodo para muitas pessoas, e que para essas pessoas, “se você está na universidade, se você estuda, se você sabe sobre filósofos e estudiosos, e ainda assim acredita em Deus, isso é uma grande contradição”. A contradição estaria ligada ao julgamento não-cristão de que à medida que o estudante se aprofunda nos estudos, ele deixa de lado a crença em Deus, disse-me Sara (Sara, entrevista, 21/06/2011, Brasília).

3.4. Jamais seremos pós-modernos¹⁴: a peleja envecista em favor da “verdade” em uma universidade relativista

Ser cristão/enevecista na UnB é navegar por um ambiente cheio de pessoas que desprezam o que talvez seja a coisa que o cristão mais preza: a “verdade”. Os envecistas vivem em um ambiente universitário em que frequentemente ouvem que “a verdade não existe” e que “tudo é relativo”. Na Universidade de Brasília, principalmente nos cursos de

¹³ Não obstante, as aulas de matemática não parecem suscitar comentários que possam soar ao cristão “questionador” de sua fé.

¹⁴ Como o leitor familiarizado com a antropologia já percebeu, o título dessa seção é uma referência ao livro *Jamais fomos modernos*, de Bruno Latour (1994).

ciências humanas, essas parecem ser (segundo a leitura enevécista) duas máximas amplamente esposadas. Elas seriam marcas do estágio societário em que vivemos: a sociedade pós-moderna “de valores relativizados”, para usar as palavras do enevécista que “deu a palavra” em uma reunião de terça-feira em julho de 2011¹⁵.

Segundo esse discurso “pós-moderno”, seria perfeitamente “normal” o ato de crer “ao mesmo tempo em tudo”. O problema para o cristianismo se tornaria claro: se não há “verdade absoluta”, se “tudo é relativo”, e se se pode crer em qualquer coisa ou em várias coisas contraditórias ao mesmo tempo, os pilares dessa religião seriam solapados.

Os enevécistas não estão sozinhos nessa avaliação. A ideia de que as universidades e o mundo sucumbiram a uma cultura pós-moderna em que não há espaço para a verdade é partilhada também por outros movimentos universitários de evangelização e por escritores apologetas cristãos.

O prefácio do influente livro de apologética *Não tenho fé suficiente para ser ateu* (Geisler, Turek, 2006) traz uma explicação bastante clara sobre a pós-modernidade que tanto é infensa ao evangelho¹⁶. Segundo ele, a cultura pós-moderna apresentaria “uma série de ideias sobre a verdade”, entre as quais a de que “a verdade e a moralidade são relativas” e a de que “não existe essa coisa de verdade absoluta”. “Para a elite intelectual que domina as nossas universidades e os principais meios de comunicação”, continua o autor do prefácio, “essas idéias são consideradas sábias e progressistas”. Sua interpretação desse cenário é a de que “a verdade é uma vítima de nossa cultura popular”, e que se “a verdade desaparece, a autoridade do evangelho diminui, porque o evangelho diz tudo sobre a

¹⁵ O termo pós-modernidade, donde deriva a predicado “pós-moderno”, teve origem no campo da arquitetura, mas logo se estendeu a outras áreas (Peters, 2000, p. 15). O responsável por sua popularização foi o filósofo francês Jean-François Lyotard, o qual o utilizou em um sentido mais filosófico e epistemológico. Conforme a síntese de Anthony Giddens (1990, p. 2): “As he [Lyotard] represents it, post-modernity refers to a shift away from attempts to ground epistemology and from faith in humanly engineered progress. The condition of post-modernity is distinguished by an evaporating of the ‘grand narrative’ — the overarching ‘story line’ by means of which we are placed in history as beings having a definite past and a predictable future. The post-modern Outlook sees a plurality of heterogeneous claims to knowledge, in which science does not have a privileged place”. Um desses *grand narrative*, segundo Marshall (1998, p. 512), seria o mito da verdade, que “has been rendered incredible by the skeptical thoughts of historians and philosophers of science”. O uso que os enevécistas fazem da noção de pós-modernidade é certamente fruto de uma série de algumas metaforizações a partir de uma fonte conceitual difícil de ser precisada.

¹⁶ O livro é um best-seller da apologética nos anos 2000. É, além do mais, uma das fontes literárias mais citadas pelos enevécistas.

Verdade” (Limbaugh, 2006¹⁷). O já citado texto da 7ª Consulta Nacional de Evangelização Universitária, por exemplo, cita e endossa o seguinte diagnóstico sobre os pretensos ataques dos centros de ensino ao cristianismo: "Nos colégios e nas faculdades, adolescentes cristãos são atacados intelectualmente por todas as formas de filosofias não cristãs, unidas com um relativismo avassalador" (Craig, 2010, p. 29 apud Santos, 2011). Como um último exemplo, cito o relato que consta de uma apostila sobre a vida cristã no campus, elaborada por um pastor evangélico doutor em sociologia. Em *O cristão e a universidade*, Valberth Veras (s. d.) afirma que na universidade o cristão encontrará muitas “cosmovisões”, entre as quais a “pós-moderna”. Para ilustrar essa noção, ele simula um debate entre professores, a partir do qual é possível depreender algumas afirmativas condizentes a uma mentalidade pós-moderna (algumas das quais bastante alinhadas à definição de Lyotard): 1) A proposta moderna de objetividade, de progresso, de razão que leva à felicidade, e de neutralidade científica não se sustenta; 2) a razão tem levado o homem para o caos; 3) a ciência não é confiável; ela é movida por interesses e não é objetiva; 3) as "metanarrativas" ou as "grandes propostas de explicação do mundo" não existem mais, e a "vida é sem sentido"; 4) não há utopias e verdades únicas; o que há são "as verdades", pluralismo e bricolagem de crenças; 5) vivemos em um “multiverso” em que somos todos pós-modernos.

Frente aos que seriam os principais componentes dessa era pós-moderna, os envecistas adotam uma postura de afirmação da lei da não-contradição, da “metanarrativa” cristã e da “verdade”.

Ciosos da necessidade de contraporem-se à vaga relativista, os envecistas realizaram um impacto evangelístico, no primeiro semestre de 2009, em que um dos panfletos defendia a existência da “verdade”, embasado no já citado livro de Norman Geisler e Frank Turek, *Não tenho fé suficiente para ser ateu* (2006). A reação ao panfleto, segundo Sara, foi em geral de ceticismo (“a galera ficou: ‘ah, a verdade não existe’”), manifesto especialmente pelas pessoas das ciências humanas.

A postura envecista de enfatizar a existência da verdade e, mais, a veracidade do cristianismo seria concebida pelos não-cristãos como “intolerância”, disse-me Sara. Para ela isso seria um grande absurdo. Segundo essa minha informante, há uma deturpação

¹⁷ O exemplar consultado não apresenta numeração, razão pela qual eu não a insiro na referência.

da noção de “intolerante”, que passa a ser rótulo para qualquer pessoa que não aceite a validade de todas as crenças e religiões, o que para ela seria uma contradição, pois há ideias que não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo (ela me disse que não há como, por exemplo, conceber que cristianismo e islamismo são ambos válidos, pois a validade de um implica a negação de alguns elementos que sustentariam a validade do outro). Até o ato evangelizador do envecista, continua Sara, seria visto como “intolerância”, pois teria como objetivo provar que as demais crenças estariam erradas, o que, segundo minha entrevistada, não seria verdade, pois o objetivo do evangelismo seria mostrar a verdade cristã, não a falsidade dos outros credos. A conclusão de que os demais credos são falsos seria consequência “natural” do fato de a pessoa conhecer a verdade cristã.

3.5. Vivência no NVC em contraposição a uma vivência “atomizada”

O que tudo isso significa para a vivência dos envecistas? Para abordar este último tópico, devo recorrer a uma estratégia contrastiva de exposição. Isso porque o que me parece mais importante na vivência dos envecistas só se mostrará ao leitor através de um contraste com outra modalidade de vivência cristã: a que eu aqui chamo de vivência “atomizada”. Como seria, então, a vivência de um cristão atomizado no espaço da universidade tendo de receber uma série de estímulos — como vimos ao longo deste capítulo — que claramente vão de encontro à sua fé?

Muitos são os tipos de cristão, o que faz com que muitas sejam as “respostas” a tal ambiente hostil. Uma delas, em geral válida para os cristãos mais atuantes (os católicos e evangélicos “praticantes”), é um certo sentimento de “deslocamento” ou, como me disse uma entrevistada, de ser “peixe fora d’água”. Deslocados nesse ambiente, e ciosos por escapar de prováveis preconceitos, muitos cristãos tendem a manter uma postura inerte quanto a sua fé, e tendem a não aflorar sua identidade cristã, fazendo sua crença cair na vala da invisibilidade. A religião — tomando emprestada a expressão de Regina Novaes (2001, p. 281) — tornar-se-ia, assim, o “indizível” em um espaço de secularismo e ciência.

Os envecistas, por sua vez, têm uma vivência bem menos “deslocada” e mais ostensivamente cristã/evangélica, a despeito das resistências de que são alvo. Tudo se passa como se o fato de estarem associados os ajudasse a não ter que guardar apenas para si a dimensão cristã de seu ser enquanto estão na universidade. A comunhão que desfrutam no NVC faz com que eles se sintam mais fortes para suportar as pressões da

universidade. No dia a dia da UnB, eles têm um local onde podem falar de sua fé e exercitá-la através dos ritos que integram muitas de suas atividades. Nessa vivência cristã universitária eles podem observar os preceitos de vida cristã bem mais facilmente do que se estivessem atomizados. No Núcleo de Vida Cristã os envecistas têm muitas amizades internas à “comunidade de fé”, e podem afiar seus argumentos nas sessões do GD, atividade com forte perfil apologético, e assim defender sua fé nesse espaço que a ataca de inúmeras formas.

Para encerrar este capítulo e ilustrar algo do contraste que fiz nos últimos parágrafos, remeto o leitor a alguns depoimentos de envecistas.

Ranna, a líder geral, me disse achar que se estivesse “sozinha” sem pessoas com quem compartilhar a fé ela se sentiria “muito coagida” e talvez até “guardasse minha fé só para mim e passasse o resto do curso sem falar aos outros de Deus”. Ele me disse ainda que em seu primeiro semestre, quando ainda não conhecia o NVC, ela sentia “coação”. O ingresso neste coletivo significou para Ranna um “grande presente de Deus” que fez com que ela reafirmasse sua fé (Ranna, entrevista, 14/07/2011, Brasília). Sobre sua participação no NVC, ela comenta: “Eu encontrei aqui ajuda para realmente dar a cara a tapa e falar “eu creio em Deus, e você pode até me olhar de cara feia e tal, mas eu continuo crendo em Deus”. Foi muito bom pra mim” (op. cit.).

Já Sara me disse que no primeiro mês e meio de graduação, quando ainda não conhecia o NVC, ela se sentia “deslocada na universidade por não ter momento para falar muito de” sua fé. No NVC, ela tem a oportunidade de falar de sua fé, o que é vital, segundo sua visão, para “quem acredita em qualquer coisa”, porque se “você não pensar no que você acredita, em algum momento isso vai acabar” (Sara, entrevista, 21/07/2011, Brasília).

Por fim, Fernando, participante do NVC e do Focados no Amor Maior, relatou-me que quando não se engajava nos dois coletivos cristãos ele se esquecia de “observar algumas coisas cristãs” na universidade. Estando associado a outros cristãos, ele passou a “lembrar” aquilo que ele “já sabia e havia esquecido” porque só convivia com universitários não cristãos (Fernando, entrevista, 12/12/2011, Brasília).

4. AMIZADE E CIRCULAÇÃO INTERDENOMINACIONAL

O Núcleo de Vida Cristã não se constitui apenas enquanto coletivo criado e mantido para atingir os objetivos de ordem espiritual que animam sua existência. É também um importante locus de “amizades”. Como me disse o líder dos GDs, “o NVC é *bem* amizade” (Moabe, entrevista, 06/07/2011, Brasília). E é companheirismo, comunhão, convívio lúdico, encontros e lazer, que têm lugar por ocasião das atividades ou por iniciativas próprias, dentro e fora da UnB, no período letivo ou durante as férias, no face a face ou no ciberespaço.

As amizades nesse coletivo cristão, embora geralmente sejam concebidas como secundárias em relação a outros objetivos mais elevados (sintetizados no termo “trabalhar para o Reino de Deus”), têm sua importância.

4.1 Núcleo de amizades cristãs

Já em meu segundo dia de campo, havia percebido que se tratava de um coletivo composto não apenas de estudantes cristãos que frequentavam e/ou preparavam um “serviço religioso”, mas também de “amigos” que estão ali não apenas para a realização em sentido estrito das atividades. Terminado o grupo de debate desse dia, voltei à minha sala e registrei o seguinte comentário em meu diário de campo: “eles [os participantes do GD] parecem ser bastante amigos. As conversas não são tímidas e formalizadas, como geralmente o são entre pessoas que não se conhecem bem; são conversas, a meu ver, características de pessoas que já se conhecem há algum tempo”. Mais à frente, no mesmo registro, coloquei que “todos aparentavam estar bastante à vontade uns com os outros”.

Em nossa primeira entrevista, a líder geral relatou-me que o coletivo “gera um grupo de amigos muito grande”, e que tinha ouvido muitas histórias sobre pessoas que anos atrás eram do NVC e ainda hoje conservavam algumas amizades enevécistas (Ranna, entrevista, 19/07/2011, Brasília). Escrutinando o site da organização, ainda nesse estágio inicial da pesquisa, eu encontrei um depoimento de um antigo membro que falava, em seus termos, que nesse coletivo cristão “a gente cria uma rede de amizades muito grande”, e que por isso ele conhecia pessoas de quase todas as igrejas de Brasília.

Segundo seu testemunho, um dos legados que o NVC lhe deixou foi “uma dezena de amigos eternos”¹⁸.

Não apenas o NVC é um importante núcleo de amizades. Para muitos envecistas, ele parece ser o mais importante no espaço da UnB. Mara me disse que a maioria dos amigos com quem ela pode “contar” está nessa organização religiosa (Mara, entrevista, 19/06/2011). Incitado por essa evidência, eu passei a colocar para meus entrevistados uma questão mais ou menos nos seguintes termos: “dos cinco melhores amigos que você tem na UnB, algum é do NVC? Se sim, quantos?”. Todos os que me responderam apontaram que dos cinco todos ou a maior parte eram do NVC. No *survey*, decidi estender a pergunta (ligeiramente modificada) para os demais envecistas. Após inquiri-los nos seguintes termos: “Pense nos três maiores amigos que você tem na Universidade de Brasília. Agora responda: quantos desses fazem parte do NVC?”, obtive o resultado que se segue: o maior percentual de envecistas (36,4%) respondeu que todos os três maiores amigos eram do NVC. Logo abaixo, 25% responderam que dois dos três melhores amigos na UnB eram do NVC, e 22,7% que apenas um. A opção “Nenhum” foi escolhida por 15,9% dos respondentes. Isso mostra que para muitos envecistas o NVC não apenas é um importante locus de amizade, mas onde eles podem encontrar seus “melhores amigos” no campus.

Algumas categorias de envecistas, como sugerido pelo parágrafo anterior, parecem ter mais amigos no NVC (a julgar pela quantidade de “melhores amigos”) do que outras. Os dados de que disponho — particularmente os do questionário — parecem sugerir que a importância do NVC (em termos de amizade) é proporcional ao tempo de participação no coletivo. Ou seja, quem se juntou há mais tempo ao NVC tende a ter nele um maior locus de amizade. Para chegar a essa conclusão eu estratifiquei meus dados em duas categorias: a dos que ingressaram no coletivo em 2010, e a dos que o fizeram apenas em 2011. Estes seriam os “mais novos”; aqueles, os “mais velhos”. Dos “mais novos”, apenas 18,2% afirmaram que todos os três melhores amigos que tinham na UnB eram do NVC; da ala dos mais experientes, 53,3%. Além do fator “tempo de NVC”, a participação na liderança também parece significativa quanto à amizade. Meus dados mostram que aqueles que assumem ou já assumiram um papel de liderança no NVC tendem a fazer do

¹⁸ Fonte: <http://www.nucleodevidacrista.net/index.php/caca-aos-dinossauros/57-testemunhos/78-unidade.ht ml>.

Núcleo um espaço mais importante para as amizades do que aqueles que não fazem nem fizeram parte da liderança. Destes, 29% disseram ter todos os seus três melhores amigos no NVC; em relação àqueles, esse índice vai a 75%.

Há algumas razões para que Núcleo de Vida Cristã assuma uma posição central para as amizades dos envecistas no campus. A primeira delas, Mara diz, é o convívio que eles têm uns com os outros (Entrevista, 14/07/2011, Brasília). No NVC, como vimos no Capítulo II, seus integrantes participam de muitas atividades — atividades que acontecem com grande frequência, dentro e fora da UnB. Estão juntos horas e horas, praticamente todas as semanas do período letivo e mesmo nas férias. Além disso, é uma convivência que costuma durar anos, pois o “enevecista médio” ingressa no coletivo nos primeiros meses de sua carreira universitária¹⁹ e geralmente permanece ligado a ele até o fim de seu vínculo estudantil. Além do convívio, um ponto relevante ressaltado pelos envecistas são as afinidades, em termos de frequência a certos locais, propósitos, gostos, etc.

A importância do convívio e da afinidade é ressaltada, segundo os envecistas, diante do fato de a UnB não ter “turmas fixas”, característica brevemente mencionada no Capítulo I. Em geral, fazer graduação na Universidade de Brasília não é uma experiência que proporcione ao aluno dezenas de amigos que vão passar durante quatro, cinco ou seis anos as mesmas experiências educacionais que ele. Isso ocorre porque nesta instituição há uma grande flexibilidade quanto à composição das matérias cursadas em cada semestre. Cada curso tem um fluxo com matérias obrigatórias, optativas e “livres”, dispostas nos semestres que idealmente o curso deve ter. Mas tratam-se de fluxos bastante flexíveis, que permitem rearranjos por parte do aluno. O aluno pode optar por cursar algumas disciplinas em semestres diferentes dos previstos no fluxo, o que é facilitado porque muitas disciplinas não são “pré-requisitos” para outras nem têm outras disciplinas como “pré-requisito”. Além disso, muitas matérias são disponibilizadas em muitas turmas, o que permite ao aluno optar por turmas diferentes das de seus colegas

¹⁹ À exceção do estudante de Engenharia Mecânica Fernando, todos os meus entrevistados me disseram ter ingressado no Núcleo de Vida Cristã já em seus primeiros meses na universidade. No *survey*, após cruzar as datas de ingresso dos envecistas na UnB e no NVC, cheguei praticamente ao mesmo resultado. Alguns exemplos: dos que ingressaram na UnB no primeiro semestre de 2008, 71,4% se juntaram ao NVC ainda neste ano; dos que ingressaram na UnB no segundo semestre de 2009, 57,1% se juntaram ao coletivo nesse mesmo semestre; por fim, dos que iniciaram sua jornada universitária no segundo semestre de 2010, 77,8% ingressaram no NVC nesse mesmo semestre.

de curso e semestre (uma matéria como Cálculo I, disse-me Ranna, é ofertada em mais de 10 turmas todos os semestres). Resultado: o conjunto de alunos que iniciou determinado curso em dado semestre tende a dispersar-se diante de tantas possibilidades. Por terem uma convivência mais volátil do que a que teriam se estivessem engrenados em “turmas fixas”, tendencialmente os estudantes não conseguem muitos amigos em seu curso¹²⁰.

Esse foi um tópico que surgiu espontaneamente durante as entrevistas. Mara foi a primeira a chamar a minha atenção para isso, quando me disse que a flexibilidade da composição de matérias na UnB fazia com ela não tivesse um contato tão prolongado com os estudantes de seu curso (História). Essa condição, segundo seu julgamento, dificultou a formação de amizades endogâmicas à turma. Falando de seu caso, ela me disse que dos estudantes que iniciaram com ela o curso de História, apenas cinco continuavam a ser seus parceiros nas disciplinas (Mara, entrevista, 19/07/2011).

Indagada a esse respeito, Ranna me disse em essência o mesmo que Mara. A cada semestre ela elencava as matérias que ia cursar (“cada semestre eu fazia meu próprio semestre”), e com isso pôde conhecer muitas pessoas. Mas, dado o pouco convívio, não chegaram a se tornar realmente amigas (Ranna, entrevista, 21/11/2011). Ela me explica então que, ao contrário dessa vivência parcial que tinha com os colegas em sala de aula, ela passava “a grande parte do tempo [...] dentro do NVC”. Em sala de aula, ela estava ao lado de “pessoas variadas a cada semestre”; no NVC, porém, em relação “com pessoas constantes”. “Então”, conclui a envecista e estudante de Matemática, “a relação de constância no NVC fez com que eu estivesse mais próxima dessas pessoas do que das pessoas do meu curso” (Ranna, entrevista, 21/11/2011).

Fernando, para encerrar os exemplos, disse-me reconhecer a mesma característica na UnB, mas ponderou que, a despeito dela, as pessoas de um mesmo curso e semestre tendem “a andar mais juntas”, pois existem as “janelas” (momentos livres em que não há aula) que podem ser utilizadas pelos estudantes para o convívio. Apesar dessa avaliação,

¹²⁰ Embora geral, este esquema não é válido para toda a Universidade de Brasília. Nos *campi* mais recentes, muito menores espacial e estruturalmente que o Darcy Ribeiro, o aluno não dispõe de toda essa “liberdade”. Mesmo no Campus Darcy Ribeiro, há exceções. Os alunos da Faculdade de Ciências da Saúde, segundo Ranna, não têm muitas opções de matérias, o que faz com eles estejam em sala de aula durante a graduação praticamente com o mesmo conjunto de pessoas.

quando Fernando fala de seu próprio caso ele transparece que, mesmo com as “janelas”, a dispersão da turma torna difícil a convivência: ele me disse que, embora tenha cursado todas as matérias no segundo semestre de 2011 no curso de Engenharia Mecânica (do qual é estudante), “encontrou” em sala de aula apenas três colegas de sua turma, e que por isso nesse período ele esteve distante de seus amigos de curso¹²¹.

Por todos os fatores listados, e reiterando o que já escrevi, os envecistas cultivam suas amizades no seio do próprio grupo, o que, cá entre nós, não chega a surpreender quem esteja minimamente familiarizado com a literatura especializada ou mesmo com a vida em meio a cristãos praticantes. Já é lugar comum afirmar que os evangélicos têm a “comunidade de fé” como principal fonte de amizades (Mendonça, Velasques Filho, 1990, Machado, 1996, Rocha, 2010). Alguns estudos especializados enfatizam em linhas gerais que, com a conversão, o fiel ingressa em uma “família de fé”, que com o tempo vai se tornando, por excelência, o seio da verdadeira amizade, do companheirismo e do saudável amor entre homem e mulher, resultando no atamento de namoros e casamentos entre irmãos de fé. Os evangélicos tendem a estar entre irmãos de fé, antes de tudo, por necessidades de ordem espiritual. Em minha pesquisa de graduação junto a fiéis de uma denominação neopentecostal, eu mostro, por exemplo, que na luta de seu processo conversional o fiel é admoestado a libertar-se das relações, dos espaços e do lazer associado às “pessoas do mundo”, aquelas cuja vida é destituída da presença de Deus, senão poderá cair com maior facilidade nas armadilhas do Diabo (Rocha, 2010). Em geral, essa postura se fundamenta em alguns preceitos bíblicos, que são lidos como orientação para que o fiel evite as “más associações”. Isso fica claro, por exemplo, em uma passagem do já citado texto-base da 7ª Consulta Nacional de Evangelização Universitária (Santos, 2011), em que se lê que as más associações (definidas como a amizade “com pessoas destituídas de propósito e perspectiva de vida, [sic] os quais estão mais preocupados em 'curtir' a vida por meio da sexualidade hedonista, consumo de álcool e drogas”) são um dos fatores que levam o universitário a deixar sua fé. Buscando resguardar-se, o fiel tende a evitar as amizades seculares¹²².

¹²¹ Outro fator que parece ser relevante para a presente discussão é relativa baixa participação dos envecistas em outras coletividades, as quais poderiam, tal como o NVC, servir de espaço de relações relativamente estáveis. Como vimos no Capítulo I, apenas 27% dos envecistas participam de outros coletivos.

¹²² Há todavia entre alguns evangélicos e católicos praticantes um senso que os empurra na direção contrária (na direção do estabelecimento de amizade com pessoas “do mundo”). Nesse caso tais amizades são vistas como uma maneira de evangelização. Mas essa orientação não é hegemônica.

A “família de fé” para o crente médio costuma ser composta pelas pessoas de sua igreja. No NVC, como já deve estar claro, a família de fé é composta de pessoas de inúmeras igrejas — igrejas de vários matizes, localizadas em vários pontos do Distrito Federal e mesmo de estados vizinhos.

Em um coletivo interdenominacional como o NVC, portanto, a “família de fé” e as amizades que nela têm lugar são em grande medida interdenominacionais. Esta é uma distintividade do NVC em relação à experiência de evangélicos e católicos praticantes que orbitam sua vida religiosa coletiva em torno de uma igreja.

Quais as implicações deste tipo de amizade? Antes de abordar esse ponto, que deverá fechar este capítulo, convém tratar de algumas práticas e comportamentos associados ao vínculo de amizade. Convém tratar, no presente caso, do que a amizade “faz” com os envecistas.

4.2. Encontros

Amizade é um termo que denota muitas coisas. Segundo uma definição geral induzida de algumas obras da literatura das ciências sociais sobre o assunto, a amizade “é vista como uma relação afetiva e voluntária, que envolve *práticas de sociabilidade*, trocas íntimas e ajuda mútua, e necessita de algum grau de equivalência ou igualdade entre amigos” (Resende, 2002, p. 69, grifo meu). Não obtive uma conceituação minuciosa sobre o termo amizade ou amigo para os envecistas. Alguns me falaram que amigo é aquele com quem se pode verdadeiramente contar; outros, que são aqueles que se preocupam com você, mesmo que estejam longe. Independentemente dos sentidos atribuídos ao termo, uma coisa é certa: a amizade que os enlaça faz com que os envecistas estejam constantemente engajados em *práticas de sociabilidade*. No rol de tais práticas, merecem destaque as situações que poderiam ser nomeadas como “encontros”.

Na medida em que são amigos, os envecistas estão constantemente envolvidos em “encontros”. Em minha entrevista com Moabe, o líder dos GDs, ele me disse que, como são muito unidos, eles “vivem saindo juntos”, a despeito de existir ou não atividade do NVC programada. “A gente se encontra bastante”, disse-me esse envecista, “mas por amizade, não é só projeto [NVC]” (Moabe, entrevista, 06/07/2011).

Os encontros acontecem praticamente todas as semanas, embora nem todos os enevécistas estejam presentes em todos. No *survey* inseri uma questão com o objetivo de saber a periodicidade com que os enevécistas encontravam seus pares em atividades “extra-NVC” (ver Tabela 01). Juntando os enevécistas que responderam “Todas as semanas”, “Quase todas as semanas” e “Uma ou duas vezes por mês”, chega-se a um percentual de aproximadamente 57%.

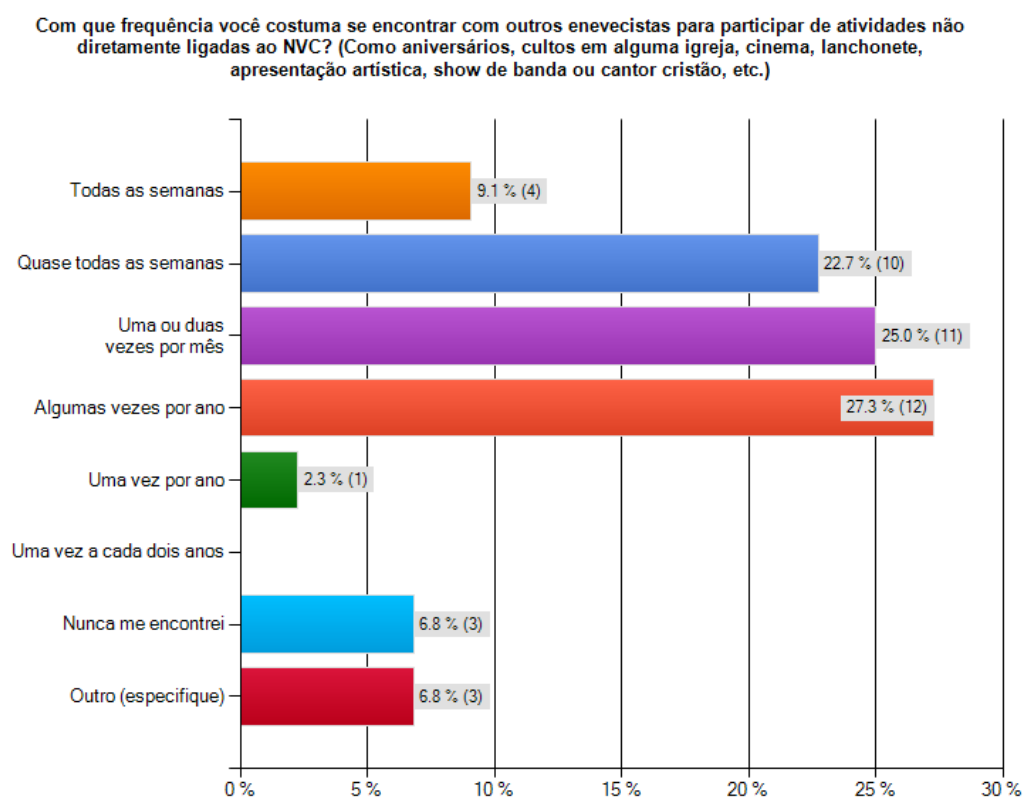


Tabela 01: frequência com que os enevécistas se encontram com outros enevécistas para atividades não diretamente ligadas ao NVC

Os encontros são de muitos tipos: aniversários, cultos nas igrejas dos enevécistas, shows, palestras, viagens, cinema, teatro, etc. Uns são mais abertos (encontros em que são convidados muitos ou todos os enevécistas); outros, mais fechados, envolvendo alguns enevécistas ou subgrupos específicos.

De maneira geral, a internet tem grande importância para o agendamento dos encontros, principalmente nos mais abertos¹²³. Até alguns meses atrás, antes que ela fosse destinada unicamente a assuntos diretamente relacionados ao NVC, a lista de e-mails era bastante usada para o envio de convites, os quais eram enviados por qualquer pessoa cadastrada. Desde o momento em que o grupo no Facebook passou a abrigar as interações “extraoficiais”, os convites passaram a ser formulados lá.

4.3. Circulação ampliada

Após essa pequena digressão sobre os encontros, umas das manifestações mais visíveis da amizade envecista, podemos voltar à questão deixada sem resposta ao término da primeira seção.

Indo direto ao ponto: as amizades interdenominacionais parecem repercutir, pela via dos encontros, em uma maior circulação¹²⁴ interdenominacional dos envecistas. Ou seja, no NVC estes cristãos passaram a “visitar” outras igrejas que não aquela onde estão congregados com maior frequência do que antes de ingressar no coletivo, momento, supõe-se em que não tinham uma experiência interdenominacional tão forte.

No *survey* que os envecistas responderam, eu inseri duas questões sobre o assunto. Na primeira busquei saber a frequência com que o envecista costuma visitar outras igrejas que não a que ele considera “sua”; na segunda busquei saber sobre a visita a outras igrejas quando não fazia parte do NVC (ver tabelas 02 e 03).

¹²³ Os convites de encontros mais fechados geralmente são feitos por telefone, se estiverem envolvidas poucas pessoas, ou pelos perfis individuais dos envecistas no Facebook, se o número de participantes for considerado “médio”.

¹²⁴ Com o termo circulação pretendo denotar a frequência eventual de outras igrejas e denominações. O leitor não deve confundir seu significado com o de “trânsito”, geralmente associado à troca de uma igreja por outra. Sobre o trânsito religioso, cf. Almeida, 2010.

Atualmente, com que frequência você costuma visitar outras igrejas? [Refiro-me a igrejas que não sejam a(s) em que você se congrega]

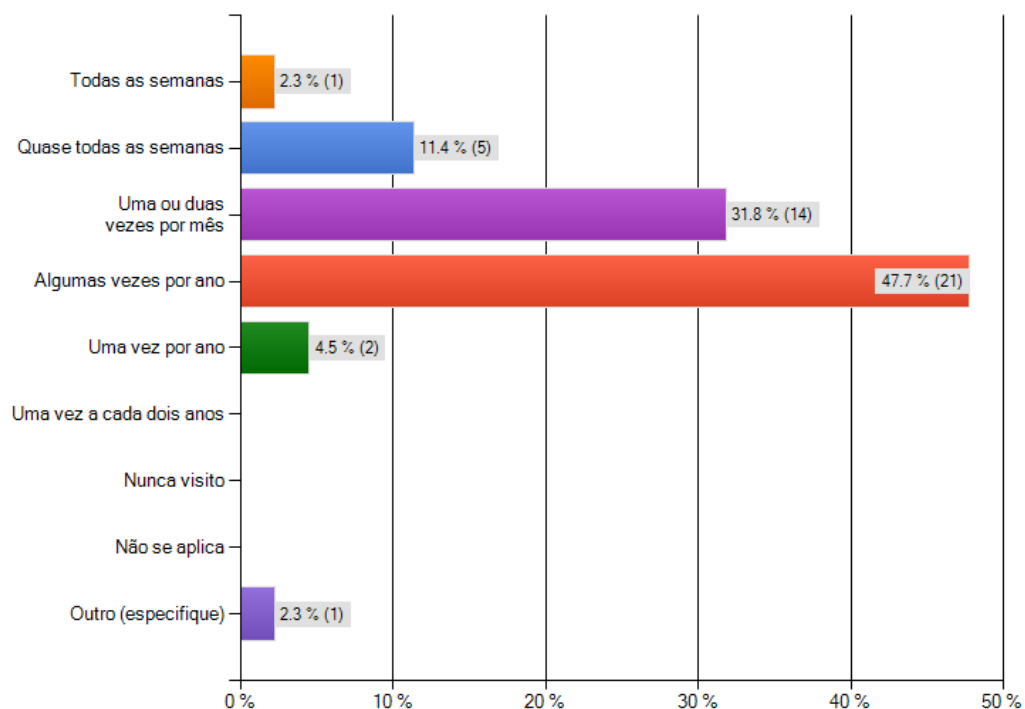


Tabela 02: visita atual dos envecistas a outras igrejas

E antes de participar do NVC, com que frequência você costumava visitar outras igrejas? (Refiro-me a igrejas que não sejam a(s) em que você se congrega)

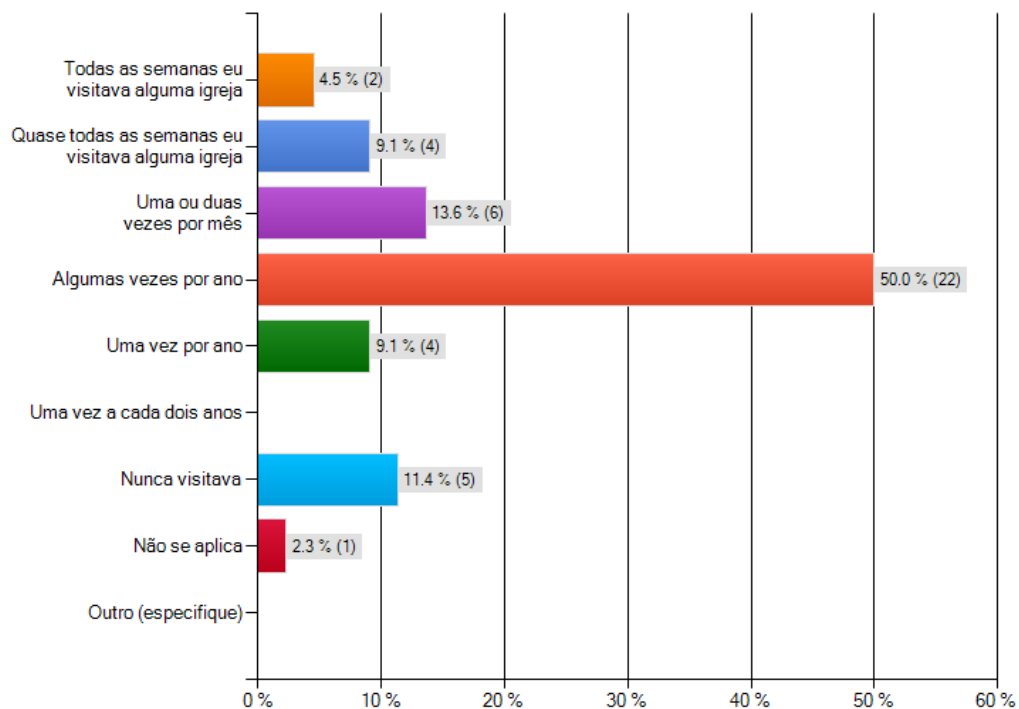


Tabela 03: visita a outras igrejas antes de ingressar no NVC

A sobreposição dos dados nos mostra, por exemplo, que o contingente dos que responderam que atualmente costumam visitar outras igrejas “Todas as semanas”, “Quase todas as semanas” e “Uma ou duas vezes por mês” é de aproximadamente 45%. Quanto à visita a outras igrejas antes de ingressar no NVC, os números mostram que apenas cerca de 27% dos respondentes responderam que o faziam “Todas as semanas”, “Quase todas as semanas” ou “Uma ou duas vezes por mês”. Por outro lado, o contingente dos que pouco ou nunca visitavam outras igrejas antes do NVC é bem maior do que o contingente que hoje pouco ou nunca visita outras igrejas. Em relação à visita a outras igrejas no período anterior ao ingresso no NVC, aproximadamente 20% escolheram as opções “Uma vez por ano”, “Uma vez a cada dois anos” ou “Nunca visitava”; quanto ao período atual, o índice dos que escolheram essas três opções é bem menor (4,5%), o que mostra que o montante dos que pouco ou nunca visitavam outras igrejas diminuiu após o ingresso no NVC.

Como já disse, essa maior circulação é explicada grandemente pelo maior número de amigos em outras igrejas. Isso ocorre porque parte significativa dos convites de encontros enviados aos envecistas por algum colega são para cultos ou outras atividades consideradas “especiais” nas igrejas, que geralmente são complementados pela ida a algum outro local — quase sempre uma lanchonete —, onde podem *praticar* a amizade por meio de momentos de sociabilidade.

Como um teste à fidedignidade desta interpretação, resolvi estratificar meus dados em duas categorias e ver os percentuais de visita a outras igrejas de cada uma delas. Na primeira categoria eu agrupei os que responderam que três ou dois de seus três melhores amigos na UnB eram do NVC (o que é índice da extensão e da intensidade da amizade no Núcleo); na segunda estão os que responderam que dos três melhores amigos da UnB apenas um ou nenhum era do NVC. Aproximadamente 35% (7 em 17) dos respondentes dessa segunda categoria — lembrando, composta dos que têm menos “melhores amigos” no NVC —, disseram que costumam visitar outras igrejas “Todas as semanas”, “Quase todas as semanas” ou “Uma ou duas vezes por mês”. Na categoria dos que têm mais “melhores amigos” no NVC, o índice de visita a outras igrejas foi significativamente maior: aproximadamente 52% (14 em 27).

Em suma, o que meus dados parecem mostrar é que a vivência em um coletivo como o NVC repercute no estabelecimento de amizades de seus participantes, que passam a ter

muitos amigos em outras denominações, amigos esses que fazem parte do coletivo que faz as vezes de “família de fé”. Tais amizades, que se expressam visivelmente através de encontros (nos quais estão os convites para atividades em igrejas), repercutem na prática de o fiel circular por outras igrejas significativamente mais do que o fazem os crentes que não participam de grupos interdenominacionais.

Qual o significado dessa maior circulação? Sem pretensão de esgotar seus significados, eu arriscaria uma interpretação. Ela parece se coadunar, para além das motivações “amicais”, com uma mensagem recorrentemente difundida pela liderança do NVC: a de negação do denominacionalismo, ou seja, do “Fervor que o fiel dedica à sua denominação” (Andrade, 1998, p. 113), a qual também pode ser uma das motivações para a circulação. O NVC é um coletivo diverso que para lidar com a diversidade interna difunde uma mensagem em que as denominações têm pouca importância (“vamos focar no que nos une”, “não importa a placa da igreja”). Assim, por exemplo, uma das orientações que o envecista recebe é a de que evite indagar os “novatos” a respeito de sua filiação denominacional, fator desimportante frente ao que realmente importaria: seguir a Jesus. A circulação, portanto, poderia ser lida como uma negação ao denominacionalismo, a qual seria uma das características do NVC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto foi um primeiro empreendimento de seu autor visando a colaborar para o preenchimento da lacuna dos estudos sobre organizações paraeclesiais voltadas à evangelização de espaços de ensino superior no Brasil. Nele busquei passar a limpo linhas que julguei importantes da vida, do dia a dia, dos projetos e atividades associados ao coletivo cristão/estudantil Núcleo de Vida Cristã, atuante na Universidade de Brasília há mais ou menos 18 anos. Trata-se de um mapeamento, ancorado em uma experiência localizada, mais voltado a registrar elementos centrais desse coletivo cristão do que propriamente a discuti-los em profundidade, o que requereria um esforço de pesquisa maior do que o que foi possível despendar nessa que ainda é uma pesquisa em estágio inicial.

Nessas considerações finais, gostaria de ressaltar alguns fatos expostos ao longo deste trabalho, os quais me parecem merecer uma menção especial, seja por sugerir questionamentos interessantes, seja por lançar hipóteses a respeito de temas caros à literatura especializada sobre as paraeclesiais e/ou sobre o campo da religião em geral.

Vimos que a forte ênfase institucional do NVC sobre a evangelização não corresponde estritamente aos motivos pelos quais os envecistas participam do coletivo. A postura do NVC-instituição se coadunaria com o perfil geralmente atribuído pelos analistas às paraeclesiais — como vimos, o de que seriam evangelizadoras. Seus membros, ainda que valorizem a empreitada evangelística, parecem estar mais inclinados para o convívio entre cristãos e para o fortalecimento mútuo. Talvez isso esteja na base da aparente pouca funcionalidade do NVC — a julgar pelos dados do *survey* concernentes à quantidade de envecistas que foram “frutos” da ação evangelizadora do NVC — para “ganhar vidas para Jesus”.

A discrepância que vimos entre objetivos institucionais, de um lado, e vontades e motivações individuais, por outro, sugere que há por trás desse perfil evangelístico das paraeclesiais, em nível individual, outras motivações e outros objetivos que são perseguidos por seus participantes a despeito das ênfases institucionais. Penso que seria bastante rico perscrutar tais motivações, o que poderia ser feito mediante etnografia e/ou outras ferramentas que ponham no centro da análise os indivíduos. Tal esforço poderia

refundar em uma complexificação do funcionamento das paraeclesiásticas, o que seria muito bem-vindo, face aos enfoques mais políticos, organizacionais e teológicos predominantes na literatura.

As paraeclesiásticas teriam, segundo Willmer et. al. (2008), funções mais específicas (como a conversão de um dado público, por exemplo), enquanto que a igreja/denominação teria um leque de funções mais abrangente. O que o presente trabalho sugere, todavia, é que mesmo as paraeclesiásticas podem ter funções tão abrangentes como as igrejas. O Núcleo de Vida Cristã, embora anuncie dois grandes objetivos (evangelizar e fortalecer os cristãos da UnB), se desdobra em série intrincada de atividades que parecem ir ao encontro de várias funções. Há atividades de todos os matizes, que cobririam necessidades evangelísticas (impacto, evangelização de quarta-feira, por exemplo), de comunhão (reunião quinzenal às quintas-feiras), de oração/intercessão (a outra reunião das quintas-feiras), e assim por diante.

Na linha do que havia apontado Novaes (2001), esta dissertação ressaltou a importância das ferramentas virtuais de comunicação para a organização e comunicação desses jovens estudantes, embora sem poder mostrá-la exaustivamente pelas limitações da pesquisa tais como expostas no capítulo introdutório. E isso sugere que, em paraeclesiásticas como o NVC — vividas e voltadas ao público (em geral, jovem) das universidades — o uso da internet seria elemento de significativa importância. Um promissor próximo passo de pesquisa a ser dado seria verificar se em outras paraeclesiásticas, voltadas a outros públicos, o uso da internet teria a mesma importância que tem no NVC e, pelas indicações localizadas que fiz ao longo do trabalho, em outras paraeclesiásticas universitárias. Seria, por outras palavras, verificar se tal modalidade comunicativa poderia ser considerada uma distintividade em relação às denominações, em geral fincadas na comunicação *off-line*.

Como vimos, a experiência em uma paraeclesiástica como o NVC não parece repercutir no abandono da igreja por parte do fiel. Este parece continuar a achar fundamental estar congregado em uma igreja, embora tenda a perder seu veio denominacionalista e a circular pelas denominações com uma amplitude provavelmente maior do que a de não participantes de paraeclesiásticas. Essa seria uma característica das amizades interdenominacionais que um crente encontra em um grupo igualmente interdenominacional. Creio que seria interessante ir além nessa mesma vereda de

reflexão e buscar outras consequências associadas a essas amizades e a essa circulação. Uma possibilidade, de muitas, seria verificar como essas amizades repercutiriam nas redes de ajuda mútua que geralmente envolvem os evangélicos. Tais redes em uma congregação, por exemplo, teriam “pouca extensão lateral”, embora tivessem efeito de organização e de proteção para o fiel (Almeida, 2009). Teriam tais redes nas paraeclesias maior extensão lateral do que nas congregações? O efeito delas diferiria do das redes de indivíduos restritos a uma vivência coletiva na congregação? Outra possibilidade seria avaliar se haveria funcionalidade da circulação interdenominacional para um maior “trânsito religioso”, termo entendido aqui como a troca de uma alternativa religiosa por outra (Almeida, 2010). Em outras palavras: a visita a várias igrejas favoreceria a troca de uma igreja por outra?

Não será tarefa minha resolver esse leque de questões nesta dissertação. Espero, não obstante, que as sugestões e hipóteses que ela trouxe à luz sejam de valor na orientação e/ou na inspiração dos próximos passos da pesquisa — a minha e a de eventuais pesquisadores interessados na temática —, pesquisa essa que continua a mostrar-se bastante necessária ao maior matizar do campo dos estudos socioantropológicos da religião no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Ronaldo de; MONTERO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, 15(3), 92-101, 2001.

ALMEIDA, Ronaldo de. Pluralismo religioso e espaço metropolitano. In: MAFRA, Clara; ALMEIDA, Ronaldo de. **Religiões e cidades: Rio de Janeiro e São Paulo**. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

ALMEIDA, Ronaldo de. Religião em trânsito. In: MARTINS, Carlos Benedito; DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Horizontes das ciências sociais: antropologia**. São Paulo: ANPOCS, 2010

AMARAL, Rita. Antropologia e internet: pesquisa e campo no meio virtual. In: **OS URBANITAS - Revista digital de Antropologia Urbana**, 1(1), 2003. Disponível em: <<http://www.n-a-u.org/Amaral1-a.html>>. Acesso em: 31 dez. 2010.

ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário teológico**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Outline of a Theory of Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

BOURDIEU, Pierre. **The logic of practice**. Stanford: Stanford University Press, 1990.

CAIAFA, Janice. **Jornadas urbanas: exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

CAMPOS, Leonildo. Os mapas, atores e números da diversidade religiosa cristã brasileira: católicos e evangélicos entre 1940 e 2007. **Revista de Estudos da Religião - REVER**, 8, 2008.

CAMURÇA, Marcelo. Religiões no Censo de 2000. **IHU Online**, 169, 2005. (Entrevista)

CRAIG, William Lane. **Apologética para questões difíceis da vida**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

DATAFOLHA. As religiões dos brasileiros. **Folha de S. Paulo**, Caderno Especial. (Publicado em: 06/05/2007)

DUARTE, Luiz Fernando. Dias; GOMES, Edlane Campos. **Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

- DUARTE, Tatiane dos Santos. "**A casa dos ímpios se desfará, mas a tenda dos retos florescerá**": a participação da Frente Parlamentar Evangélica no legislativo brasileiro. 2011. Dissertação de Mestrado (PPGAS/UnB). Universidade de Brasília, Brasília.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERNANDES, Rubem Cesar et. al. (orgs.). **Novo nascimento**: os evangélicos em casa, na igreja e na política. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- FONSECA, Mônica Padilha. **O movimento estudantil como espaço dialógico de formação**. Trabalho de conclusão de curso (Faculdade de Educação). 2008. Universidade de Brasília, Brasília.
- FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment. Campinas, Tese de doutorado em sociologia, IFCH-Unicamp, 1993.
- GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- GEISLER, Norma; TUREK, Frank. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. Tatuapé, SP: Vida, 2006.
- GIDDENS, Anthony. **The Consequences of Modernity**. Stanford: Stanford University Press, 1990.
- GIUMBELLI, Emerson. Para além do "trabalho de campo": reflexões supostamente malinowskianas. **Rev. bras. Ci. Soc.** [online]. 2002a, vol.17, n.48, pp. 91-107.
- GIUMBELLI, Emerson. **O fim da religião**: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França. São Paulo: Attar Editorial, 2002.
- HÖLLINGER, Franz. Esoterismo, ciência e política: a Nova Era entre estudantes universitários. In: SIQUEIRA, Deis; LIMA, Ricardo Barbosa de (orgs.). **Sociologia das adesões**: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil. Rio de Janeiro: Garamond/Vieira, 2003.
- HOLSTON, James. **A cidade modernista**: uma crítica de Brasília e sua utopia. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- HUGHES, Everett Cherrington. Dilemmas and Contradictions of Status. **The American Journal of Sociology**, 50(5), 1954, pp. 353-359.
- JACOB, Cesar Homero et. al. **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.
- JESUS CAMP. Direção: Heide Ewing e Rachel Grady. Loki Films e A&E IndieFilms. 2006.

- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- LEACH, Edmund. **Repensando a antropologia**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- LIMA, Venício. **O coronelismo eletrônico evangélico**. Observatório da imprensa, 26/08/2009. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimpresa.com.br/artigos.asp?cod=500JDB002#>>. Acesso em: 20 nov. 2009.
- LIMBAUGH, David. Prefácio. In: GEISLER, Norman; TUREK, Frank. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. Tatuapé, SP: Vida, 2006.
- LONGUINI NETO, Luís. **Missões de fé e evangelismo**: sobre a contradição das paraeclesiásticas no Brasil. Contexto Pastoral, 27, 1995.
- Lyon, David. **O cristão e a sociologia**. São Paulo: ABU Editora, 1996.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo, SP: ANPOCS, 1996.
- MAFRA, Clara. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- MAFRA, Clara. Distância territorial, desgaste cultural e conversão pentecostal. In:
- MAFRA, Clara; ALMEIDA, Ronaldo de. **Religiões e cidades**: Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor (org.); TORRES, Lílian De Lucca (org.). **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996.
- MAGNANI, José Guilherme C. **Mystica Urbe**: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole. São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- MAGOLDA, Peter Mark; EBBEN, Kelsey. College Student Involvement and Mobilization. An Ethnographic Study of a Christian Student Organization. **Journal of College Student Development**, 47(3), 2006, pp. 281-298.
- MAGOLDA, Peter; EBBEN, Kelsey. Students Serving Christ: Understanding the Role of Students Subcultures on a College Campus. **Anthropology & Education Quarterly**, 38(2), 2008, pp. 138-158.
- MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. Estud. Av. [online]. 2004m vol. 18, n. 52, PP. 121-138.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MARSHALL, Gordon. **Oxford Dictionary of Sociology**. New York: Oxford University Press, 1998. (Post-Modernism entry)

MAUSS, Marcel. A prece. In: MAUSS, Marcel. **Ensaaios de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, p. 229-324, 1981.

MENDES, Chirley Ferreira. **Quando você se identifica você dá a vida por aquilo: identidade e laços sociais no Grupo de Oração Universitário da Unimontes**. Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes. Curso de Bacharelado em Ciências Sociais. Montes Claros - MG, junho/2009.

McMURTRIE, Beth. Crusading for Christ, amid keg parties and secularism. **The Chronicle of Higher Education**, 47(36), 2001. (Não paginado.)

MENDONÇA, A. G.; VELASQUES FILHO, P. **Introdução ao protestantismo no Brasil**, São Paulo, Loyola, 1990.

MORAN, Christy D.; LANG, Dennis J.; OLIVER, Jenea. Cultural Incongruity and Social Status Ambiguity. The Experiences of Evangelical Christian Student Leaders at Two Midwestern Public Universities. **Journal of College Student Development**, 48 (1), 2007, pp. 23-38.

NERI, Marcelo C. **O novo mapa das religiões**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

NOVAES, Regina. Apresentação. In: FERNANDES, Rubem Cesar (org.). **Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
NOVAES, Regina. Juventude e religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas. In: SANCHIS, Pierre (org.). **Fiéis & cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

NOVAES, R.; MELLO, C. Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos. **Comunicações do ISER**, v. 57, 2002.

ORO, Ari Pedro. Religião, laicidade e cidadania. In: ORO, Ari Pedro (org.). **A latinidade da América Latina: enfoques socioantropológicos**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

ORTNER, Sherry B. **New Jersey Dreaming: Capital, Culture, and the Class of '58**. Durham/London: Duke University Press, 2003.

PACOMIO, Luciano et. al. **Lexicon: Dicionário Teológico Enciclopédico**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

PADILHA, René. **O que é missão integral?** Viçosa, MG: Ultimato, 2009.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PROCÓPIO, Carlos Eduardo P. **Universidade, formação e missão: o movimento dos grupos de oração universitários carismáticos, 2008**,/ Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião), UFJF, Juiz de Fora, 2008.

PROCÓPIO, Carlos Eduardo P. A RCC na universidade: transformando um campo de conhecimento em um campo de missão. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo. **Novas comunidades católicas**: em busca do espaço pós-moderno. Aparecida-SP: Ideias e Letras, 2009.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. **Evangélicos e mundo estudantil**: uma história da Aliança Bíblica Universitária do Brasil (1957-1981). Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2011.

REZENDE, Claudia Barcellos. Mágoas de amizade - um ensaio em antropologia das emoções. **Mana** 8(2): 69-89, 2002.

ROCHA, R. C. **Esconjurção das sociabilidades profanas**: conversão ao pentecostalismo na periferia de Mossoró/RN. 2010. 85 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró.

SANCHIS, Pierre. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (orgs.). **Globalização e religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SANCHIS, Pierre. Religiões, religião... alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. In: SANCHIS, Pierre (org.). **Fiéis & cidadãos**: percursos de sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

SANTOS, Valmir Nascimento Milomem. **Cosmovisão cristã e confronto de poderes no contexto universitário**. Disponível em: <www.comoviveremos.com.br>. Acesso em: 02 set. 2011. (Texto base utilizado na 7ª Consulta Nacional de Evangelismo Universitário - BH - Agência Pés Formosos) (Texto não paginado)

SARAGOÇA, Yara C. B. Evangelizando "homens de negócio": o pentecostalismo e o empresariado. 2003. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFSCAR, São Carlos, SP.

SCHÉITLÉ, Christopher P. **Beyond the Congregation**: Christian Nonprofits in the United States. PhD Thesis, The Pennsylvania State University, College of the Liberal Arts, 2008.

SCHÉITLÉ, Christopher P. **Beyond the Congregation**: the World of Christian Nonprofits. New York: Oxford University Press, 2010.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: EDUSP, 2006.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005.

SPYER, Juliano. **Conectado**: o que a internet fez com você e o que você pode fazer com ela. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

STAVENHAGEN, Rodolfo. Classes sociais e estratificação social. In: FORACCHI, Marialice M.; MARTINS, José de Souza. **Sociologia e sociedade**: leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro: LTC, 2008. (pp. 237-249)

- STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva**: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2006.
- TADVALD, Marcelo. Eleitos de Deus e pelo povo: os evangélicos e as eleições federais de 2010. **Debates do NER**, 18, 2010.
- TARDE, Gabriel. **Monadologia e sociologia**: e outros ensaios. São Paulo: Cosacnaify, 2007.
- TURNER, John G. **Bill Bright & Campus Crusade for Christ**: the Renewal of Evangelicalism in Postwar America. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2008.
- VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson (org.). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- SILVA, Valberth Veras. **O Cristão e a Universidade**. Fortaleza, [s.d].
- WAGNER, Peter. **Os cristãos no ambiente de trabalho**. São Paulo: Editora Vida, 2007.
- WAGNER, Roy. A invenção da cultura. São Paulo: Cosacnaify, 2010.
- WHITE, Jerry. **The Church and the Parachurch**: an Uneasy Marriage. Multnomah Press, Portland, 1983.
- WILLMER et. al. **The Prospering Parachurch**: enlarging the boundaries of God's Kingdom. San Francisco: Jossey-Bass Inc., 1998.
- WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio (org.). **O fenômeno urbano**. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- WUTHNOW, Robert. **The Restructuring of American Religion**. Princeton: Princeton University Press, 1989.
- ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.